

Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A
NAMORADEIRA

ROMANCE

TOMO 1

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
DO INSTITUTO HISTÓRICO DO BRASIL
69 — RUA DO OUVIDOR — 69

OBRAS QUE SE ENCONTRAM EM VENDA NA MESMA CASA

Dr. J. M. de Macedo

NINA, romance, 2 vol. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
A LUNETTA MAGICA, romance. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZOS, quadros da escravidão. 2 v. br.....	5\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.....	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc.....	5\$000
MOCO LOUHO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 v. enc.....	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.....	3\$000
ROSA. 2 v. enc.....	5\$000
VICENTINA, 3ª edição. 3 v. br.....	5\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATHIA, comedias, 1 v. in-8º br.....	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8º br.....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$000

J. M. de Alencar

IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª ed. 1 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000
O GUARANY, 3 edição, 2 v. in-8º. enc.....	6\$000
A mesma obra, 2 v. in-4º, enca- dernados.....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance histo- rico, complemento do prece- dente. 6 v. in-8º. br. 12\$000, enca- dernado.....	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v. 1\$500	
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em um prologo, 4 actos e um epilogo. 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.....	1\$000

Senio

O GAUCHO, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.....	6\$000
ATA DA GAZELLA, romance brasi- leiro. 1 v. in-8º br. 2\$000, enca- dernado.....	3\$000

O TRONCO DO IPÊ, romance brasilei-
ro. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc. 6\$000

G. M.

DIVA, perfil de mulher, 2ª edição. 4 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher, 2ª ed. 1 v. enc.....	8\$000

Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contend.: Miss Dollar, Luiz Soares, A mu- lher de preto, O segredo de Au- gusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc.....	3\$000
CHRYSALIDAS. Poesias. 1 v. in-8º br. 2\$, enc.....	2\$600
PHALENAS. Poesias. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
RESSURREIÇÃO, romance, 1 v. in-8º (no prelo).	

Bernardo Guimarães

O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a his- toria da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes. Iv. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombolas, Argentina do	

Respecto
Cabe vobis sicutos
Concedere ad opera e
opere su' a collega
3 vls

A NAMORADEIRA

OBRAS DO MESMO AUTOR

NINA, romance. 2 vol. br. 4\$000, enc.	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 vol. br.	4\$000
enc.	5\$000
A LUNETA MAGICA, romance. 2 vol. br. 4\$000, enc.	5\$000
A MORENINHA. 1 vol. enc.	3\$000
A NEBULOSA. 1 vol. enc.	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 vol. enc.	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO, romance. 2 vol.	
enc.	5\$000
MOÇO LOURO. 2 vol.	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 vol. enc.	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.	3\$000
ROSA. 2 vol.	5\$000
VICENTINA, romance, 3ª edição. 3 vol. br.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES. Quadros da escravidão, 2 vol. br.	5\$000
LIÇÕES DA HISTORIA DO BRASIL. Obra adoptada pelo CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA para uso das escolas do en- sino primario. 1 vol. in-4, enc.	3\$000
THEATRO. 3 vol. in-8, nitidamente impressos e enc.	9\$000
Vol. 1º Luxo e vaidade, Primo da California, Amor e Patria.	
Vol. 2º A torre em concurso, O cego Cobé, Abrahão.	
Vol. 3º Lusbella, Fantasma branco, Novo Othello.	
O 1º volume vende-se separadamente. br.	2\$000

As seguintes peças também vendem-se separadamente :

A TORRE EM CONCURSO.	1\$500
LUSBELLA	1\$500
FANTASMA BRANCO.	1\$500
NOVO OTHELLO	\$500

A NAMORADEIRA

ROMANCE

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

DO INSTITUTO HISTÓRICO DO BRASIL

69 — RUA DO OUVIDOR — 69

A NAMORADEIRA

PRIMEIRA PARTE

I

Era no mez de Maio de 1869, dia das corridas do Jockey-Club do Rio de Janeiro,

Poupo-vos á descripção do *Prado Fluminense*: sabemos todos como elle é, e como a vasta e bella planicie se presta, ampla e lisa, aos certames equestres da utilissima instituição.

Em frente do curvo estadio as archibancadas estavam cheias de espectadores de ambos os sexos e o campo, principalmente ao lado esquerdo, se mostrava semeado de elegantes cavalleiros e graciosas amazonas, de carruagens, *coupés*, phae-

tontes, carrinhos, uns ostentando orgulhosos nos quadros das armas a aristocracia da casa á que pertencião, e a maior parte confessando na marca do numero policial a sua condição democratica do aluguel, e todos, carros e cavalleiros, apparecendo aqui e ali, como ilhados, no meio do oceano da multidão de povo.

A concurrencia numerosissima de amadores e de curiosos é sempre certa para as tres corridas annuaes do Jockey-Club; mas se, entre os amadores, alguns ha que realmente não o são e que só apostão por moda e por ostentação, entre os curiosos muitos acodem ao Prado Fluminense mais pela gente que se reune, do que pelos cavalloos que devem correr, e especialmente as senhoras vão menos para ver do que para ser vistas.

Nesta observação não me refiro ás miseras proscriptas da sociedade decente que, em toda parte onde em publico espectaculo a porta de entrada sem reservas se escancara, fazem alardo do esplendor que será ephemero e do luxo escandaloso que apregoa abjecção famosa; tendo por fim, em espargimento de lascivos invites, abrir novas fontes alimentadoras da sua auri-brilhante degradação.

Eu dice ou escrevi *senhoras*: tive portanto no pensamento as *senhoras* exclusivamente.

Mas também as *senhoras* se aprazem de ostender fasto e magnificencia, e muito mais, e ainda sem fasto nem magnificencia, a riqueza e o encanto de suas graças physicas.

Estão no seu pobre direito, quando não abusão desse direito.

Creamos e educamos nossas filhas tam vâmente preocupados da idéa de preparal-as para agradar e captivar o homem com os adornos do espirito, com a belleza do rosto, com a gentileza do corpo, e com os enfeites dos vestidos, que por isso ellas recebem de nós uma segunda natureza na vaidade.

Não nascerão vaidosas, não: poderião não te-lo sido; mas os paes plantão a vaidade no berço das filhas.

Assim impellidas pela segunda natureza que a educação lhes impôz, as senhoras, qualquer que seja o seu estado, a donzella, a casada, a viuva, almeirão parecer bellas á todos, e tem o seo mais suave gozo na admiração respeitosa e, se for possivel, geral da sua boniteza ou da sua formosura; até ahi fraqueza innocente, vaidade que troucerão do berço, erro não dellas, mas de

seos paes: até ahi estão no seo direito, pois que absoluta e irresistivelmente as creação vaidosas.

Se porém é licito á donzella e á viuva distinguir algum dos seus admiradores, e com prudencia attender aos signaes de honesta affeição, desde que o julga digno de ser seo marido, a senhora casada não deixaria perceber mesmo de leve semelhante distincção sem desdouro proprio e sem expor-se á injuriosas ousadias: do mesmo modo, a donzella e a viuva, se levemente multiplicassem as distincções, ou ainda, se tolerassem galanteios que a esperança de casamento não desculpasse, abuzarião do seo direito de vaidade e o abuso só á ellas seria nocivo.

É um erro muitas vezes fatal acreditar que uma joven loureira, facil em permittir que lhe fação amorosa côrte, é apenas um anjo travesso e livre tanto de reparo publico, quanto de possiveis e consequentes hallucinações della propria.

O galanteio, ou mais vulgarmente o *namoro*, é para o juizo dos estranhos espaço illimitado aberto á suspeita ou á imaginação de todas as fraquezas e concessões da joven namoradeira, e para esta é um throno de lisonja com docel e degrãos de flôres recedentes a borda do mais fundo abismo.

Às vezes a donzella, a senhora casada ou a viuva consegue não cahir no abismo; ás vezes porém precepita-se, quando menos o espera: é loucura lamentavel ensaiar as proporções de virtude, que o galanteio já tornou muito duvidosa, pelo goso vão de thurificações lisonjeiras.

Mas a educação que em geral é dada á mulher, criando-a frivola e desvanecida, não póde marcar limites á paixão de agradar, e á paixão de ser adorada que, perigosamente, inacula no coração da pobre victima condemnada na vida á excessiva ambição do amor, e talvez ao sonho do dominio absoluto sobre um homem: ensina-se desde o berço a mulher á ser vaidosa; não ha porém ensino que tenha o poder de impôr uma bitola a vaidade da mulher, e por tanto da-se lhe apenas nesse grave defeito um carro de Phaetonte.

É quasi sempre por desvanecida que uma senhora começa á ouvir o elogio e as lisonjas, harmonias embriagadoras e soporíferas que a fazem ás vezes esquecer as chaves da sua fortaleza: é sempre por desvanecidas que algumas senhoras, com a mais arriscada leviandade, animão a *corte* dos thurificadores que as cercão, mal intencionados ou não, e que ainda mais imprudentemente se envenenão e aviltão-se moralmente no costume vicioso do galanteio.

Compromettedor, perigoso para todas as senhoras, qualquer que seja a classe social á que pertença, o galanteio é na joven pobre ainda mais ameaçador de fataes consequencias, porque essa tem na sua pureza o seu unico thesouro, e porque a sociedade injusta e cruel suspeita sempre mais facilmente a humiliação e a deshonra na pobreza.

Para que estas considerações não pareçam de todo despropositadas, basta um simples episodio, um passageiro quadro vivo d'entre muitos outros de que talvez se guardem ainda suaves lembranças, e que multiplicarão os gozos e enlevos desse dia de Maio de 1869 no Prado Fluminense.

II

Chegára o intervallo principal das corridas.

Operou-se movimento geral: filas de espectadores desertarão por breve prazo das archibancadas; a multidão, que era compacta, derramou-se como exercito que se debanda: em vez de estação, passeio; em vez de agglomeração, afastamento e espaços livres por entre o povo que se dissiminava alegre.

Esplendia o prazer em todos os semblantes: o dia era formoso; e branda a viração soprava, mitigando os ardores do sol brasileiro.

No meio dessa festiva desordem de entre-acto formarão-se, de subito e como em torno de um unico ponto, pequenos grupos de homens cujos olhos parecião buscar um só e o mesmo objecto: as senhoras que hião passando ou que paravão, tambem convergião suas vistas para o mesmo alvo; havia porém uma differença na expressão

do olhar : os homens contemplavão, as senhoras examinavão.

Essa concentração de tantos olhos enlevados ou curiosos era o triumpho da lindeza e da graça.

Uma senhora, ainda muito joven, acompanhada por um cavalheiro, que embora ainda não fosse velho, era sem duvida seu pae, tinha parado á curta distancia das archibancadas e onde a sombra mais suave se projectava.

Parecia ella não contar menos, de dezoito annos, nem mais de vinte : sua estatura excedia um pouco a ordinaria, o seu talhe era delgado, e sua cabeça admiravelmente graciosa.

Tinha os cabellos finissimos, de cor entre castanho e ouro, que soltos cahirião em ondas vultuosas e longas, a fronte espaçosa marcava um terço do rosto ; supercilios regulares, separados e suaves, desenhavão-se em branda curva, e com os cilios abundantes e longos temperavão o ardor dos olhos pretos, radiantes, não demaziado grandes, e tam lindos como travessos ; o nariz, acurvado de leve entre os olhos, elevava-se serenamente até acabar com perfeita proporção, tendo as azas distinctas e de subtil mobilidade de modo a fazer lembrar a Venus de Milo ; a

boca era pequena, os labios roseos e iguaes, mostrando-se o superior coroadado por um traço apenas perceptivel de cinzento buço, os dentes erão formosos, e o rosto rematava-se com o queixo graciosamente convexo dos lados e offercendo ligeiro avançamento de sua extremidade inferior.

A tez desse minoso semblante não offuscava pela alvura: a sua cor era uma gradação maravilhosa de branco e moreno, que o embellecia ainda mais, e em suas faces annunciãvãose uns longes de rubor talvez pelos beijos ouzados de alguns raios do sol e pelos fervores do expectaculo.

A joven tinha corpo digno do seu rosto: pescoco elegante, peito largo, e bellas espaduas, delicados seios denunciando-se em virginal entono, cintura fundo valle entre duas elevações pronunciadas e de formas e ondulações encataadoras; e mãos e pés de inexcediveis delicadeza e formosura davão-lhe com o sceptro da lindeza o condão de encanto soberano.

Em seo trajar não podia infelismente pretender fôros de modesta: trazia vestido de nobreza de cor escarlata; a saia era guarneçada com cinco viezes de setim vermelho-escuro, tunica

da mesma cor com igual guarnição, á descer-lhe por ambos os lados da golla do corpinho até a cintura, e á enfeitar-lhe a borda inferior ; de cada lado a tunica arregaçada prendia-se a grande nó redondo feito de setim do mesmo matiz e collocado um pouco para tras: os mesmos viezes nos hombros e nos punhos, e cinto da cor dos viezes, calçava luvas de pellica branca ; com o favor do seo vestido curto mostrava as botinas de setim tambem de vermelho escuro e, enfim, adornava a cabeça com um chapeosinho de veludo preto, que faceiramente inclinára sobre á frente, deixando ao brinco das auras a pluma de pennas de garça.

Evidentemente *toilette* de matiz tam vivo e marcado, que obrigava a attenção, essa moda de vestido curto que a fazia patentear á todos os olhos o mimo de seos pés, e suas pernas quasi até o tornozelo, não indicavão innocente simpli-
cidade de donzella; nem melindrosa pudicicia de quem já sabe corar e o porque córa.

Mas em seos modos, em seo olhar, em seo rir a linda joven desafiava, voluntariamente ou não, ainda mais viva e curiosa attenção dos circumstantes.

Muito faceira, alegre, risonha, mobil, olhando

em torno sem distincção nem preferencia, certamente, porém, assegurando se de que era olhada, fallando ao pae, e quasi não o escutando, abrindo, fechando e meneando como descuidada o seo mimoso leque, pensativa alguns instantes, e logo radiosa, engraçada nos gestos, habil em attitudes que parecião sem artificio e que mais realçavão as bellas fórmãs e contornos de seo corpo, ella indiciava contradictoriamente reservas de malicia e expansões de innocencia, confissões de leviandade, e seguranças de singeleza, provocação e indifferença, olhos á incendiar, e coração á não sentir, abandono de si n'um instante, e recato logo depois, rir de menina, olhar de moça, e gravidade de matrona.

Era uma charada tendo por conceito a palavra : — inconsequência.

Quem considerava reflectidamente essa joven, confundia-se e hesitava antes de formar um juizo; porque pela pureza angelica de sua face, pela volubilidade de seos modos, pela faceirice de seos gestos, pelo desafio á ser olhada, pela ostentação das fórmãs encantadoras de seo talhe, e pela escolha atrevida do seo *toilette*, ella podia ser tudo, candida e innocente donzella, aventureira namoradeira, e, quem sabe?... até mesmo

dissimulada e recente adepta em reprovados cultos.

A duvida era ainda mais forte incentivo de observação e curiosidade, e a joven, em todo caso formosa e arrebatadora, obrigando attensões, conjecturas vagas, admiração, reparos e tambem inveja, dominava ali, ao menos como ponto objectivo do estudo, do exame, da contemplação e do enlevo de todos.

Os homens dizem á uma voz: — anjo!...

Algumas senhoras disserão entre si: — demonio!...

E quasi todas murmurárão: — indecorosa!...

E homens e senhoras tinham esquecido a unica palavra que podia definir perfeitamente a joven de vestido da côr de escarlata.

A palavra era esta: — *Namoradeira.*

III

Um dos grupos de admiradores da bella joven, talvez o menos numeroso, compunha-se de dous mancebos de pouco mais de vinte annos, um velho que se aproximava dos setenta e de um homem sem idade; porque contava, mas não confessava sessenta annos, tingia de preto os cabellos e a barba, e com escrupuloso zelo disfarçava tanto quanto podia a velhice com os mil tormentos que se chamão soccorros do toucador.

Erão todos quatro de perfeita elegancia no vestir: o velho confesso sabia escapar ao ridiculo, recuando ante os extremos da moda, o outro sem exageral-a, observava-a solícito: dos quatro erão cazados um dos mancebos e o homem sem idade; ambos porém olhavão com interesse e ardor para a objectiva commum.

Nenhum delles conhecia nem a joven nem o

cavalleiro que a acompanhava e que parecia ser estrangeiro.

— Tio Innocencio, disse ao velho confesso o mancebo que não era cazado; vossa mercê á cada movimento que faz, me condemna aos martyrios de um eclipse cruel, interpondo-se entre o sol e a terra.

— Geraldo, eu sou apenas lua em phase minguante, e não poderei fazer-te sombra; mas na verdade a menina é encantadora!... se estás apaixonado por ella, toma cuidado com o barão...

E Innocencio apontou para o outro mancebo, que sorrio-se presumido, e, esquecendo completamente a sua baroneza, á quem deixára na archibancada e que, em compensação tambem, não o lembrava muito, entretida com a amena conversação de um primo, marido de u na das suas amigas, que aliás não viera ás corridas.

Geraldo respondeo ao tio:

— Pouco me arreceo do barão; porque muito confio nos ciumes da baroneza: em caso de rivalidade saberei denuncial-o á sua legitima proprietaria. Quem mais apprehensões me cauza é o commendador Ernesto.

— Ah! disse este, fingindo-se grave; eu sou inoffensivo... um homem cazado!...

— Vae pregar em outra freguezia, seductor professo e envelhecivel! acudio Innocencio.

Ernesto sorrio-se, como o barão pouco antes se sorrira.

— Mas eu nunca vi olhos tão endemoninhados!... murmurou Geraldo; a belleza daquella moça é um precipicio...

— O diabo é eu não poder precipitar-me sem anachronismo! observou Innocencio.

— E como lhe assenta aquelle vestido da côr do fogo do inferno!... disse o barão.

E acrescentou logo :

— Ella calça botinas evidentemente mais pequenas do que as da baroneza!... por dous dias da minha vida eu quizera ver entre as minhas mãos aquelles dous pez-sinhos de princeza encantada!...

— O barão está acalcanhado!

— Quem será esta moça?...

— Seja quem fôr, é maravilhosamente bella!...

A joven não podia ouvir; mas sem duvida advinhou o que naquelle grupo e em outros se dizia sobre ella; porque, dissimulando a vangloria da impressão que estava produzindo, e arriscando-se embora á conjecturas e apreciações menos honorificas, já á todos fallava com a eloquencia

travessa de sua phisionomia tornada em campo de manobras, — com os seus olhos que as vezes dardejavam vistas penetrantes que parecião interrogar sem exigir nem temer a resposta, e as vezes tendião á cerrar-se arteiros por effeito de ligeira contracção da porção inferior do orbicular palpebral; — com sorrisos feiticieiros, e requebros não exagerados, — com os mil segredos emfim da tactica loureira.

Os quatro amigos, que tam occupados em admira-la se mostravão, cada vez mais affoutos e impertinentes a consideravão; pois que evidentemente o pai ou o cavalheiro que a acompanhava, não sabia zelar bastante o thesouro confiado á sua protecção.

A intimidade desses quatro amigos tam distinctos pela idade e pelas condições, o seu curso exotico na contemplação namoradora da joven, sendo um delles tio, outro sobrinho, casados dous, e dous já velhos, admiraria por certo, se não fossem tam communs na nossa sociedade o escandalo com que homens casados zombão da fidelidade conjugal, e a estulticia dos velhos que sacrificão a veneração que lhes é devida á affectação de sentimentos que devem ser flammas e que já não podem escapar ao ridiculo, quando se ostentão no inverno da vida.

Mas nem o joven barão lembrava a sua baroneza, nem Innocencio e Ernesto pensavão na sua idade, e, além do goso de seos olhos, só se preocupavão de saber quem era aquella moça tam linda como gentil.

Felizmente appareceo um mancebo, de apurada louçainha, que, dirigindo-se ao grupo dos quatro amigos, passou por diante da joven e do seo cavalleiro, e os cumprimentou, friamente e sem chegar-se á elles.

— Optimo ! disse Geraldo ; Cezar os conhece.

Cezar era um taful, rico herdeiro, que se occupava em gastar alegremente e em vida de prazeres e festas a fortuna accumulada por seo pae. Sua riqueza dera-lhe carta de naturalisação na alta sociedade, onde, por adventicio e por apoucada intelligencia, exagerava o orgulho e as pretenções de nobreza.

Procurando gente da sua igualha, Cezar foi apertar as mãos dos quatro elegantes.

— Casquilho ditoso !... conheces pois aquella *revelação* ?... perguntou-lhe Geraldo.

— Que revelação ?...

— Ah ! a formosa moça, á quem cumprimentaste...

— Ora !... sim !... na verdade é uma rapariga bonita...

— Rapariga?... quem é ella?

Cezar fez com os labios um momo indicador de despreso e respondeo:

— É filha de um italiano, pobre diabo de artista, que ha dous annos me serve, como afinador de piano.

— Ah! elle é musico?...

— É pintor e jardineiro, e tudo... é tambem achitecto, diz elle.

— É, palavra de honra!... fez um monumento admiravel!... como se chama elle?...

— Ursini.

— Bem; mas não era o nome do pae, que eu te pedia: como se chama o monumento?...

— O monumento?

— Sim! ella?...

— Ah! chama-se Rosina.

— Rosina! o nome é quasi o da rainha das flores; mereço-o...

— Até pelos espinhos...

— Já se vê que os experimentaste...

— Não o négo: distingui-a, como podia distinguir uma mulher da sua classe...

— E ella?...

— Não é esquiva: mas tem pretensões revoltantes: respondeo ao meo capricho com idéas de casamento!... espinhou-me, e eu fugi.

— Mas é bella como um anjo!...

— Inconstante e vaidosa, beija-flôr e pavão.

Como se tivesse ouvido o que em voz baixa estava dizendo naquelle grupo, e como se quizesse protestar contra a lembrança do pavão, Rosina, apoiando uma das mãos no hombro de Ursini, avançou um de seus pés delicadissimos e, apparentemente descuidosa, poz-se por breves momentos á traçar circulos na area com o bico da botina.

— É um pé de princeza ou de cherubim!... disse o velho Innocencio.

— Ah! exclamou Cezar; vão continuar as corridas... não posso conter-me aqui!... tenho uma aposta nesta corrida... como é extraordinaria a commoção nestes jogos nobres!... o meo coração está preso ás patas de um cavallo!...

E Cezar para dar-se ares de apaixonado interesse, apartou-se apressado, esquecendo-se de despedir-se dos amigos que ficavão á rir do seo artificial e grotesco exaltamento.

IV

Os jockeys apparecerão em seos cavallo, enfileirando-se para romper a corrida.

Os juizes forão tomar o seo posto.

— Diabo ! disse o barão aos companheiros ; é indispensavel que eu volte para o lado da baroneza.

E ao retirar-se acrescentou á rir :

— Eu me sacrifico ; sejam porém generosos e não abusem da minha ausencia.

O barão que se hia sacrificar, era escandaloso, porque o dizia, ainda mesmo gracejando ; mas, em castigo aliás indesculpavel, era a baroneza quem já havia abusado bastante da sua ausencia, conversando com o primo, que não tinha trazido a mulher ao Prado Fluminense.

A multidão de espectadores acudio outra vez em densas massas, nas quaes cada qual se apresava á tomar posição mais favoravel.

Ursini e Rosina acharão-se na linha mais avançada, tendo immediatamente ao lado Innocencio, Geraldo e Ernesto que se havião esquecido dos seus lugares nas archibancadas.

Em que péze á belleza, Rosina deixára de ser o objecto exclusivo da attenção que até poucos momentos absolutamente absorvia: todos os olhos tinham-se voltado para os cavallos em uma primeira inspecção.

Erão seis os ginetes, e dos seis alguns já conhecidos nos pareos.

— Eu apostei por Lucifer; disse Ernesto.

— Qual delles é Lucifer?

— O do jockey de azul.

— Eu teria apostado por Abdel-kader, o do jockey de verde; disse Geraldo.

— Senhores, exclamou um entusiasta que estava proximo; não apostei por nenhum; mas entre os seis cavallos está—Galerno—e Galerno nunca entrou em pareo que não vencesse.

— Papae! disse Rosina sorrindo, e de modo á ser ouvida, mas simulando-se toda preocupada da corrida que estava prestes á começar; papae, quer apostar comigo?...

— Sobre que?...

— Aposto que é aquelle cavallo alazão o que vae sahir vencedor....

— Ah!... e porque?...

— Porque eu desejo o seo triumpho: não vê?... o jockey do cavallo alazão traz a côr es-carlate que é a do meo vestido.

— Menina!

Rosina corou e mostrou-se confusa, notando que lhe tinham ouvido a manifestação do vaidoso desejo, e como arrependida e enleada chegou-se mais para Ursini, acolhendo-se á sua protecção.

Os espectadores visinhos se haviam rido agradavelmente daquelle desvanecido voto da formosa donzella que almejava o triumpho da côr do seo vestido, e porque faceis se perdoão as innocentes indiscrições de qualquer joven bonita e engraçada, Rosina, que era encantadora, mereceo mais do que perdão; pois que pronunciarão-se logo vivas sympathias pelo feliz alazão.

Rosina conseguira o seo intento: era de novo olhada e admirada, á despeito da curiosidade excitada pela corrida á desfrehar-se; mas sem o ter querido, ella acabava de tomar vivo interesse pelo resultado daquelle pareo: compromettera um pouco a sua vaidade, e ardia já por ver o alazão ganhar o premio.

— Sabe o nome do cavallo alazão?... perguntou Ernesto.

— Romeo; respondeo Geraldo.

— Apostei por Lucifer; abençoaria porém a derrota de Lucifer, se Romeo vencesse.

Rosina conteve á força um meigo sorriso que todavia se atraçouo tanto quanto era preciso para que Ernesto o percebesse.

Tudo isto se passou em breves minutos.

O signal foi dado; os cavallos arremessarão-se, e todos os olhos os seguirão no impetuoso arranco e proseguinte velocidade.

Em torno de Rosina havia naturalmente, para alguns, mais do que o interesse da corrida, o gozo das agitadas impressões da desvanecida interessada pelo cavallo alazão.

Ernesto, mais que outro qualquer, tinha os olhos em vaivem incessante da corrida para o rosto da donzella que, então anciosa e com febril movimento das mãos, acompanhava as rapidissimas vicissitudes do pareo.

Ao romper da corrida *Galerno* ganhára uma braça sobre os contendores.

— Vejão!... exclamára o entusiasta de *Galerno*.

Mas em alguns instantes *Lucifer* e *Abdel-Kader* igualarão-se com *Galerno*, os dous outros disputarão a primazia com ardor esperançoso, e o

ultimo, o mais atrazado, tres metros atraz, era Romeo.

— Perdeste, Rosina!... disse Ursini.

— Ainda não; murmurou a joven com tremor de voz.

Os olhos de Rosina, amplamente abertos, arrojando na projecção de suas vistas infundidas no ginete preferido duas incessantes descargas de fluido ardente e magnetico, parecião despedir encantos de celeridade, mandar imperiosos que as patas de *Romeo* tivessem azas, e que vencessem o espaço com a magia imposta pela soberania da sua vontade.

E, ou fosse poderoso e irresistivel influxo daquelle olhar cheio de magnetismo incalculado. E mas immensamente poderoso, ou fosse natural e impetuossissima celeridade do ufanoso e ciumento animal, certo é que *Romeo*, com inaudito arrojo, emparelhou com os cinco rivaes antes de chegar á curva, ao transpô-la excedeo um palmo aos mais avançados, adiantou-se além, e na carreira quasi á varrer o chão com o ventre, já vencedor antes de tocar a meta, no meio de applausos ruidosos e entusiasticos, estacou soberbo e victorioso com toda a medida do seo corpo por medida da vantagem sobre os dous mais perti-

nazes emulos, o Galerno e o Lucifer, que de perto o haviam acompanhado.

O suor da fadiga cahia em fios do ventre de *Romeo* triunphante.

Ernesto gozára duplice e interessante quadro: o da corrida que já o occupava menos, e o dos contrastes de esperança, duvida, e receios de *Rosina*, na contemplação de cujo rosto se inebriava enfeitado.

Elle a vio anhelante á principio, quasi convulsa logo, com os olhos em chaminas, com os labios entre-abertos, palpitante, depois radiosa á proporção que *Romeo* se avantajava dos competidores, e emfim, transportada de alegria, saudar o ginete vencedor com o rir de expansão immensa, em que a alma se derrama nos labios, como a luz de brilhante aurora no céo, e, sem o sentir, deixando rolar dos olhos duas lagrimas alvejantes que ficárão em suas faces coradas, como perolas que se engastassem naquellas rosas da commoção.

O jockey ufanoso e applaudido levava *Romeo* e o afagava contente, agradecendo-lhe a victoria.

— Quem o diria?... observou o entusiasta do *Galerno*; é inacreditavel; mas acabo de vêr que *Galerno* foi vencido desta vez!...

— É que nunca antes de hoje tinha corrido com *Romeo*; respondeo-lhe alguém.

— Posso jurar o contrario: : qui mesino *Romeo* já foi en dous pareos vencido por *Galerno*. É isso o que mais me admira!...

— Pois a explicação é clarissima; disse Geraldo voltando-se.

— Qual é a explicação?...

— *Romeo* foi hoje vencedor pelo condão da cor do mais lindo vestido.

Rosina que já havia serenado, volveo o rosto deleixadamente.

As flaminas suaves ou scintilantes de muitos olhos enamorados ou embevecidos, e o sussurro de abafadas vozes, de que transpiravão o elogio ou em todo caso as impressões de sua belleza, aditarão a ufanosa donzella.

Mas inexperadamente e antes que começasse nova corrida, Rosina tomou o braço de Ursini que, á seo pedido, levou-a, desprezando a excelente e bem escolhida posição em que se achavão, e sempre dirigido pela filha que alias se retirava indifferente, e sem conceder á quem quer que fosse o mais ligeiro olhar de despedida, desappareceo logo, internando-se com ella no meio da multidão.

Pouco depois Rosina, tendo imposto ao pae complacente uma volta longa e desnecessaria, foi subir para as archibancadas, onde tomou lugar junto de Ursini, e recolheu avida, mas com simulada alheação innocente, o primeiro culto rendido ás suas graças no movimento de curiosidade sympathica e no murmurio de interrogações e advertencias que a sua entrada excitou.

A joven loureira mudara de scena sem mudar de papel: queria ser admirada e produzir effeito em toda parte onde no *Prado Fluminense* pudesse mostrar-se.

E certamente naquelle dia Rosina deixou a imagem de seo rosto gravada em muitos corações, e a fama da sua belleza apregoada por mil vozes.

V

As informações dadas por Cezar sobre Ursini e Rozina tinham sido muito incompletas: sem que precisamente se conheça bem o pae, não se pode apreciar com justeza a filha.

Ursini tinha nascido na Corsega, e seos paes, que erão italianos, o levarão ainda quasi no berço, aos tres annos de idade, para Napoles.

A flôr da sua infancia abriu-se no seio da miseria e do vicio.

Em vez do exemplo do trabalho Ursini, aos sete annos, recebeu de seos paes o ensino e a imposição da mendicancia, e quando começou a ter consciencia do que na familia se passava, reconheceo indifferente a degradação de uma pobre irmã.

Aos treze annos fugio da casa paterna e para viver vagou de cidade em cidade, occupando-se das mais rudes e baixas tarefas; mas diligente

e esperto habituou-se ao trabalho, e pelo menos achou sempre pão.

Um dia, e já era um bonito joven, embora maltrapilho, Ursini presumio-se emfim afortunado e talvez enobrecido em Milão, porque uma cantarina do theatro *Della Scala* o tomou para seo creado.

Ursini sahira de uma cavallariça para entrar na caza sumptuosa da cantarina que, além de artista, era elegante conquistadora, e ahi admirou o vicio apurado, trajando seda e velludo, cobrindo-se de brilhantes, e affrontando o pudor publico.

Foi então sómente que Ursini aprendeo á ler e a musica, em horas que lhe sobravão desoccupadas.

A cantarina se agradára do creado : de Milão levou-o para Turin, de Turin para Napoles, onde o filho não procurou a familia ; de Napoles trouxe-o comsigo de novo á Milão.

Ursini affeioára-se á ama, ao theatro, ás artes ; cada dia porém mais se corrompera no desprezo das noções moraes.

Emfim, no principio de 1843, a ama cantarina, engajada para o theatro de S. Petersburgo, despedio-se do creado, deixando-lhe na mão uma bolsa, e na face um beijo... o ultimo.

Ursini, **estragado** pelos vícios em que se **estrelára** na **puerícia** como mendigo, sorprehendia por ser alheio á dous, á embriaguez e ao farto : se quizesse furtar, teria facilmente posto de lado pelo menos modesta fortuna á custa da ama complacente : arrependeo-se de haver contado de mais com a affeição da cantarina, e de não te-la explorado melhor em seo proveito material : mas, recolhida essa lição da experiencia, achou-se com algumas joias de pouco valor, e com a bolsa que lhe assegurava facil e alegre vida durante alguns mezes ; mas em vez de *esbanjar a sua riqueza*, sonhou melhores destinos, e, abrindo azas de andorinha emigrante, voou para o Brazil e pousou no Rio de Janeiro.

Em 1844 Ursini foi corista da companhia italiana que achára o seo condão de felicidade, estreando com a *Norma* de Bellini no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Do corpo de coristas no qual não se distinguira, Ursini desertou para improvisar-se ajudante de pintor scenographo ; em breve porém deixou o theatro e dedicou-se á todas as artes, e á todas as industrias que licitamente lhe podião dar dinheiro.

As mizerias do berço, a depravação dos paes,

a corrupção quasi forçada na puerícia e na adolescencia, a impudicicia e o aviltamento da mocidade alugada ao capricho do vicio rico, á impudente cantarina, tinhão arruinado profundamente os costumes e a moral, e impedido o desenvolvimento e o brilho das admiraveis faculdades e do grande talento de Ursini.

Era elle um homem que reunia tudo quanto preannuncia um artista superior: intelligencia potente, comprehensão facil e como advinhadora, inspirações originaes, delicadeza notavel na execução de trabalhos materiaes, gosto instinctivo, paciencia inexgotavel, actividade, energia, audacia terião feito de Ursini talvez um acclamado genio, sem duvida uma celebridade, se lhe tivessem dado educação e escola; mas por falta de ambas, e pelo impudor inoculado no berço e aggravado em todo o correr da vida, o tornarão no Rio de Janeiro encyclopedico charlatão talentoso e habil, de quem só se ignoraria o que elle confessasse não saber, tratando-se de ganhar dinheiro.

Ursini era afinador e concertador de pianos, professor de canto, pintor de cazas e de taboletas de armazens e de officinas, architecto, entendido em hydraulica e em pyrotechnia, ma-

ravilhosos em trabalhos delicados de marcinaria, inspirado em planos e execução de jardins, constructor de empreitadas, arrematador de obras publicas, e naturalmente mestre de tudo mais, de que lhe propuzessem tarefas.

Activo, infatigavel, zeloso no cumprimento dos empenhos que sobre si tomava, Ursini tinha sempre occupação productiva e colhia lucros sufficientes para, com economia sem avareza, enriquecer em poucos annos.

Mas Ursini era jogador, jogador incorregivel, e quasi sempre infeliz.

O jogo devorava-lhe á noute o fructo do seu trabalho do dia...

O jogo era o seo vicio fatal.

Todavia, em 1846, o mais ardente e inesperado sentimento veio absorver a alma de Ursini, e arreda-lo por algum tempo da funesta paixão á que sacrificava quanto dinheiro recolhia do seo labor.

O italiano achou-se captivo de uma joven brasileira, formosa morena de cabeça magnifica, que elle dizia ser a das Madonas de Raphael, de bellos olhos negros, lindo rosto, e corpo que, ainda na propria innocencia da donzella, apresentava formas graciosas que fallavão sem intenção á voluptuosidade.

Joanna, essa joven, era filha do mestre de obras João da Silva: tinha perdido, havia tres annos, sua mãe, honestissima, religiosa e prudente senhora, e ficára servindo de mãe a Propicio, seo irmão, nove annos mais moço que ella que, em 1846, contava apenas dezoito.

João da Silva adorava a filha que herdára de sua chorada esposa as virtudes, a singeleza, e a mais absoluta submissão á sua vontade.

Joanna, que resalvava uma intelligencia infelizmente muito mediocre com a docilidade, veneração e plena confiança que devia á seo pae, embora não fosse indifferente ao amor de Ursini, recebendo uma carta em que este lhe requeria permissão para pedi-la em casamento, entregou-a ao seu primeiro e natural protector.

João da Silva era homem de costumes simples, de illibada probidade e de moral severa: conhecia de Ursini o genio laborioso e activo; mas instinctivamente desconfiando do seo character, devolveo-lhe a carta, e recusou-lhe a mão de Joanna.

A filha submetteo-se; mas o italiano, em vez de mostrar-se resentido, procurou, frequentou João da Silva, e paciente, respeitoso, humilde, obsequioso e dedicado, empenhou-se em seduzir o velho.

João da Silva pouco a pouco foi tomando interesse pelo joven italiano; conveio porém no casamento mais cedo do que pensára; porque, aggravando-se antiga molestia pulmonar que soffria, e prevenido pelo medico de seo proximo passamento, não quiz morrer sem abençoar sua filha e Ursini casados perante Deos.

O mestre João da Silva morreo poucos dias depois do casamento de Joanna, em 1847.

VI

Ursini e Joanna amavão-se ternamente, e a intimidade do lar domestico e o tempo que é prova constante e evidente nessa intimidade, derão á esposa, alem do amor que alias poderia extinguir-se no coração tam gasto e viciado do marido, a confiança e estima que as virtudes obrigão.

Joanna era uma das ultimas filhas do antigo e condemnado systema da educação da mulher, e o representava legitimamente, tanto na austeridade dos costumes, na vida modesta e recolhida, como na obediencia absoluta e irreflectida á vontade do homem á quem pertencia.

Joanna era esposa como tinha sido filha, voluntaria escrava de seo marido, como fora escrava voluntaria de seo pae: tinha por todo seo mundo a sua casa, por toda a felicidade na vida o amor e a estima de Ursini, por seu primeiro dever a submissão mais completa ao se-

nhor do seo destino, e com o trabalho assiduo e o maior zelo nos cuidados domesticos enchia tranquilla e satisfeita os dias que lhe ião correndo.

Julgava-se bonita, mas contentava-se de se-lo somente para seo esposo: nem pedia, nem dezejava divertimentos e festas: se Ursini a convidava para um passeio ou para ir ao theatro, aprazia-se de aceitar o convite, mas parecia aceita-lo antes por agradar ao marido, do que por gosto proprio de passatempos fóra de casa.

Aos antigos costumes da recluzão da mulher no seio ciumento da familia, á educação moral e religiosa dada tam severa como rudemente por João da Silva, que era muito mais honrado e escrupuloso do que instruido, e que imprimio no coração da filha o amor de Deos e do proximo que nunca se exaggerão, e com exaggeração inconveniente o dominio illimitado do pae sobre os filhos, do marido sobre a esposa, e emfim do homem sobre a mulher, Joanna ajuntava espirito acanhado, faculdades intellectuaes fracas, e notavel ignorancia, porque nem ao menos lhe tinham ensinado á ler.

Assim modesta, religiosa, rica de virtudes, ignorante, paciente, e submissa, pobre ente

passivo, amando seo esposo, não tendo acção propria, contente da sua dependencia que reputava natural, zelosa da sua obediencia que considerava dever sagrado, Joanna fez a felicidade de Ursini e vivia perfeitamente feliz com elle.

É palpitante a inconveniencia da antiga educação, que preparava a mulher para viver com a convicção de sua inferioridade, e de seo dever de absoluta sujeição ao homem, sem as nobres reservas do entendimento e da consciencia, e que em um espirito fraco e rude, como era o de Joanna, levaria suas consequencias até a alheação completa da vontade, e ao rebaixamento de uma creatura humana tornada automato; essas consequencias, porém, não podião então crear pezares e mortificações para a joven esposa muito amada de Ursini, e ainda não atribulada pelas tempestades do coração.

Ursini e Joanna amavão-se pois e erão ditosos.

O mestre João da Silva não deixára fortuna, e pelo contrario legára ao genro um filho adoptivo no cunhado.

Joanna adorava Propicio; Ursini, dous mezes depois do seo casamento, voltou ás *sessões* nocturnas do *lasquet*; daquella adoração e deste vicio surgirão as unicas nevoas que, passageiras, tol-darão o céo do amor dos dous esposos.

Propicio á custo aprendera á ler e escrever, e resistio obstinado á Ursini que se esforçava por obriga-lo á applicar-se á alguma arte ou officio : seguro da protecção irreflectida e cega da irmã, insensato e sem educação, tornou-se um peso para a familia, e em desenfreamento de vadio seguiu caminho de perdição.

Joanna, em tudo escrava do marido, não encrespava jamais juba de leôa enfesada, mas vertia lagrimas de dôr silenciosa em defesa do irmão cujo futuro ella involuntariamente comprometia, e com o seu pranto desarmava a sabia energia do esposo.

Ursini trabalhava com animação e constancia e dava á sua mulher vida relativamente suave e sem duvida livre de privações ; doia-lhe porém a consciencia ; porque a deixava só noutes inteiras para ir saciar seo vicio fatal, perdendo quasi sempre ao jogo quanto dinheiro levava comsigo, e ás vezes mais do que podia perder.

O que porém muito mais o vexava, e commovia, era a paciencia angelica de Joanna que nunca o increpava do cruel abandono, nem se lastimava da perda e estrago da fazenda commum, e antes procurava esconder-lhe com generoso disfarce a tristeza e a magoa que naturalmente sentia.

Duas fraquezas, dous grandes erros acabarão cedo por harmonisar-se pela necessidade de mutuo perdão.

Ursini, para dar consolação e aprazimento á esposa, tolerou com indulgencia a ociosidade e a rebeldia de Propicio, e Joanna, agradecida, desculpou dentro de si a paixão do jogo no marido que era tam bom, e tam condescendente com ella.

Esse accordo tacito era facil entre esposos que se amavão, e que ainda mais estavam já enfeitados, vendo, á seos olhos, crescer, sorrir, brincar, e bemaventura-los um mimo do céo, um auginho que era a flôr dos seos amores puros, Rosina, que lhes nascera no fim do segundo anno do seo casamento.

Rosina tinha de escapar aos erros da antiga educação amesquinhadora e deprimente da mulher; mas ainda mal que havia de cahir no extremo opposto, em que a educação moderna não menos se mostra viciada, accrescendo demais os perigos da influencia de um pae, que em longos annos de miseria e corrupção devia ter estraçado o coração, e embotado a consciencia.

Joanna amamentara Rosina, embalara-a, até aos sete annos, fizera-a dormir em seo collo ao

som de suas cantigas primeiro, depois ao enlevo de infantis historias; ensinara-lhe em fabelas rudes, em lendas de santas as lições do bem, e de virtudes evangelicas, e pobre de intelligencia como era, mas filha de boa mãe, sem premeditação e sem arte era boa mãe de sua filha, e em cantigas, em historias, em fabelas e em lendas entoadas e cantadas entre beijos e caricias maternas que abrem os labios, os ovidos, os olhos e o coração, educara Rosina pequenina com essa sabedoria instinctiva, natural, sublime, cujo livro phylosophico, magistral, inspirado, inimitavel, Deos escreveu na alma da mãe, que aleita, embala, e no collo magestosamente sagrado faz dormir a filha, ouvindo lições em musica, moral em contos fabulosos, exemplos em lendas de santas, e tudo isso tão facil, tao doce, tão angelico ao gozo de beijos purissimos e de caricias, que sorriem aos anjos!

Mas quando a menina começara á trajar seos vestidinhos enfeitados, á fallar com engraçados atropellos de palavras e á correr levada em visitas pela visinhança, o pae, a mãe, o tio, os visinhos, e quantos a vião, lhe dizião todos:

— Que linda menina!...

E nenhum lembrava-se de festeja-la, dizendo-lhe:

— Que boa menina !...

E attenda-se bem para o facto constante, todos os dias, e em todas as familias observado, facto cuja transcendente influencia passa desapercibida.

Do menino diz-se, repete-se mil vezes ou por convicção, ou por illusão de amor, ou por lisonja aos paes :

— Esta creança ha de dar de si !... que *talento* prodigioso !... hão de ver que elle fará brilhante carreira litteraria ! — ou — que genio, que vocação para as artes !... que futuro de artista inspirado !...

E outras profecias semelhantes.

Da menina dizem os paes, e com elles todos repetem :

— Que formoso anginho !... que bonita creança ! como é bem feita ! que linda moça nella se prepara !...

E ainda é milagre que a pobrezinha não ouça dizer no fim dos elogios de sua belleza esse immodesto, malavisado e muito commum gracejo :

— *Isto* ha de ser a perdição dos rapazes !...

A influencia transcendente deste facto geral e constantemente observado está em que, desde a infancia, o menino pensa em ser soldado, padre,

medico, magistrado, em estudar, em aprender, em seguir uma carreira, e a menina cuida sómente em ser *bonita*, em enfeitar-se bem para tornar-se *mais bonita*, e quando os paes podem e querem dar-lhe a limitadissima e quasi sempre superficial educação litteraria, e o ensino tambem superficial de artes *agradaveis*, á que chamão *prendas*, dizem-lhe no empenho de excita-la á applicar-se, que é para ella ficar *muito bonita*.

Sobre este gravissimo erro commum Rosina teve ainda contra si os principios falsos, e a adulterada moral de seu pae.

Ursini amava com ternura e desvanecimento a filha, e ufanoso da sua acerba e prolongada experiencia, jurára á si proprio que Rosina, educada e dirigida por elle, seria feliz e teria brilhante futuro.

Embora presumido de religioso e de muito devoto da *Madona*, o italiano era com tudo pelas suas idéas sobre a felicidade humana, profundamente materialista. A escola philosophica do sensualismo não teria melhor campeão do que elle.

Ursini baseava a felicidade humana no mais amplo gozo dos bens e dos prazeres materiaes, e consequentemente reputava a riqueza condi-

ção essencial para se realizarem todos os gozos da terra.

Em sua consciencia todos os meios para enriquecer são licitos, desde que o código criminal dos homens não os marcava como delictos ou crimes, determinando o castigo.

Destes principios tirava Ursini todas as deducções.

Assim enriquecer a sua Rosina foi a idéa predominante, que o senhoreou; mas a nobre esperança de preparar-lhe avultada fortuna com o seu trabalho e com a capitalisação das suas economias não o illudiu; porque, além das grandes proporções do monumento, com que sonhava, tinha por inimigo certo e implacavel o jogo; elle pois calculou com a belleza da filha, que realmente promettia ser admiravel, e deo por seguro o recurso de casamento com algum negociante ou proprietario opulento.

O sonho de Ursini era e é o de muitos paes que, por natural e excusavel exaggeração de amor, considerão as filhas merecedoras irrecusaveis de todas as glorias e magnificencias do mais donoso destino; o italiano porém não parava em quimericas e innocentes imagina-

ções, e resolvera educar a filha de modo e arte á realizar seu intento.

Ursini era homem de principios, embora de principios immoraes e condemnaveis, e sabia com a força da vontade, da paciencia, e da constancia chegar ao fim que vizava.

Deixou Rosina crescer bafejada pelas lisonjas á sua lindeza, animou-lhe a vaidade, e quando a vio completar doze annos, retirou-a do collegio, onde ella tinha aprendido além de leitura e escripta um pouco de francez, ainda menos de piano, e muito dessas malicias que, sem completar a sciencia do mal, perturbão e ameação a innocencia das pobres louquinhas que já procurão adivinhar o que não sabem.

Ursini deo em casa professores de canto e piano, de francez e desenho á Rosina, quiz sobre tudo que ella insigne se tornasse na musica, a bella arte que tão facil se presta ás seducções mais arrebatadoras, porque insinúa a paixão em melodias, e abre os corações com a chave do sentimento; reservou porém para si, absoluta e exclusivamente para si, o ensino do que elle chamava lições da sua experiencia, o ensino da vida á viver, o ensino da apreciação do mundo, dos fundamentos da felicidade e dos meios de

assegural-a, o ensino dos gelos do calculo egoista, em una palavra, o ensino da antithese mais absurda, o *da razão materialista*, matando o espiritualismo sentimental do coração.

Ursini começou por conquistar toda a confiança de Rosina, fazendo-a esquecer sua autoridade de pae, e á força de amenas, expansivas e alegres conversações, obrigando-a á communicar-lhe todos os seus pensamentos e á fallar-lhe como á um bom e dedicado amigo, á quem nada se esconde.

Conseguida a confiança plena, tudo mais foi de simples facilidade: Ursini, dissimulando o mestre, imprimia suas lições no animo da filha, inventando historias, ridiculisando os principios severos da moral, e, mostrando no quadro da sociedade o imperio da riqueza, e as genuflexões dos homens diante do altar do ouro.

E todavia esse máo pae tinha para si que abria para Rosina o caminho da verdadeira felicidade humana, e que o fazia sem sacrificio das santas noções da honestidade; porquanto antes do mais gravára no espirito da filha a firme convicção de que, por dever e por principal interesse, a donzella tem na sua pureza *material* o seo maior thesouro, e o condão das suas mais arrojadas esperanças do futuro.

Salva esta reserva essencial, ou, como Ursini dizia, salva a *pureza*, a donzella não tinha que respeitar outros limites no seu empenho de agradar ao homem e de captiva-lo, e apenas lhe cumpria ter habilidade, arte, e prudencia na escolha e no emprego dos meios.

Semelhante doutrina devia por força convir á uma menina vaidosa. Rosina aprendeo-a com extraordinaria comprehensão, e aos quinze annos de idade estava mestra.

Vaidade descommunal;

Sensibilidade, pelo menos aparentemente embotada;

Delirante ambição de enriquecer por casamento e presumpção de o conseguir;

Olvido do recato;

Subtileza e arte na provocação de cultos á sua belleza;

Aprazimento e vangloria de ser namorada;

Malicia e fingimento;

Ardentes affectos na phisionomia, e indifferença e gelo no coração;

Orgulho do seu dominio sobre os sentidos, e inabalavel segurança de manter illesa a sua *pureza*, a pureza unica que seu pae lhe ensinára á defender;

E, emfim, como resultado de tudo isso, aos quinze annos — a mais consummada e audaciosa *namoradeira*: — eis os fructos da educação dada por Ursini; eis — Rosina.

Rosina era duplamente filha de seo pae.

VII

Em 1869, quando tantos olhos deslumbrára no *Prado Fluminense*, Rosina contava vinte annos e tocava o apogeo de sua esplendida formosura.

Muito joven ainda, ella comtudo já principia-va á impacientar-se pela demora do noivo rico e do casamento de ouro. Seo pae não podia proporcionar-lhe o luxo e o tratamento faustoso com que ella sonhava, e as sociedades aristocraticas, não abrindo suas portas ao humilde artista italiano, a condemnavão á viver mal ou pouco admirada em seo modesto recanto, e sem a gloria da exhibição de sua belleza e de suas graças no theatro do brilhante lusimento do mundo elegante.

Rosina tonteava em estereis desejos, pensando nas carruagens, nos brilhantes, nos *toilettes* magnificos das esposas de homens millionarios,

em seos titulos de nobreza, em suas côrtes de adoradores, em seos gozos de inebriado desvanecimento; Rosina imaginava os triumphos e as delicias do *Cassino*, das noites de recepção nas salas da alta sociedade, e exaggerava extraordinariamente o valor dessas vans grandezas, por isso mesmo que se achava dellas privada.

Presumpçosa de mais para confessar o triste cansaço de suas esperanças, ostentava-se jubilosa, e continuava á esperar, matando o tempo á distrair-se com os seos galanteios.

É verdade que alguns homens ricos já a tinham requestado; esses porém lhe haviam fugido desde que se convencerão de que a muito facil namoradeira era inconquistavel pela seducção, e só se prestaria á ser amante de seu marido.

Os outros seos apaixonados, e contavão-se por dezenas, artistas, e estudantes alegrões, mancebos casquilhos, e tambem ridiculos velhos namoradores, alguns delles ambicionando com ardor desposal-a, não servião aos seos planos de futuro, e ella apenas os tolerava, e continha-os em esperanças, como sequito de escravos encadeados ao carro triumphal de sua inconsiderada vaidade.

Rosina, pela fama de namoradeira, espantava

do numero dos seus pretendentes os mancebos honestos e pundonorosos; mas ainda estava illesa de suspeitas que lanção negra mancha no véo branco da donzella.

Um dos visinhos de Ursini, testemunha dos namoros de Rosina e juiz seguro de suas castas reservas, chamava-a, juntando a censura ao elogio, a *douda com juizo*.

Mas a filha de Ursini, pouco antes de completar os vinte annos, tinha encontrado um joven artista que, captivo dos seus encantos, a impressionára, alias sem commovel-a, pelo culto especial e novo para ella, que terno, mas gravemente lhe rendeo curvo á seus pés de rainha da belleza.

Este amor do joven artista influirá talvez tanto sobre o futuro e a vida de Rosina, que se faz prezizo tomal-o em sua origem.

Ursini tinha-se relacionado estreitamente com o pintor scenographo que o adoptara por ajudante no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Graciano, esse pintor, era casado e Clotilde, sua espoza, a melhor amiga de Joanna, levára Rosina á pia baptismal.

Em 1868 Graciano morreo, deixando por unico legado á sua viuva um nome sem mancha.

Clotilde tinha-se casado por amor e á despeito

da mais enraivada opposição de André, seu irmão, que lhe servia de pae, e que nunca lhe perdoou a desobediencia.

Ha abysmos que ás vezes separão até a morte dous homens: um delles é o ciume odiento aceso entre artistas: André tambem era pintor, e se tornara inimigo de Graciano; d'ahi a sua reprovação desesperada ao casamento da irmã.

De genio melancolico e retrahido, rancoroso e obstinado, André nem mesmo depois da morte do cunhado procurava ver Clotilde.

Mas poucos mezes depois de Graciano, ainda no mesmo anno de 1868, André baixou por sua vez ao cemiterio, deixando por herdeiro de sua palheta, de sua muito mediocre fortuna, porém não de seu odio, um filho unico, Angelo, joven artista de vinte e dous annos de idade.

Clotilde arrastára a viuvez e a pobreza com fortaleza nobre de animo: lembrando a inimizade rancorosa votada á seu marido, não quiz bater á porta de seu irmão, e á custa dos mais rudes trabalhos, lavando e engommando roupa com suas mãos finas e brancas que Graciano tanto gostava de beijar, costurando e bordando, se o tempo lhe sobrava, a digna senhora, que aos trinta e oito annos ainda era bonita, soube mos-

trar-se recatada e virtuosa, e sem sahir de sua humilde casa terrea, viveo independente, respeitavel, e engrandecida pelo proprio infortunio.

Joanna, fiel á amizade, não esqueceo Clotilde, e para auxiliar-a sem abatel-a, conseguiu que ella se prestasse á costurar para a afilhada e á ser a sua modista dos vestidos de *toilette* domestico.

No fim de 1868 Angelo appareceo á Clotilde trajando carregado luto, e precisou dizer quem era para ser por ella reconhecido: a tia tinha deixado o sobrinho com cinco annos de idade e não o tornára á ver depois do seo casamento.

Clotilde amára extremosamente Angelo; abraçou-o pois, chorando, e agradeceo-lhe mil vezes a consolação immensa que lhe viera trazer; mas, com excrupulosa dignidade, repugnando aproveitar-se de qualquer recurso que parecesse da pequena fortuna deixada por André, negou-se teimosa e inabalavel á ir viver com o sobrinho, cuja frequencia em sua casa aliaz desejou e pediu.

Angelo não teve necessidade de explicar á tia as razões porque nunca a procurára; sabia que Clotilde vivera muitos annos sob a tutela do irmão: o filho não podia accusar o pae; e aben-

çoou a generosidade da irmã offendida que, para poupar o sobrinho, não deixou perceber a mais leve queixa.

O joven artista era tambem pintor, e começava a distinguir-se como retratista, além de cultivar com severo estudo a pintura historica, merecendo gabos dos melhores mestres, que lhe asseguravão glorioso futuro.

Angelo tivera em seo pae não só o seu primeiro mestre de arte, mas o exagerado mentor mais rispido, iracundo, e inflexivel de sua educação moral e, até á morte de André, achara-se quasi sonegado ao mundo, vendo o vicio e o crime nas mais leves fraquezas da mocidade, tendo no trabalho, á que se entregava, e se habituara á entregar-se apaixonadamente, a unica valvula para as flammas da juvendude; sem amigos da sua idade, pois que não tinha liberdade para contrahir ligações, nem prazeres e festins para ter socios, o filho de André era como estrangeiro recém-chegado á uma terra desconhecida, e fugia á luz, aos homens, á sociedade, tinha o pudor de uma donzella, a inexperiencia de um menino, a lição anachronica de um velho, e a austeridade de um santo.

Era um mancebo alto e perfeitamente talhado

de corpo: sua fronte elevada e ampla, throno ostentoso de intelligencia superior, mostrava-se coroada por cabellos negros, lusidios, crespos, dous de cujos caracões de ordinario lhe cahião insubordinados ondeando sobre o meio da testa, seos olhos porem erão pardos e amortecidos, e como escravos de profunda concentração de vida intellectual; sua tez era macillenta, sua barba falhada, e seo rosto de longo oval e de faces abatidas tinha alguma couza de triste e desconsolado, que ao primeiro aspecto o desengracava.

Escravo do habito e amante apaixonado da sua arte, Angelo trabalhava de continuo e era invisivel de dia; mas á noute quasi sempre procurava suave e puro entretenimento na conversação amiga de sua tia; e foi nessas occasiões que por vezes se encontrava com Joanna e Rosina.

O joven artista á principio mostrou-se, não indifferente, mas um pouco alheio á bella moça; porque não ousava olha-la tão francamente como era preciso para aprecia-la em toda a sua riqueza de encantos; força lhe foi porém obedecer á invencivel attracção, e emfim contemplando-a enlevado, acabou por abrir o coração ao seo primeiro amor.

Adivinha-se que a namoradeira empregava de sua parte algum de seus arteiros recursos para ser amada por Angelo; mas fe-lo sem grande empenho e apenas por costume: porque não o achou nem bonito, nem sympathico.

Rosina ainda assim deixou-se em breve preocupar divertidamente da natureza um pouco original e muito nova para ella do amor acabrunhado daquelle mancebo de vinte e dous annos.

Com effeito, Angelo denunciava á medo seus ternos sentimentos em cultos fugitivos e temerosos de enlevado olhar, e quando apanhado nessa adoração, confundia-se e corava, como em flagrante delicto de profanação da innocencia.

Joanna e Clotilde tinham applaudido essa nascente afeição que bem podia terminar pelo casamento mais feliz, e ambas de accordo, simulando conversações em intimidade, retiravam-se ás vezes para o interior da casa, deixando os dous jovens á sós.

Todavia Angelo perdia o tempo de favor em extasis, e obrigado á fallar, ou não passava de allusões ternas, mas obscuras, ou depois de monosyllabos ou de palavras soltas em momentos de febril arrojo, estremecia, e abrazava-se de

pejo, como se fora pudica donzella, e suspirando enleiado, fazia logo observações banaes sobre a noute, a lua, e o céo.

Educado com as exagerações de um pae austero e genioso, sem conhecimento, sem frequencia de sociedades e sem as lições condescendentes do mundo, amando pela primeira vez com a pureza de um coração virgem, e com a consciencia mais melindrosa, Angelo temia ultrajar a linda Rosina, fazendo-lhe a confissão do seo amor, e em suas doces meditações de noutes passadas em claro, sonhando a maior dita, resolvera enfim não declarar sua paixão sem santifica-la com a proposição de casamento; mas embora tão ingenuo e simples, ainda reflectido e grave queria primeiro consultar com sua tia.

Ora, ainda que se affigure ridiculo, é certo que Angelo demorava a consulta; porque vexava-se, tinha *vergonha* de confiar á Clotilde os extremos do seo amor, e o seo desejo e a sua esperanza de casamento.

Rosina comprehendera que havia feito a conquista de um coração innocente, e, apreciando a variedade; mas não sabendo calcular o valor do thesouro que tão expontaneo lhe ia ser offerecido, determinou *educar* um namorado, e entre-

ter-se algumas semanas com os seus arrebatamentos.

A donzella *namoradaira* começou por tomar em brio vencer as confusões e os enleios de Angelo, e recreiar-se, obrigando-o a fazer-lhe sollemnes declarações de amor, contando com o regalo de extraordinarios exaltamentos ou de visiveis inconsequencias, perturbações, e tormentos de menino pudibundo.

Assim, uma noute, apanhando o joven pintor abandonado ao seu capricho por Joanna e Clotilde que, como ás vezes fazião, tinhão ido conversar seus segredos, Rosina fitou os olhos em um ramalhete de violetas que estava sobre a mesa da sala, e disse

— Como são mimosas as violetas!... não gosta das violetas, senhor Angelo?

— Oh! muito!... respondeu o mancebo; ellas symbolisão no seu escondido florescer a modestia, e no seu perfume a pureza do amor.

— Eu ignorava a segunda parte do symbolo; mas por isso mesmo d'ora avante amarei em dobro as violetas.

E sorrindo feiticeira, accrescentou:

— O senhor fica responsavel pelas consequencias deste augmento de amor...

Angelo, desse modo provocado, animou-se e disse á tremer :

— Em tal caso abenço-o o... o sentimento que me fez trazer... esse ramalhete de violetas...

— Ah!... foi o senhor?...

— Sim, minha senhora... fui eu... fui eu... que...

Mas Angelo não ousou completar o seo pensamento.

Rosina continuou logo :

— As violetas, cujo suave perfume symbolisa a pureza do amor?... tem razão : não pode haver amor mais puro e santo do que o seo por minha madrinha...

E Rosina olhava para Angelo com olhos de matar...

O joven pintor respondeo, quasi murmurando :

— Mas não foi... confesso que não foi para minha tia que trouxe as violetas...

Rosina fingio-se perturbada, duvidosa, anhelante, e balbuciou :

— Áh!

Mas vendo que Angelo ainda se contrahia em afflictivos embarços, disse, com os olhos no chão, e abafando um suspiro, que aliás se atraçoou:

— Perdão !... eu não perguntei para quem o senhor as destinava...

E logo arrependida do que acabava de dizer, vergonhosa, corada de pejo, que aliás não sentia, inconsequente, perdida, balbuciou com adouçado protesto de reserva :

— Senhor Angelo... eu não perguntei couza alguma...

Era perguntar demais : o pobre Angelo exclamou commovido :

— As violetas... erão para a senhora...

Rosina, a artificiosa namoradeira, estremeceu de leve, e com os olhos no collo, e á fazer dobras no lenço, como se estivesse perturbada, murmurou :

— Não erão...

— Oh !... eu o juro.

E ficarão ambos em silencio por algum tempo, e as violetas sobre a mesa ; Angelo tremulo de abalo, e de attonito embaraço, Rosina á fingirse confundida e agitada ; mas rindo dentro de si, até que como cansada de tanto vexame seo ; de proposito, porém, afim de excitar o namorado tam puerilmente timido, tornou dizendo sem levantar os olhos :

— Não erão... não erão... se o fossem...

— Se o fossem... ah! se o fossem?...

Rosina ainda perdoou a pergunta, que fazia trocar as posições de requestador e de requestada, e respondeu com o mais terno alvoroço :

— Se o fossem... não estariam ali... esquecidas na mesa...

Era uma queixa exhalada á custo, e quasi dolorosa.

Angelo em arroubo subito e ardente tomou as violetas, e ajoelhando-se aos pés de Rosina, offereceo-lhe o ramalhete, dizendo com a mais viva commoção :

— Erão para a senhora !... mas eu tinha medo de offende-la... porque...

E hesitou ainda.

Rosina recebeu o ramalhete e perguntou, suspirando :

— Porque ?...

— Porque... nessas violetas eu queria confessar...

E acabou com um tremor de voz, que parecia accusar grande ousadia :

— Confessar... o mais terno amor... uma aspiração... a mais audaciosa...

— Ah ! exclamou Rosina, levantando-se ; se mamãe nos visse !...

Angelo ergueo-se logo sobresaltado, e olhando em torno, respirou, achando-se livre da surpresa que Rosina temera, e em breve receioso, mas com indomito anhelos, procurou ler no rosto da donzella a sentença da sua condemnação, ou ver naquelle céo raiar a aurora da sua esperança.

Rosina estava em pé e á dous passos delle, que a vio commovida, levemente corada, e anciosa, e com os olhos fitos no chão, voltar-se um pouco de lado como para esconder o que hia fazer, levar o pequeno ramalhete de violetas quasi encuberto na mão até a altura do seio, e com inhabil disfarce guarda-lo occulto nesse sacrario da innocencia.

Angelo embevecido, transportado, jubiloso, feliz, ergueo as mãos, e approximando-as, como em acto de adoração, poude só dizer :

— Meo Deos !...

Quasi logo entrarão na sala Joanna e Clotilde.

VIII

Rosina não era digna daquelle amor virginal, poetico e santo do joven artista, que no momento em que se arrebatára, vendo a mais terna aceitação do seu amor na escolha do asylo para as violetas que offerecera, em vez de romper em palavroso volcão de juramentos e finezas, olvidára a terra, e se voltára todo para o céo, dizendo sómente — meo Deos! — agradecendo a felicidade suprema que imaginava na dita, que Rosina apenas lhe deixára esperar.

A filha de Ursini guardara as violetas no seio, contando destruir por meio dessa acção provocadora as ultimas peas do acanhamento de Angelo, e gozar por minutos os extremos e os delirios da exaltada paixão daquella natureza virgem; mas ficou estupefacta, observando o embevecimento mudo, a felicidade radiante, porém suave e silenciosa, e aquella abstracção de si,

da terra, della mesma, com que o joven artista na fé em sua gloria agradecido adorára Deos.

Rosina não comprehendia como, no abraçamento do coração, no ardor da commoção, e quando o poder da sua belleza, e a graça da esperança do seo amor devião dominar absoluta e exclusivamente Angelo, pudesse este não adorar sómente ella, e pudesse ao contrario com a alma ainda livre levar a alma perante Deos.

A inconsiderada donzella não era impia; raciocinava porém á seo modo, e teria achado sublimes aquellas graças rendidas á Deos, se Angelo immediatamente depois houvesse rendido outras ajoelhado diante della.

Todavia Rosina estava segura do amor que inspirára ao joven pintor, pudico, original e em todo caso por isso mesmo divertido, e interessante namorado.

A *namoradaira*, chegando á sua casa, e recolhendo-se ao seo quarto, esquecera completamente as suas violetas; mas ao despir-se, vendo cahir á seos pés o pobre ramalhete, apanhou-o, sorrindo-se, e foi archiva-lo em uma gaveta já rica de flores murchas e sêcas, que ella conservava como louros de conquistadora.

Pensando nessa noute em Angelo, Rosina lem-

brou-se naturalmente da ultimas palavras que elle lhe dirigira.

O mancebo lhe dera nas violetas a confissão de um *grande amor*, e a *mais audaciosa aspiração*.

Que aspiração a *mais audaciosa* seria essa, que Angelo não explicava ?...

Em amor que se dizia *tão grande* a aspiração só podia ser de casamento ; se porém era de casamento, porque elle havia de qualifica-la de — *a mais audaciosa* ?...

Rozina se explicava bem esta qualificação pelo seu inexcedivel merecimento de formosa donzella e pela modestia e timidez do seo apaixonado e pretendente á noivo ; entretanto o superlativo da audacia aguilhoava sua curiosidade e acendia-lhe a imaginação.

Se, e m vez de um joven menino, de um inexperto, novel, ingénuo, innocente mancebo, pobre lubibrio de sagaz e abusiva namoradeira, Angelo fosse um hypocrita, e refalsada especie nova de seductor ?...

Rozina não o acreditava ; mas imaginava-o, e arrependia-se de haver interrompido a declaração de amor que Angelo lhe fizera, e de não ter exigido completas informações.

Sua exclamação interruptora fôra instinctivamente calculada para impedir uma proposição de casamento, e para espaçar o desengano, que havia de privar-a dos esperançosos cultos amorosos do aprazível namorado contemplativo, poetico e bisonho; mas Rosina não se perdoava esse erro de escrupulo infantil ou irreflectido, e rio-se de si mesma, perguntando-se que mal, que inconveniencia havia em dar esperanças de casamento, em promette-lo até á Angelo, se fosse essa a sua aspiração *a mais audaciosa*.

Ponderando levemente assim, não tendo em seria conta qualquer compromisso, á que se expuzesse, vivamente desejosa de chegar ao fundo do segredo que possivelmente se podia ter escondido naquella declarada *aspiração a mais audaciosa*, e emfim attrahida pelo gosto sacrilego da zombaria, do desfructo indecoroso e cruel do mais nobre e santo sentimento, Rosina adormeceu embalada pela revelação travessa, immodesta, e imprudente de alimentar as esperanças de Angelo, inflammar-lhe a paixão, simulando corresponder á ella tomar por passatempo aquelle amor innocente de menino, ou emfim, dada a improvavel hypothese de um seductor astuto e santilão no joven timido e sentimental,

castiga-lo com o seu mais profundo desprezo depois de allucina-lo e eslouquece-lo com os fulgores da sua belleza, e com os amavios da sua magia de namoradeira.

Rosina esperou sem impaciencia porque não amava, mas naturalmente querençosa, novo encontro e nova conferencia com Angelo, e teve-as logo em uma das proximas noutes; quando porém contava ter diante de si o mesmo amoroso ingenuo e perplexo, ou talvez encoberto em apparentes innocencias tredo e manhoso seductor, maravilhou-se de ser obrigada á reconhecer um homem reflectido e grave no mancebo que a amava.

Angelo em sua nobre e candida simplicidade se considerou em divida sagrada para com Rosina, desde o momento em que ella depositára as violetas em seu seio de virgem, e sentindo-se realçado pela graça que obtivera, e forte pela consciencia de um grande dever á cumprir, ufano do seu amor, aguardou ancioso a oppor-tunidade de fallar á donzella, sem mais pensar em previos conselhos de sua tia.

A oppor-tunidade chegára : Angelo fallou acanhado ainda ; mas já livre da hesitação.

— Minha senhora, disse elle ; ouzei declarar-

lhe o meo amor; permite agora que eu vá álem, e que esquecido do pouco que mereço, manifeste a felicidade que aspiro?...

— Ah... sim; disse Rozina.

— É a sagração do amor pelo casamento.

Rosina não respondeu, reflectia, deixando-se parecer alvoroçada e vergonhosa.

Angelo continuou, dizendo commovido.

— Simples artista, ainda rude pintor que trabalha assiduo para conquistar alguma gloria, por ora tenho só a offerecer-lhe o amor mais puro, e a segurança da fidelidade mais terna.

Rosina cada vez se perturbava mais.

— Peça-lhe uma palavra, que me autorise á dirigir-me á seo pae; disse Angelo, cuja voz estremecia então.

O pretendente esperou a resposta.

Rosina, obrigada á fallar, murmurou, mentindo:

— Eu o amo...

— Oh!... é tudo!... exclamou Angelo.

A *namoradaira* o interrompeo:

— Mas... não sei... o casamento... eu sou... meo pae é tão pobre...

— E acaso eu o julgava rico?... tambem sou pobre de fortuna...

Rosina levantou o rosto que inclinára para o collo, e olhando apaixonada e suavemente o joven pintor, disse com doçura :

— Amo-o! oh, sim! amo-o; mas se é deveras pobre, que lhe seria a esposa, senão pezo embaraçador da missão do artista, senão involuntaria impositora de sacrificios?... amo-o!... amo-o mancebo que me tomou o coração, amo-o artista de genio; ai de mim, porém!... eu não quero que o meu amor o infelicite!...

O egoismo e a indiferença se disfarçavão nas ternuras da voz de Rosina; mas as blandicias e a musica dessa voz allucinavão o amoroso e inexperiente Angelo.

— É verdade; respondeo elle; ainda ganho pouco, e ha na vida condições e exigencias materiaes imprescindiveis; mas, dona Rosina, meo pae deixou-me a casa em que móro e que chega bem para dous noivos, e o rendimento de dez apolices, que em todo caso é recurso; minha palheta, embora novel, já me garante mais do que o dobro desse rendimento, e nós, animados, beatificados pelo gozo da mais santa felicidade, repartindo o tempo entre o amor e o trabalho...

Rosina tornou a interromper Angelo.

— Trabalho?... fui e sou tão malcreada para filha de pobres!... exclamou ella, sorrindo.

E estendendo os braços, mostrou quasi junto dos labios do mancebo suas mãos pequeninas, brancas, assetinadas ao tacto, maravilhosamente bellas aos olhos.

Angelo, encantado e feliz, contemplou deliciosamente, e não ousou tocar com um beijo aquellas mãos tão mimosas.

— Tem razão!... disse elle; mãos de anjo... seria um crime condemna-las ao trabalho!...

Mas Rosina habil e comica fingio-se logo melancolica, e suspirando, tornou-lhe:

— Obrigado, senhor Angelo; porque mostrou-me o céu!... eu porém o amo...

— E então?...

— Não quero que o meo céu seja o seo purgatorio.

— Ah!... regeita-me?...

— Oh! quando confesso que o amo!...

E cahirão duas lagrimas dos bellos olhos de Rosina.

— Pedi-la-ei em casamento á seu pae! disse Angelo inebriado de amor.

— Em casamento?... perguntou Rosina.

— Dentro de um mez!

— E as condições e as exigencias inflexiveis da vida material depois do casamento?....

— Bastão-me dous annos do estudo e de trabalho fervoroso d'ora avante inspirado e impellido pelo amor, para fundar minha reputação e meo renome de artista... ganharei muito!...

— E nos dous annos?...

— Tenho as apolices que me deixou meo pae, e que assegurão vida modesta; mas sem privações...

Rosina instinctivamente delicada e melindrosa não ferio a susceptibilidade do orgulho do esperançoso artista, pondo em duvida a realisação de seos sonhos de gloria; mas com seductora meiguice dos olhos e da voz, requintando em suavidade e em artificial agrado, perguntou :

— Devéras ama-me?

— Se a amo! exclamou Angelo que nessa noute se desatára das prisões do vexame! se a amo!... amo-a religiosa e infinitamente!

— Como eu o amo!... ainda bem!...

— Então que importa a nossa pobreza?...

— Teme-se do tempo?...

— Por mim, não.

— Nem eu por mim.

— E portanto?...

— D'aqui á dous annos que idade terá?..

— Vinte e quatro annos.

— E eu vinte; dice ella, mentindo.

— Ah!... quer dizer..,

— Que ainda então seremos duas primaveras á amar-se.

Angelo comprehendeo que Rosina lhe propunha o adiamento dos sagrados laços que os devião unir, e guardou por momentos triste silencio. O coração lhe dizia. que não era da donzella, que se confessava tão amante, que deveria partir aquella proposição de espaçamento medido por calculo reflectido e prudente.

Rosina percebeo o que se passava na alma do mancebo, e affectando tambem melancolica languidez, disse abaixando o rosto e dando á voz o encanto dessas melodias suaves, de rhytmo moroso, em que se esvae a queixa ou se acalenta a dor :

— Amar... julgar-se noiva... e ter de esperar dous annos custa muito!... e no entanto...

Angelo perguntou, suspirando:

— E posso contar com a firmeza do seo amor?...

Rosina, em vez de responder, levantou o rosto, mostrando seos olhos que humidos de lagrimas brilhavão então fulgurantes, e seos labios expandidos por angelico sorriso. Ella tinha posto

a mão direita espalmada sobre o coração e depois avançou-a solenemente, como se quizesse prestar um juramento.

Angelo fez segunda pergunta com accento abalado, mas notavelmente grave:

— É convem em considerar-se desde hoje minha noiva, como eu me considerarei seo noivo?... e toma por tanto comigo compromisso leal, imprescriptivel....

Rosina não deixou o credulo e nobre mancebo acabar a proposição, e com ardor jubiloso o interrompeo, exclamando:

— Oh! sim... sim!...

— Dona Rosina!...

— Sim! repettio ella.

Angelo radioso, mas ainda grave, disse:

— Deos permittirá que não precisemos esperar dous annos: vou trabalhar com dobrada energia: o nosso amor e a sua imagem me darão inspirações, e me farão avassallar os segredos da arte!... diante da tela a senhora estará comigo, e eu conseguirei que a fortuna me venha sorrir antes do prazo imposto pela minha pobreza!

Rosina levantou-se e dando um passo para Angelo, disse com amoroso arrebatamento e alegria transbordante:

— E eu quero mais do que a fortuna do meo noivo, oh! quero adereçar-me com a gloria e com o renome do meo artista!...

A filha de Ursini sabia em que fibra tocava, fallando assim ao joven pintor.

Os olhos de Angelo scintillarão, seo rosto illuminou-se com as flammæ da mais exaltada esperança; mas o artista se conteve quasi logo, e o noivo extremou-se no exclusivo cuidado do mais ditoso empenho.

— Amanhã procurarei seo pae; disse elle.

— Para que?... perguntou Rosina ingenuamente; mas escondendo desagradavel impressão de contrariedade.

— Irei pedir-lhe a approvação e a benção do nosso compromisso: pedi-la-hei em casamento, e tomarei sobre mim as condições do longo prazo para...

— Oh! não, disse Rosina.

Angelo fez um movimento de surpresa, e olhou para Rosina admirado.

— Perdão; tornou esta, eu sei o que digo... conheço meo pai... elle me adora... mas...

— Mas?...

— Elle é meo pai! murmurou Rosina, como pedindo para não fallar.

— E tambem será meo pae; observou o presumido noivo com seriedade.

Rosina fallou como violentando-se.

— Elle... tem idéas singulares... sobre mim; cegueira de pae!... quer-me esposa de homem muito rico... — olhos de pae!... suppõe-me formosa e pela formosura... ah! perdão outra vez... elle não abençoaria facilmente o nosso amor, e conhecendo-o... e tendo de seo lado o tempo... dous annos... comprehende-me?...

— Um pouco; mas quizera ouvir tudo; respondeo Angelo turbado.

— Ah!... primeiro, quantos embaraços á nossos encontros aqui!... depois que lutas em casa para matar o meo amor! haveria duas victimas á penar, o senhor e eu; eu porém penaria em dobro.

A voz de Rosina penetrava dolorosa no coração de Angelo.

— Mas... em tal caso... que esperar?... perguntou o mancebo tristemente.

— Tudo; porque eu o amo.

— E seo pae?...

— E eu?...

— Que fará?...

— Em um anno, em dous annos destruirei

todos os projectos de meo pae com o gelo da minha indiferença, ou do meo desprezo, que afugentará qualquer pretendente á minha mão...

— Oh! ... disse Angelo; a riqueza tem fulgores que deslumbrão!...

Rosina sorrio-se com soberana e magestosa seguridade.

— E durante um anno, durante dous annos consolada, animada, feliz no gozo sereno do cultivo mysterioso do nosso amor innocente e santo que terá por templo esta sala, por egide o segredo, por divisa e gloria nossa virtude, eu vencerei meo pae com a prova e evidencia das suas desillusões, ou ainda no meio dellas, quando brilhar o dia marcado para a nossa união, a ternura e o poder da filha garantem, eu o juro sem receio de errar, mais do que a benção violentada, a benção do coração do pae.

— Portanto o nesso amor...

— Deve por ora ser inviolavel segredo...

E sorrindo outra vez, mas então feiticeira, e enlevadoramente, a *namoradeira* accrescentou:

— E pois que não podemos effectuar já o nosso casamento, o amor assim... amor ameaçado; mas defendido pelo segredo... temeroso e anhelante, esperançoso e forte pela confiança,

feliz na confidencia mutua, romanesco pelo mysterio, á marchar de dous lados para um só ponto de horizonte côr de rosa... risonho... afortunado... absorvente de dous corações... ah!... não é mais encantador, e mais acautelado assim?...

Palpitante, arrebatado, escravo de magica influencia, Angelo disse com ineffavel ternura:

— Pois que é minha noiva, mande sobre mim, governe-me!

— Pois que sou sua noiva, mando que o nosso terno e decidido compromisso... seja thesouro escondido em dous corações de avarentos zelosos.

— Minha noiva!... exclamou Angelo, misturando com os desvarios de confiança insensata o enthusiasmo do amor mais poetico, e mais extremo: minha noiva!... a senhora é pois minha noiva!...

— Se o sou!... respondeo Rosina.

E, corando um pouco, offereceo com gracioso sorriso nos labios sua mão direita ao mancebo, dizendo-lhe docemente:

— Eis a mão de sua noiva.

Angelo tomou entre as suas a mão de Rosina, e imprimio nella o seo primeiro beijo.

IX

Este solemne compromisso tomado pelos dous jovens precedêra apenas algumas semanas ao dia em que Rosina tam faceira e tam immodesta se mostrára no *Prado Fluminense*.

A filha de Ursini não tomára portanto muito ao serio o seu ajuste de casamento e os votos que trocára com Angelo.

Apanhada de surpresa pela attitude seria, e pela proposição instante e positiva do mancebo artista, Rosina, que já havia pensado um pouco sobre a hypothese que se realizava, aproveitou o recurso do alvoroço do pejo que tam natural devia parecer na occasião, e guardando silencio, fez suas ultimas reflexões e decidiu-se á conceder promessa de casamento.

Cansada de esperar noivo de ouro, e sabendo que Angelo era artista, em quem se depositavão esperanças de grande futuro, quiz prende-lo,

prestando-se ao compromisso que elle lhe propunha, e no entanto assegurou-se do espaçamento de dous annos, que lhe deixavão campo aberto, e tempo longo para alguma conquista que pudesse realizar seus sonhos de riqueza.

O dolo escandaloso, a perfidia com que illudira o mais nobre mancebo, nem de leve perturbavão a consciencia da filha de Ursini, que ao contrario se applaudia dos faceis e felizes resultados do seo ardil.

Além disso, Angelo era o mais singular, o mais suave, e o menos incommodo dos seus apaixonados; era para o caso e para os calculos da noiva o noivo mais precioso.

Confiando no amor de Rosina, fiel ao culto de sua arte, e pelo amor, almejando encurtar o prazo de dous annos, e pela gloria consagrando-se com ardor incansavel ao estudo, Angelo trabalhava ainda mais do que d'antes, e zelando, como promettêra, o segredo dos laços que o ligavão já á Rosina, soffria dolorosa, mas pacientemente os tormentos agridoces da saudade, e apenas duas ou tres noites por semana se expandia feliz, gozando por breves horas a companhia da bella noiva na casa de sua tia.

Rosina não procurava, nem desejava amar o

joven pintor; foi porém obrigada a estima-lo ainda mesmo á despeito da sua vaidade louca que não podia perdoar, o que lhe cumpria admirar no noivo.

Angelo não tinha mais junto de Rosina nem timidez, nem vexames; o seo amor porém requintava o respeito, e no respeito tributava como religiosa adoração escrupulosa á uma santa, á um anjo, que não lembrava nunca as voluptuosidades da terra.

A pureza de Angelo quase que offendia Rosina acostumada á thuribulações, que trazião nas ondas de perfumes o veneno da sensualidade civilisada.

Todavia Angelo ao menos não incommodava Rosina que continuava á inebriar-se em sua vida de *namoradeira*.

As corridas do *Prado Fluminense* no mez de Maio tinhão dado á Rosina alguns novos e sollicitos frequentadores da modesta rua onde Ursini morava.

Desses novos tributarios de amoroso empenho, alguns, naturalmente os mais recommendaveis á calculação da bella joven, eclipsarão-se, desaparecerão no fim dos primeiros ensaios de galanteio; e a razão era bem simples: a con-

dição obscura de Ursini, cujo nome não se elevava pela estima publica, e a fama de namoradeira que Rosina já gosava, espantavão aquelles que por ventura tinham concebido a idéa de casamento, e ainda bem que a noticia e conhecimento da esquivança da donzella á pretenções revoltantes e criminosas afugentavão os seductores que não querião perder o seo tempo em namoros vãos.

Rosina consolou-se da facil deserção de seos admiradores captivados no *Prado Fluminense*, occupando-se especialmente de um que mais constante e sem duvida intencionalmente passava uma vez em cada tarde pela sua rua, olhando-a com interesse, e affectando gravidade, e certa apparencia de habitos de grandeza.

Era um homem de estatura regular e bem proporcionado, de cabellos pretos, olhos da mesma côr e a flôr do rosto, que era oval e pallido, de labios grossos, de barba á ingleza, de perfeito esmero no trajar, e nos modos, na expressão physionomica, nesse *que* que não se explica, e que é a convicção ou a presumpção estampando-se na face, no exterior, no *ar* da pessoa, indicando superioridade, e assegurando pujança de riqueza.

Esse homem trazia dissimulação evidente nos cabellos e na barba de côr negra, e por pouco que fosse attentamente olhado, denunciava-se velho de mais de cincoenta annos artificialmente remoçado pelas magias do toucador, e pelas illusões do trajar.

Era um velho que teimava em ser moço.

Mas, velho ou moço, e em definitiva velho pretencioso de mocidade, esse homem passava diante das janellas de Rosina em carroagem que não era de aluguel, pois tinha gravadas na portinhola as iniciaes do nome do dono, e o cocheiro e o pagem ostentavão ricas librés, e os cavallos erão soberbos.

Rosina havia desde a primeira tarde reconhecido esse homem : era um dos quatro cavalheiros do grupo que muito della se occupára na hora de mais vivo interesse nas corridas do *Prado Fluminense*; era aquelle amator que declarára ter apostado por *Lucifer*, e que logo depois, tendo ouvido a exclamação ou o voto de sua vaidade interessada pelo cavallo do jockey que trajava a côr do seu vestido, dissera lisongeiramente :

— Apostei por *Lucifer*; mas abençoaria a derrota de *Lucifer*, se *Romeo* vencesse.

E esse homem tinha applaudido enthusiasma-
do a victoria de *Romeo*, que alias o fazia perder
uma aposta.

Rosina sentio-se prevenida á favor do elegante
velho que fizera votos contra a sua aposta pelo
capricho da bella desconhecida: essa prevençãõ
tornou-se curiosidade sympathica pelas appa-
rencias imponentes do nobre senhor, que ainda
se distinguia pela ostentaçãõ da carroagem,
pela agaloada libré dos lacaios, e pelo valor
patente dos formosos cavallo de tiro.

A filha de Ursini não pensou na idade que
podia ter o velho que se indicava opulento: em
uma tarde olhou-o docemente; na seguinte sor-
rio-lhe de passagem; na outra correspondeo sem
vexame ao seo cumprimento que de mistura
trazia respeito falso e intençaõ maliciosa.

Rosina começava á sonhar sonhos doudos,
sonhos de grandeza, e de esplendor magesto-
so...

E no outro dia á tarde o carro desse homem
parou á porta da casa, ou antes da officina de
seo pae; porque a casa era de sobrado, e a
officina de Ursini no andar terreo.

Rosina concebeo esperanças deslumbradoras...
esperanças de casamento de ouro...

Dez minutos depois o rico senhor entrou no carro, que immediatamente partio...

Ursini subio ao sobrado...

Sem duvida o pae vinha dar á filha a noticia mais lisongeira...

Rosina enthusiasmada correo á receber Ursini, e perguntou-lhe o que havia.

— Novo e estupendo freguez, e faustoso baile na chacara do senhor commendador Ernesto de Athaide.

— Ernesto de Athaide... é o seo nome?... e é commendador?...

— Estou encarregado de preparar e dispôr a illuminação do jardim da sua chacara com todos os esplendores e segredos dos effeitos physicos e...

— Mas esse baile...

— É de estrondo! vaidade de homem riquissimo, que para esbanjar o dinheiro que nos falta, e que lhe sobra, toma por pretexto o quinquagesimo anniversario de sua mulher!...

— Casado!... exclamou Rosina desconsoladamente.

— E que confessa uma mulher com meio seculo e ainda a festeja assim!...

— Casado!... murmurou outra vez a joven em triste desillusão.

— Que ha de novo?... é a segunda vez que me repetes esse adjectivo *casado*, uma vez em tom maior e outra em tom menor?... que quer dizer isso?...

Rosina não tinha ainda segredos que escondesse de seo pae.

— Meo pae, respondeo ella; eu tinha chegado á pensar que o homem, á quem chama Ernesto de Athaide, amava-me...

— Ah! exclamou Ernesto, como tocado por um raio de luz inesperada...

— Mas é casado...

E abaixando a voz, Rosina murmurou tristemente :

— Ainda uma desillusão!...

Ursini poz se á coçar a cabeça, olhando para a filha, e depois retirou-se, dizendo :

— Este mundo!... este mundo!...



X

O commendador Ernesto de Athaide é um opulento capitalista de grande e bem firmado credito: como observa escrupulosa pontualidade no desempenho de seus compromissos na praça, e dirige suas transacções com probidade nunca desmentida, gosa fama de *honradissimo*.

É franco, generoso e muito presumido do seu merecimento pessoal. Em moço tinha sido bonito, gracioso de figura, ardente de paixões; e entrando no mundo já rico pela riqueza consideravel dos paes, fora sempre festejado nas sociedades, que se lisonjeavão de possuí-lo, e que lhe perdoarão, de mais, iniquos e repetidos abusos.

Ernesto, impellido por sua natureza volcanica, ajudado por seus dotes pessoaes, e pelos cortejos á sua fortuna, e emfim desatado de todo respeito aos principios da religião e da moral, se tornára audacioso seductr, levando o infortunio e a de-

sordem ao seio de algumas familias, e deixando remorsos abafados em não poucos e muito imprudentes corações.

Aos quarenta annos de idade o famoso e até então incorrigivel seductor e inconquistavel celibatario, surprehendeo á todos, ligando-se pelos laços conjugaes á uma senhora apenas quatro annos mais moça do que elle, e que nem pela riqueza, nem por dotes physicos ainda notaveis se fazia recommendavel.

Mas no casamento de Ernesto e Amelia, aliás celebrado com muita sumptuosidade, não entrára o amor nem do noivo, nem da noiva.

Amelia era uma mulher alta, magra, de bellos olhos que sacrificavão sua natural doçura ao olhar altivo e desdenhoso; de nariz aquilino, labios finos, rosto oval e muito branco, faces abatidas e queixo em demasia saliente; suas mãos não podião ser de mais extrema delicadeza; mas o seo peito era seco, e sua figura privada de toda graça, e de distincção nos contornos.

Presumpçosa e soberba, presumindo talvez o mundo todo occupado com a idéa da sua estirpe e da nobreza que lhe vinha de avós, grandes fidalgos que já o erão na época da fundação da monarchia portugueza, Amelia, escrava dos prejuizos

aristocraticos de seos paes, ficára solteira até os trinta e seis annos á espera de noivo da sua igualha.

O enfado natural do celibato involuntario, e talvez a insolencia da nova sociedade, que não acatava bastante a sua alta condição de grande fidalga, tinham aggravado a acrimonia do genio e offendido o orgulho da senhora aristocrata e presumpçosa de alta e superior condição.

Más a fortuna, cada vez mais sinistra e menos respeitosa, hia sempre augmentando os rigores da situação economica da familia fidalga, e os paes de Amelia, cedendo emfim á imposição democratica da necessidade, chegarão um dia á pensar que os cofres do commendador Ernesto valião, nas revoltantes realidades da vida, muito mais do que os seos velhos pergaminhos de nobreza anachronica.

Esta convicção custou muito mais á entrar no animo de Amelia, e só depois de porfiada e longa luta, vencida por seos paes, mas não convencida pela razão, a fidalga prestou-se á *descer*, casando-se com o riquissimo capitalista.

Tambem de sua parte Ernesto, ufanoso, possuido de vangloria e de ridicula tumefacção moral, quiz por esposa e por mãe de seus filhos

uma senhora á cuja nobre linhagem a alta sociedade rendia preito na terra e na monarchia da nobreza democratica.

O casamento não podia ser melhor: os noivos acharão-se mais felizes e mais á gosto do que talvez o sonhavam: Amelia teve magnificencias em seo tratamento; Ernesto liberdade inteira em sua vida e em suas acções.

Soberana absoluta em sua casa, Amelia, olhando o marido como vassallo afortunado que devia realizar e effectivamente realizava todos os seus caprichos, todas as suas phantasias, estimando-o um pouco talvez; não o amando, porém, porque não podia ama-lo, julgando-o sempre somenos della, vivia de festas, de luxo e de ostentação, e não se abaixava a pensar na vida que levava o marido, á quem apenas tolerava por dever social, e por impulso natural na representação publica do seo estado e na convivencia intima e obrigada do lar e do leito.

A soberba aristocratica de Amelia manifestara-se imponente á Ernesto em uma exigencia antes e em uma negativa annos depois do seo casamento.

A exigencia estampara-se em um artigo do contracto de casamento; porque os paes de

Amelia quizerão que os filhos provaveis desta tivessem o seo nome de familia sobre o nome de familia de Ernesto.

A negativa ostentou-se mais tarde: quando, durante certo periodo da guerra do Paraguay, foi facil obter titulos de nobreza á custa de donativos pecuniarios, Ernesto annunciou á Amelia que se propunha á abrir seos cofres para ter o titulo de visconde, afim de que ella tivesse o de viscondeça.

— Não, disse-lhe Amelia; não quero que um titulo comprado se misture com a nobreza que herdei de meos avós.

Afóra esta grande fraqueza, que pelo leite e pela educação dominava o character da esposa de Ernesto, era esta de exemplar e altiva honestidade, caridosa com ostentação de magnificencia, e orgulhosa e exigente quando se dignava conceder sua protecção á alguem.

Duas filhas que de seo casamento tivera, não modificarão seos sentimentos, e seo systema de vida, nem ao menos para torna-la mais amorosa e mais terna companheira de seo marido: Amelia continuou sempre á ser esposa recatada e respeitavel, mas ceremoniosa e fria; tendo leito e apo-

resento á parte dos de seo marido, como etiqueta de pudor e lição de decencia na familia.

Á principio um pouco resentido das pretenciosas monifestações de superioridade da nobiliarquia da esposa, e da vida artificial á que teve de sujeitar-se em casa, Ernesto logo depois abençoou a paz de gelo que ahi lhe era dada pela guerra de fogo que podia impunemente fazer longe e fóra do lar domestico.

Ernesto, livre e solto, apesar de casado, entregou-se, como d'antes, aos seus instinctos e aos seus habitos de sensualidade e de seducções, e nem mesmo delles se corrigio, quando a velhice implacavelmente lhe foi annunciada pelo numero dos annos, e por aquella decadencia, e aquelles vestigios que debalde e ridiculamente alguns procurão dissimular.

Ernesto contava já sessenta annos, quando pela primeira vez vio Rosina no *Prado Fluminense*.

A impressão que a provocadora e linda moça deixou na alma do velho libertino foi extraordinaria.

No mesmo dia Ernesto conseguiu presuroso recolher informações circumstanciadas da familia de Rosina, e da posição social, condições, costumes e moralidade de Ursini.

O velho quasi sexagenario meditou conquistar a joven de vinte annos. Tinha alcançado já dous conhecimentos preciosos, o da pobreza da familia de Ursini, que apenas ganhava para mantela muito modestamente, e o da moralidade equivocada desse mesmo Ursini, que era o pae de Rosina: o seo primeiro empenho foi consequentemente, além de insinuar-se desde logo no animo da donzella por indicações de riqueza e de amorosa attenção, relacionar-se com o artista italiano e dominar sobre elle.

A festa esplendida com que costumava solemnizar o anniversario natalicio de sua esposa, servio á Ernesto para abrir a porta da officina de Ursini.

Da officina á casa da familia era um passo, e o velho seductor presumia ter nos seus cofres guardada a chave da porta da escada por onde se subia para o sobrado que ficava por cima da officina.

Ernesto acabava por tanto de pôr sua mão avelludada de capitalista millionario sobre o hombro do pae de Rosina.

XI

Ursini não precisava esmerar-se na illuminação do jardim da chacara de Ernesto para mececer os gabos e a protecção deste; ajudado porém pelo concurso de ajudantes que podião ser seos mestres, e fazendo-se crer o genio inspirador de todos os trabalhos, realisou maravilhas de pyrotechnia, arvores com folhas de flamas, volcões em seios de verdura, repuchos de fogo e agoa, um jardim encantado no jardim pouco notavel, mil e una noutes magicas em uma só noute de festa.

A illuminação custára á Ernesto maior despeza do que o banquete e o baile; mas tão satisfeita ficára Amelia, que no dia seguinte mandou á Ursini uma gratificação particular de seo bolsinho, e fez com que o marido o encarregasse de alguns melhoramentos no jardim.

Ursini exaltou-se com a confiança que a or-

orgulhosa fidalga começava á depositar na sua habilitade, e pensou que havia encontrado duas protecções fecundas na mesma casa, embora nas raras occasiões em que Amelia lhe apparecera e lhe dirigira a palavra, mal podesse medir a distancia em que ella baixo e longe o deixava com o seo tom de superioridade que ordenava sem consulta, e com o simples e frio *está bem* que marcava sem agradecimento a satisfação de sua vontade zelosamente obedecida.

Foi então e como se tudo devesse concorrer para facilitar os criminosos projectos de Ernesto, que Joanna completou novas esperanças do marido, dando á luz um menino depois de dezoito annos de esterilidade subsequente ao nascimento de Rosina.

Ursini enthusiasmado com o filho que por tantos annos almejava debalde, propôz á esposa dar-lhe por padrinho e madrinha o commendador Ernesto e D. Amelia.

Joanna concordava sempre com o marido, e achou optima a escolha do compadre e da comadre, aos quaes nem de vista conhecia.

Mas no seio da familia pronunciarão-se uma inutil reprovação franca, e uma cautelosa prevenção confidencial contra essa idéa de Ursini.

Propicio dice á irmã :

— Joanna, teu marido fez uma escolha de compadres que é propria de adulador interesseiro : procura para madrinha de teu filho uma senhora que não supponha fazer-te honra, quando te chamar comadre, e para padrinho um homem melhor que teu marido, mas artista como elle.

E accrescentou em tom de lição :

— Gente pobre mettida com *essa* gente rica perde sempre no jogo em que pretende ganhar.

Propicio, vadio pobre, tinha como quasi todos os vadios pobres odio aos ricos ; mas ao menos dessa vez o odio lhe inspirára sabio conselho.

Todavia Joanna respondeo-lhe, rindo :

— És um tolo.

Rosina fallou confidencialmente á Ursini.

— Meo pae, disse ella ; eu creio que não escolheo com acerto o padrinho para o menino.

— Porque ?

— O Sr. Ernesto continua á passar todas as tardes pela nossa rua.

— Se é o seu caminho !...

— Mas não o era antes das ultimas corridas do *Prado Fluminense*.

— E que tem isso ?... ora !...

— Previno-o, de que apesar de ser casado o Sr. Ernesto olha-me e corteja-me com suspeitosa intenção.

— Desconfiada!... desconfiada!... dice Ursini, encolhendo os hombros.

Rosina impacientou-se, e tornou dizendo, com firmeza e sem corar :

— Elle me namora, meo pae.

Ursini rio-se e respondeo :

— Casado e velho o commendador Ernesto não pôde olhar com designios perversos para uma douzella recatada; mas ainda nos velhos e casados é natural e innocente admiração da tua belleza.

Rosina abriu um grande olhar e o fitou no rosto de seo pae.

— Fica certa, tornou-lhe este, que o commendador Ernesto não te namora.

Rosina não insistio; mas ficou certa de que Ernesto a namorava e de que seo pae não duvidava disso.

Ursini logo que dias depois concluiu á contento de Amelia as obras de que fôra incumbido, mandou pedir-lhe uma audiencia, e, no fim de uma longa hora, recebido nasala para onde o conduzirão pela soberba senhora que nem se levantou, nem o convidou á sentar-se, deo-lhe parte

do nascimento de seu filho, e requereu-lhe a graça de ser madrinha do innocente, e de conseguir que o commendador Ernesto fosse o padrinho.

A idéa do compadresco desagradou á altiva fidalga que desdenhava relações com pessoas de humilde condição; parecia-lhe, porém, não cruel, mas pouco *nobre* furtar-se á um dever de religião, e de santa caridade.

Impassivel, soberba, e enregelada, tendo Ursini em pé diante de si, Amelia reflectio em silencio cerca de dez minutos, que ao solicitante parecerão dez dias; finalmente e ainda sem a mais leve expansão de plisionomia, e quasi sem olhar para o pobre plebeo, disse :

— Sim.

E fez com a mão signal de despedida.

Ursini retirou-se, julgando-se com alguns palmos de menos em sua estatura natural, arrependido da comadre que tomara; mas bem determinado á não confessar á familia a humilhação porque passára.

Procurando depois, como já era forçoso, a resposta de Ernesto, achou neste compensação pelo mais agradável acolhimento.

Marcou-se o dia do baptisado; mas na vespera Ursini recebeu em sua casa Ernesto, que pre-

textando molestia da esposa, apresentou passada por ella uma procuração, trazendo lugar em branco para o nome da pessoa que na pia baptismal devesse represental-a como madrinha.

A fidalga olvidára um grande perigo, e não escapou á elle: expuzera-se á ser representada por alguém que da sua igualha não fosse; e isso aconteceu; porque o nome de Clotilde cobrio o espaço em branco deixado na procuração.

Amelia tinha dito á Ernesto:

— Livra-me dessa gente.

E assignara a procuração como um recurso.

Ursini não acreditou na molestia da comadre; mas applaudindo interiormente a sua auzencia; jurou esquecer-se da soberba senhora:

Todavia Amelia queria sempre ostentar-se fidalga de altas acções.

Effectuara-se o baptisado, e no dia seguinte Amelia, que em todo caso era madrinha do menino, mandou levar á casa de Ursini uma escrava moça e de valor. com carta de doação feita por ella ao afilhado.

O valioso presente animou ainda Ursini á levar a familia em visita de agradecimento á generosa comadre.

A visita era um dever e uma homenagem; Amelia porem desdenhou ambos.

Os creados despedirão a familia de Ursini, declarando que a senhora estava doente, e que para poupar o incommodo de alguma outra visita inutil, ella faria prevenir á Ursini, quando pudesse receber sua familia.

Joanna e Rosina, resentidas da clara repulsão immerecida, voltarão para a cidade, devorando em amargo silencio a sua vergonha. Joanna ao menos era humilde e paciente e soffria sem se revoltar ; mas Rosina, habituada á lisonjas, e presumpçosa do seo merecimento, estava cole-rica e respirava affrontada.

Ursini tanto mais confundido que era o unico responsavel pela escolha da comadre, desejou consolar a esposa e a filha, e já quasi á chegar á casa, disse, rindo ou fingindo rir :

— Ainda bem !... tanto melhor !... tanto melhor !...

Joanna murmurou tristemente :

— Tanto melhor?... porque?...

— Porque estamos livres della.

— E delle?... perguntou com voz surda Rosina indignada.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

A NAMORADEIRA

SEGUNDA PARTE

I

Desde o dia em que ouvira á seo pae que Ernesto, o velho ostentativo de riqueza que a requestava tão frequente depois das corridas do *Prado Fluminense*, era casado, Rosina, não podendo mais esperar d'elle e do amor que lhe inspirasse, a realização do seo projecto de casamento de ouro, prompta mudára de proceder para com o estolido ou atrevido namorado: ao ve-lo passar á tarde em seo carro, deixava-se á janella, pouco se lhe dando, ou ainda se aprazendo de que sua belleza o allucinasse cada vez

mais intensamente; mas fugia completa alheiação ao culto que lhe era tributado, e nem de leve indiciava ter presentido ao longe, ou sentido de perto esse homem que de passagem a devorava com os olhos e debalde a cumprimentava.

Às vezes por indiferença artificialmente cruel Rosina chegava, em requinte de malicioso tormento, á contemplar os arrogantes cavallos de tiro, sem de relance ao menos olhar o dono da carroagem.

Havia nessa indiferença que mais parecia esquivança, não prudencia de donzella cautelosa, mas certa especie de vingança pela desillusão que desfizera o ultimo sonho da noiva interesseira e ambiciosa, á quem até um velho, desde que fosse opulento, para marido convinha.

Todavia Ernesto nunca passava desapercibido: quasi todas as senhoras, e especialmente as namoradeiras, possuem o maravilhoso segredo de ver sem olhar, ou ao menos sem parecer olhar.

Rosina gozava com satisfação um pouco barbara os esforços insistentes e estereis que Ernesto empregava para merecer ou reaver a attenção e sorrisos que já tinha obtido; folgava dentro de

si do mal que fazia ao velho, seo requestador ; mas com surpresa sua teve de observar no fim de algumas semanas que tambem Ernesto mudára subitamente de proceder para com ella.

Logo que conviera em ser padrinho do filho de Ursini e de Joanna, o elegante e inconfesso velho tornara-se outro em relação á Rosina: continuando á passar todas as tardes por diante de suas janellas, não a olhava mais com fogo, e, somente respeitoso e cortez, tirava-lhe o chapéo sem procurar ver se era correspondido; em vez de amoroso empenho mostrava consideração quasi amiga, em vez de ardimento, gravidade serena.

Feito o baptisado do menino que recebeu o nome do padrinho, este pareceo tomar á peito obrigar seos compadres á esquecer a despedida rude com que Amelia os repellira, captivando-os com a sua solícita e generosa amizade.

Ernesto foi por vezes á casa de Ursini, e tanto vio e abençoou o afilhado, que acabou por tomar-se de amores por elle, amiudando consequentemente as suas visitas; durante estas porém era tam expansivo com os compadres e com o lindo Ernestinho, como respeitoso e até certo ponto reservado com Rosina.

Ursini enthusiasinou-se por essa nascente affeição; Joanna pensava que seo filho, o seo querido anjinho, merecia tudo; Rosina porém desconfiou dos exaggerados extremos do padrinho de seo irmão, e, apezar das ceremoniosas reservas com que era tratada, considerou-se especial objecto da obsequiosa frequencia de Ernesto na casa de seos paes, e de sobre aviso preparou-se para confundir o encoberto namorado, que não podia ter direito á ama-la.

Ernesto foi pouco á pouco captando a gratidão dos paes do seo afilhado, ora enriquecendo o enxoval deste, ora trazendo á comadre presentes delicados, e ainda de insignificante valor extrinseco para serem recebidos sem alvoroço de susceptibilidade.

Estas frequentes relações com a familia de Ursini produzirão a sua natural consequencia, gastando gradualmente e enfim destruindo de todo as peas de respeitosa cortezia, que Ernesto mantivera, á principio, sempre que se dirigia á Rosina.

Mas, com inesperado trastorno de todas as suas conjecturas, a suspeitosa donzella observou que Ernesto, desprendendo-se do tratamento ceremonioso que até pouco antes lhe dera, em vez

de ensaiar as primeiras e subteis tentativas de galanteio proprias para experimentar-lhe a condescendencia, ao contrario somente lhe manifestava com agrado simples e franco sympathia protectora, e affabilidade como paternal que perfeitamente assentavão em sua idade avancada e em sua condição de homem casado.

Rosina sentio-se cahindo das nuvens: tinha de antemão preparado vigorosa e nobre repulsa que deveria ao mesmo tempo desorientar, desenganar e punir esse velho que na declaração do seu amor ia irrogar-lhe uma affronta; desejava porém fulminar-lo ou rir delle, quando o tivesse cahido á seus pés, e em delicto flagrante de condemnada paixão; mas ao revez desse com que contava, duplo triumpho do seu desvanecimento e da sua honestidade, era ella que se achava confundida pela amizade desinteressada, seria e honorifica, pela benevolencia suave, mas isenta de todo sentimento menos decoroso, e pela tranquillidade de animo que Ernesto lhe mostrava sem affectação ou artificio que se atraissem.

Esta attitudo placida e generosa do elegante velho, em vez de socegar, intrigava a filha de Ursini.

Rosina era muito presumida da sua formosura para que não guardasse no coração a duvida do enregelamento do terno affecto de Ernesto, e essa duvida era infelismemente um aguilhão de vaidade.

Ou Ernesto devéras se retrahira, e tinha conseguido vencêr um amor escandaloso, que o deshonraria duas vezes, deshonrando-o pela infidelidade á esposa, e pelo abuzo de confiança da familia que o recebia em sua amiga intimidade; ou nutria idea de seducção da donzela, e em tal cazo era seductor astuto e temivel; porque sabia dissimular profunda e longamente, esperar sem impaciencia e sem medir o tempo, e estender garras atrozes cobertas de velludo e ouro para mostral-as somente quando a victima incauta e desapercibida não pudesse mais escapar-lhe.

Em qualquer das duas hypotheses o aguilhão da vaidade de Rosina era um perigo: na primeira podia ou reacender flammias impudicas ou não reacendendo-as, autorisar suspeitas de falhas em seo pudor de donzella; na segunda chegaria á animar projectos ignominiosos.

Rosina, ápezar seo, reflectia demaziado na contradicção e na mudança repentina e absoluta

dos sentimentos de Ernesto: affigurava-se-lhe inverosimil a metamorphose, ou somente podia explical-a, admittindo que elle fingira ternura, que não sentia realmente, quando fervoroso até poucos dias antes a namorava; mas semelhante explicação fazia resultar um ludibrio que a deprimiria.

Ella não amava, nunca poderia amar esse homem, repugnava-lhe então até a idéa de aceitar ainda mesmo por zombaria o ridiculo galanteio do velho, á que alias ja se havia prestado por julga-lo rico e solteiro; não comprehendia porém e muito menos se sujeitava á acreditar que Ernesto pudesse ter deixado de ama-la tam facilmente, nem que houvesse força de vontade capaz de quebrar os ferros do captiveiro imposto pela sua belleza.

E todavia Ernesto apenas a olhava, indicando suave afeição paternal!

Rosina vacillava, reflectindo.

Dous mezes tinham passado depois do começo das visitas frequentes do amoroso padrinho, quando, em uma tarde, elle entrou com Ursini na sala no momento emque Rosina começava á tocar ao piano uma peça de phantasia de classico autor allemão.

A joven pianista quiz levantar-se; mas cedeo logo ás exigencias de Ernesto, que aproximando uma cadeira, sentou-se para ouvil-a de perto, ou talvez para apreciar a lindeza, e a postura graciosa e artistica de suas mãos, cujos mimosos dedos tinhão de brincar ligeiros sobre o teclado.

Rosina tocou o melhor que poude; mas incontestavelmente o piano era indigno de seos dedos maravilhosamente delicados, brancos e lindos. Era um velho piano de *Erard*, gasto e amarimbado por dez annos de aturado serviço, e que chegara em segunda mão á casa de Ursini.

— Perfeita execussão!... exclamou Ernesto no fim da peça; mas que instrumento ingratisimo!... dona Rosina se sacrifica, gastando segredos de delicadeza e de inspirada expressão em semelhante piano invalido e estragado.

— Piano de pobre, meo compadre; disse Ursini; ainda alguns mezes de serviço, e eu lhe juro que ha de ouvir minha filha tocar uma peça nova em piano tambem novo.

— Pois que me convida á ouvi-la, não posso esperar tanto tempo.

— Mas... compadre...

Rosina adivinhou o pensamento de Ernesto, e hesitando entre o vivo desejo de possuir um

piano bom e novo, e a repugnancia instinctiva de receber um presente que bem podia ser insidioso, olhou para o compadre de seu pae, e vio-lhe no rosto a mais perfeita serenidade.

Entretanto Ernesto fallou, dirigindo-se á Ursini.

— Não acha que o padrinho do irmão desta menina, sendo além disso cazado e quasi velho, tem seos direitos de meio-pae na sua familia?...

— De segundo pae de Ernestinho; observou Rosina.

— Só!... pois bem, tornou Ernesto, sorrindo: em tal caso tambem não quero favores sem gratidão retributiva: a senhora embala o meo afilhado com as suas melodias... por tanto... ora... que mal pode haver em que eu lhe faça um pequeno presente?...

— Compadre!...

— Oh! não; disse Rosina, abaixando o rosto.

— Menina, porque orgulhosa se alvoroça por tam pouco?... não fallemos mais nisto.

Rosina não procurou desculpar-se; pareceo-lhe muito mais acertado guardar silencio; porque havendo indicado que não queria o piano, deixava ainda assim ao velho rico a faculdade de lh'o mandar, e tanto mais que o não aceita-

ria sem o consentimento, alias infallivel, de seo pae.

A inconsiderada moça ardia por ver chegar o seo piano novo, e sophismava comsigo mesma, julgando-se, pela recusa apenas insufficientemente enunciada em um monosyllabo, livre da responsabilidade de um grande erro.

Ernesto pedira o afillhado, como costumava fazer. e tendo-o visto e acariciado, despedio-se, dizendo á Ursini que tinha empenho em falar-lhe na manhã seguinte em seo escriptorio.

No outro dia Ursini acudio ao emprazamento do compadre e, de volta para casa, trouxe á filha o melhor piano que se pudéra encontrar nos competentes depositos do Rio de Janeiro.

Rosina presentio da sala a chegada do magnifico instrumento, ao ouvir a cantiga uzual e acompanhada de chocalhos que entoavão os negros carregadores, e correo á janella, radiando de alegria.

A imprudente donzella não quiz comprehender que a entrada daquelle piano era talvez o primeiro passo para a abertura da campanha traiçoeira da seducção, nem percebeo no ruido aspero da cantiga e dos chocalhos dos carregadores o annuncio da murmuração publica que havia de ferir o seo credito.

II

Ursini morava e mora na rua de... uma das mais modestas da *cidade velha* do Rio de Janeiro.

A casa é de dous pavimentos : trez portas no andar terreo, duas são da officina de Ursini, a outra é a do corredor do sobrado, e comunica tambem com os aposentos do fundo do pavimento inferior, que pertencem á Propicio, e são inteiramente fechados e independentes da officina.

O sobrado tem trez janellas de frente quasi unidas e com grades de ferro, e consta de sala de visitas, tendo no fundo tres portas, a da entrada á direita, a do centro que é da alcova principal pertencente á Ursini e Joanna, a da esquerda que é do corredor que vae acabar na sala de jantar : no corredor ha duas portas que abrem para dous quartos, um o de dormir, outro o do

toucador de Rosina, e esse é ainda esclarecido por outra porta que dá comunicação para a sala de jantar.

Joanna zéla com escrupulo que se tornara habito, o socego e segurança de sua casa : salvo caso excepcional nenhum estranho entra além da sala de vizitas : o proprio Ernesto só nesta tem sido recebido : á noite ella tranca as portas do corredor do segundo pavimento, de que Ursini tem segunda chave para, quando volta do jogo, entrar sem incommodo da mulher.

Á porta da rua dorme um pobre velho escravo, condemnado á despertar duas vezes em horas mortas para abri-la á Ursini e á Propicio, ao jogador incorregivel, e ao vadio e desenfreado tunante.

Joanna é a actividade e o labor incessante em todas as horas do dia : estabelecera o seo throno domestico na sala de jantar, donde sahe mil vezes, como rainha fiscal, e como exemplar executora do serviço domestico.

Rosina é a feliz ociosa, que só tem por occupação o estudo de piano e canto, o cuidado de se vestir com faceirice, e a arte de mostrar-se á janella e de esperar ahi a passagem, e os tributos de namoroamento dos seus numerosos reques-

tadores sinceros ou fingidos. Rosina tambem é rainha, e tem por seo reino a sala de visitas, e por triplice salio as trez janellas de grades de ferro.

O presente do piano encantára a joven pianista que estava desde muito aborrecida do velho e falseado instrumento.

Mas Ernesto déra ao generoso mimo pretexto embora futil, explicações capciosas ou de real favor innocente, que ou ainda escondião reservado mas ardente sentimento, ou manifestavão isenção perfeita do amor que Rosina lhe havia pouco tempo antes inspirado.

A vaidosa loureira ardia em desejos de resolver o problema : aquelle homem, pouco importava que fosse casado e velho, mas aquelle homem, que em todo caso, ainda tinha olhos para ver e coração para sentir, poderia com effeito ter tão grande poder sobre si mes no que depois de have-la adorado de longe, conseguisse, por frio e reflectido conselho da razão, ve-la de perto, ouvi-la, forçosamente experimentar a influencia de seos encantos sem abalo nem commoção, sem ao menos indiciar interna luta, e na reserva respeitosa tormentoso sacrificio?...

Rosina que tam receiosa vira Ernesto entrar

na casa de seo pae, e tam justamente repugnara a idea do amor do homem casado, já estimulada pela vaidade e inconsideradamente dezejosa de aniquilar o que suppunha retrahimento premeditado, começava á illudir-se á si propria, imaginando desculpas para affoutezas arriscadas e reprehensíveis.

Assim ella se dizia que muito mais se expunha, quando sem intenção de casamento, alimentava os namoros de mancebos em condições de merecer favores que comprometterião o seo credito, do que excitando com innocentes e duvidosos invites o amor de um velho casado, que por casado e velho ninguem se lembraria de consideral-o amado pela donzella de vinte annos.

E dizia ainda mais á si mesma que ella, aprazendo-se tanto de atear paixões e entreter galanteios ás vezes cheios de ardores e de arrebatamentos, devia divertir-se muito com a ternura comica de um velho namorado que lhe era mais do que indifferente, desagradavel.

Mas Rosina não se dizia que esse velho casado era riquissimo e gozava de ameaçadora reputação de libertino, e menos ainda lembrava que esse velho rico, frequentando assiduamente a sua casa, chegaria á dar á ternura que ella chamava

comica, um outro caracter nocivo e tristissimo na opinião dos maldizentes e nas suspeitas dos curiosos.

E Rosina tambem não ponderava que ha em todo galanteio uma ladeira ingreme, pela qual o homem sobe sempre em atrevimentos, e a mulher vae sempre descendo em concessões e facilidades.

Emquanto porém Rosina já estava sophismando assim, Ernesto adiantava-se consideravel e animosamente, embora ainda dissimulando as suas intenções.

Aproveitando a confiança da familia, o padrinho do pequenino Ernesto principiara á dispensar a companhia de Ursini, e subia só ao sobrado, encontrando Rosina tambem só na sala.

A facil tolerancia do presente do piano o animára á repettir as dadivas e já, sem previa licença e sem o intermedio dos paes, trouxera á Rosina, um dia, leque delicadissimo, em outra tarde lindissimos brincos de brilhantes, e não hesitára em mandar á Joanna finos cortes de vestidos de distincto toilette domestico, que certamente não serião para ella.

Rosina aceitara os presentes um pouco vexada, e os apresentára á sua mãe que, contente ao

primeiro, mas hesitante ao segundo, fez á Ursini leve observação sobre o caso.

Ursini rio-se e respondeu :

— Deixa : sobra o dinheiro ao compadre, e a sua protecção nos aproveita.

Joanna não sabia oppôr-sé aos juizos do marido, que desde muitos annos, pensava por si e por ella, em tudo que não se referia á Propicio.

Rosina lisongeada pelos presentes que testemunhavão lembrança e cuidado, mas ainda confundida pelos modos serenos e paternaes do padrinho de seo irmão, decidio-se emfim á provoca-lo habilmente sem parecer namorada, deixando-se embóra indiciar leviana.

Ernesto resistio, em duas tardes de encontro e conversação á sós com a imprudente mas amestrada *namoradaira*, aos artisticos e bem medidos requebros, ao olhar ora scintillante, ora vago, á magia de sorrisos, e aos gracejos espirituosos com que ella procurava negligentemente desatinar-lo sem desatinar-se.

O astuto seductor, que via bem quanto estava ganhando por meio de seo systema de refalsada dissimulação, jurára á si proprio não mascarar-se senão quando estivesse seguro de indisputavel dominio sobre a victima.

Mas Ernesto não contava com a indiferença glacial de Rosina, nem com os audaciosos recursos da loureira.

A resistencia do velho refinado em seducções inflammou a vaidade da sagaz namorada.

Rosina esperou Ernesto, sentada ao piano, onde desde alguns dias elle costumava achá-la.

O velho inconfesso entrou, annunciando-se apenas pelo ruido de seos passos.

Rosina retirou as mãos do piano para saudar á Ernesto; mas logo depois, urgida por elle, continuou á tocar, e pouco á pouco se foi tornando tão absorvida no estudo ou na execução da musica que, parecendo esquecel-o, desamparou-se como em descuido á contemplação livre, commoda e audaz do observador que lhe estava á um lado e de pé.

Ernesto apenas ouvia sem attender á musica; seos olhos cubiçosos vagavão do rosto para o collo, e do collo para as mãos da donzella, acompanhavão deliciosamente o gracioso movimento de inclinação de seo tronco, quando ella se dobrava um pouco para ver de mais perto as notas de um compasso duvidoso, e contavão ebrios as pulsações do coração que trazia em suave arfar o peito formoso e virginal.

Rosina, sem precaver-se contra esse olhar indiscreto, fazia engraçados momos de desgosto, sorria-se alegremente, e commovia-se terna, conforme executava menos bem, ou com perfeição a musica, e quando das melodias transpirava sentimento apaixonado ou doloroso.

Ernesto devorava nessa variedade de expressões physionomicas, nesse eloquente fallar dos olhos, dos gestos e dos risos, e nessa absorção musical da bella pianista, o quadro fiel da natureza impressionavel, e mobil, da sensibilidade exquisita, e das abstracções transportadas de sua alma ; quando porém, mais seguro do embebecimento de Rosina, elle tambem embebecido a admirava, de repente ella retirou as mãos do teclado, e voltando o rosto, e olhando-o com fixidade deslumbrante, perguntou :

— O senhor Ernesto era um homem que, antes do baptisado de meo irmão, passava por esta rua de carroagem todas as tardes, desde certo tempo?...

Ernesto, que se perturbára ao olhar inesperado de Rosina, muito mais se confundio, ouvindo-lhe a inconveniente pergunta feita de repentino assalto ; e sentindo fitos nos seus com potente ardor os olhos mais luciferos e bellos,

obrigado á responder, hesitou, gaguejou, e por fim disse:

— Era... mas... porque?...

Rosina voltou os olhos e o rosto para o teclado e respondeu com ingenua simplicidade:

— Ora... perguntei por perguntar.

E continuou logo á tocar a musica que interrompera; já porém menos absorvida nella, e sorrindo-se á muido e fugazmente, como á brincar com pensamentos da alma nas expensões e contracções dos labios.

Ernesto tranquillizou-se em breve, e sem ainda comprehender sufficientemente a significação da pergunta de Rosina, pensou que perdia o seo tempo, e que já demais o perdera, encobrindo-lhe, astucioso, sentimentos que ella não desconhecia, e apenas se achou perplexo e duvidoso na apreciação do intento que determinara a subita interrogação: era um desgano habil para faze-lo recuar, antes de manifestar-se claro o empenho que devia obrigar Ursini á fechar-lhe a porta de sua casa; ou pelo contrario uma provocação lisongeira?...

Ernesto, que já então acreditava menos que pouco na severidade e nos escrupulos da moral de Ursini, determinou esclarecer-se immediata-

mente sobre o impulso significativo da pergunta que o atarantára, procedendo de modo á poder indicar-se ao mesmo tempo ou ainda protector desinteressado, usando de confiança paternal, ou já confesso e atrevido amante.

E esse profundo contraste era possível, porque nos afagos, nas manifestações de amor santo ou criminoso, ha liberdades que em ambos são iguaes pelo modo, e absolutamente diversas e absolutamente diferentes pelo sentimento que as determina.

Rosina tinha acabado de tocar.

— Que encantadora musica !... disse Ernesto.

— Pensa devéras que o é ?... perguntou Rosina.

— Se o não pensasse, porque o teria dito ?...

— Pensar e fallar... sentir e dizer... não julga que no homem a palavra é o mais constante vehiculo do peccado ?...

— Nem sempre, e nem em todos os homens ; mas na mulher ?...

— Eu sei ?... murmurou Rosina docemente, levantando-se do piano.

— Feiticeira menina !... disse Ernesto.

E, avançando o braço, tomava já Rosina pela cintura, affectando porém suave afago de velho amigo e protector.

A joven donzella deo rapida volta com o corpo, escapando ao braço audacioso, recuou alguns passos.

— Porque me foge assim, menina?... perguntou Ernesto.

Rosina respondeo secamente :

— Porque o senhor nunca me tratou deste modo diante de meo pae ou de minha mãe.

— Ah! tranquillise-se pois : não tornarei a abraça-la ; mas não fui eu quem imaginou malicia no abraço.

— Devéras?... em tal caso a malicia foi minha... todavia... não me arrependo.

Ernesto vio que o resentimento de Rosina se applicára facilmente ; pois que voltára á seo rosto a expressão habitual de viveza e de alegria ; approxinou-se pois sem receio e disse-lhe com agrado :

— Menina, eu tenho perto de cincoenta annos.

— E eu ainda não tenho desoito completos.

— Pela minha idade poderia ser seo pae...

— Mas não é.

— Não o sou, não ; bem o sei ; amo-a porém como á uma filha querida.

— Ah !...

— E desejo torna-la immensamente feliz...

Rosina fixou outra vez os olhos no rosto de Ernesto, e dando á voz tom de viva curiosidade e ao semblante certo ar de innocencia e simplicidade, perguntou :

— Como é que o senhor deseja tornar-me immensamente feliz?...

Pela segunda vez nessa tarde Ernesto embaraçou-se confuso, tendo de responder á Rosina ; mas Ursini vinha então subindo a escada muito opportunamente para o seductor, que ao ouvir-lhe as pisadas, responde em voz baixa á joven :

— Amanhã lhe direi.

III

Alguns dias tinham já passado, Ernesto viera em quasi todos elles á casa de Ursini ; por mais de uma vez se achára á sós com Rosina e não lhe explicára o modo porque desejava empenhar-se em felicitar-lhe a vida.

O seductor contava ser provocado á fallar, e admirava-se de que lhe estivesse falhando a curiosidade, de que elle se propunha aproveitar-se sagazmente, inflammando a imaginação da donzella com a perspectiva de deslumbrante futuro e sem alvoroça-la por immediata exigencia de condição affrontosa ; contrariado porém pela incuria ou pelo desinteresse de Rosina, e não tendo mais que disfarçar o seo amor, tratou de manifesta-lo com adiantamentos ainda comedidos, e ostentando-o em enlevos, meiguices e finezas.

Rosina, que havia conseguido a satisfação da sua vaidade, obrigando Ernesto á renovar-lhe

seos cultos, fingira-se esquecida da explicação que pedira e lhe fôra promettida, começára á divertir-se doudamente com o penar do seo velho namorado, requintando em faceirice, em travesos modos, em ledice e graça, e deixando-se incensar, adorar, namorar; mas, tam astuto como Ernesto, ora fugidiça, ora indifferente, sempre imperturbavel, se não mostrava esquivança, parecia ainda mais fortalecida pela isenção.

Com cêffito Rosina estava perfectamente segura de não amar Ernesto; ápezar da elegancia irreprehensivel com que elle trajava, da natureza feliz que, ajudada pelas commodidades da riqueza e por vigorosa saude, e ainda pelos meios artisticos que lhe aprumavão o tronco e lhe enegrecião os cabellos, poderem autorisa-lo á furtar dez annos em sua idade, ella o achava frio e muito velho para o seo amor, e, pela condição de casado, fôra dos seos calculos de casamento.

Por isso mesmo não receiando chegar á interessar-se por Ernesto, a loureira, rindo entre si dos requebros do *velho*, zombando de sua paixão serodia, e promettendo-se pôr-lhe breve termo com a imposição do seo desprezo, recreiava-se no entanto com esse extravagante namoro á

que não correspondia, mas que cruelmente abusava ia tolerando por escarneo.

O impulso arriscado da vaidade de Rosina, que tão nocivo lhe poderia ter sido, fôra-lhe por outra força de severa logica de proveito e conveniencia, com que ella nem sonhára; porque o seo manhoso e refalsado seductor, que evidentemente ia ganhando vantagens com o systema de dissimulação traiçoeira que empregava, coagido á tirar a mascara, e logo consequentemente levado á fazer ternissima e abraçada côrte amorosa á donzella que tão pouco o attendia, e tão sagaz e fria estava procedendo, perdera desde então o elemento que lhe dera superioridade, e ficára á mercê de uma terrivel tentadora, tanto mais perigosa quanto menos se deixava tentar.

Travava-se a luta franca entre o seductor e a *namoradaira*.

Ernesto conseguira a concessão de um favor, e tomara um direito que fracamente lhe foi disputado: o favor foi beijar a mão de Rosina, o direito foi chama-la simplesmente pelo seo nome sem o titulo de cortezia, atuando-a, quando estavam sós.

Rosina não conveio em corresponder á liber-

dade do tratamento ; mas por indecoroso costume, já absolutamente inadmissivel nas circumstancias em que se achava para com Ernesto, abateo-se bastante para receber delle novos presentes : uma tarde aceitara um album de musicas preciosamente encadernado, em outra uma pulseira de esmeraldas.

Os vicios de educação rebaixavão a donzella pobre, a lição do pae desbrioso a aviltava ; a vaidade insensata e o amor do luxo afogavão-lhe o instincto do pudor.

No doce veneno dos presentes de valor, e na vergonhosa e verdadeiramente interesseira tolerancia dos paes que permittem recebe-los, está envolvido o segredo da triste degradação ou dos aleives que injustamente maculão algumas donzellas.

Entretanto Ernesto, allucinado e attonito pelos enfeitamentos e pelas caprichosas contrariedades de Rosina, ora animado por fugazes e dubios invites, ora estimulado por ostentações de repulsa ; mas atrevendo-se á esperar tudo pelo simples factó da aceitação dos seos presentes, resolutó combinava e se dispunha á desenvolver seos planos de seducção.

Em uma tarde elle penetrou sem se fazer

annunciar na sala da casa de Ursini e foi pé por pé sentar-se á um lado e um pouco para traz de Rosina, que inteiramente occupada de severo estudo, procurava interpretar com enthu-siasta paixão de artista uma das sublimes ins-pirações de Haydn.

Rosina se fingira tão exclusivamente senho-reada pela sua musica magistral, como naquelle dia em que confundira Ernesto com a pergunta inesperada, que lhe nullificara a dissimulação systematica; mas no apertar de seos labios e á comprimir zombeteiro sorriso mal escondeo que se apercebera da chegada do seo namorado, e que de arte queria deixal-o suppor o contrario.

A bella loureira trazia ao pescoço um len-cinho branco e finissimo, atado na frente com faceira negligencia, e como dentro em pouco sentisse á respiração de Ernesto á bafejar-lhe o hombro, comprehendeo que sem duvida dous olhos avidos e indiscretos, lançando-se álem, estarião á procurar devassar-lhe quanto pu-dessem o seio mal defendido; mas, sem que por isso se atraçoasse, mostrando-se resentida, e não querendo conceder por mais tempo gozo tão subido e desrespeitoso áquelle olhar lascivo, simulou descansar breves instantes, e tomando

então as pontas do lenço, prendeo-as com alfinete ao corpinho do vestido e bem no meio do peito.

Immediatamente depois continuou á tocar, como que de todo alheia á presença de Ernesto, e executando um pensamento musical repassado de amor e ternura, suspirou docemente.

Ernesto não se conteve e imprimio-lhe um beijo no hombro.

— Ah! exclamou Rosina, voltando-se sobresaltada.

— Sou eu, Rosina, disse Ernesto; sou eu, o pobre doudo que endoudeceste.

A joven encrespou severamente as sobrancelhas, e tornou enfadada;

— O senhor adianta-se demais, e abusa da nossa confiança...

— Oh! mas se és tão formosa, Rosina!.. tenho eu culpa de amar-te?..

— O senhor illudia-me pois, quando jurava amar-me com amor de pae?... com que fim me illudio?..

— O illudido fui eu, pensei querer-te como filha, e... agora...

— Acabe! disse Rosina com olhar colerico.

— Sou teu escravo, não é melhor para ti?..

— Um homem casado!... que quer que eu entenda?... diga!...

— Ah!... não me julgues vil e perverso seductor, não!... adoro-te muito apaixonadamente; mas o meo amor se santifica na tua pureza, e na minha alma não ha sacrilegio de intenção, que te desaire!... adoro-te como á um anjo!... que mal te faz este innocente culto?..,

Rosina, ouvindo essa tirada de sentimentalismo absurdo, acalmou o agastamento verdadeiro ou fingido, e cruzando os braços no peito, respondeo, perguntando:

— Esse culto?... e que bem me faz elle?...

— Bella menina! escuta-me antes de condemnar-me: toca e escuta-me; quero abrir-te o meo coração...

— Com que fim?... o meo coração com amor não me serve por mais que o senhor o abra infinitamente: um homem casado não póde ser meo marido.

— Ah!... se eu fosse solteiro, meo Deos!...

— Acha que estaria resolvida a questão?... não poderia faltar ainda alguma cousa?...

— Toca e escuta-me! repetio Ernesto.

Rosina começava á escarnecer:

— Quer pois fazer-me as suas declarações á compasso de musica?

— Toca e escuta-me, e saberás como te peço pouco e que immensa dita te offereço.

O pernicioso habito do galanteio abriu os ouvidos da estouvada moça que nessa offensa do recato autorisou então mascarados, e no futuro francos ultrages ao seo pudor.

Rosina sorrio-se e disse :

— Confesso, conseguio tornar-me curiosa: quero ver como o senhor arranja o paraizo no meio do inferno.

E principiou á tocar deleitosas harmonias e suaves preludios em pianissimo ; seos dedos brancos e finos brincavão indolentes no teclado, um meio sorriso malicioso enfeitava-lhe os labios, e seos ouvidos esperavão o canto envenenado do seductor.

Ernesto fallou com ardor e ternura.

— És formosa e pura, Rosina ! eu adoro extremamente a tua formosura, e respeito e zélo, como objecto sagrado, e zelarei sempre ainda contra os meos proprios anhelos, zelarei austero e religiosamente a tua pureza.

— Isso diz-se ; murmurou a joven.

— Tens direito por tua belleza e por tua virtude ao mais bonito, nobre e rico noivo ; o teu casamento será para mim tormentoso sacri-

ficio, motivo de inveja atroz, e quem sabe se tambem da minha morte?...

— Creio tão pouco nisso, que estimaria fazer a experiencia, disse Rosina, tocando sempre.

Ernesto continuou :

— Pois bem ; eu te dou a minha palavra de honra que no fim de seis mezes concorrerei para o teu casamento com o homem de tua escolha, dando-te dote condigno, e tomando teu feliz marido sob minha protecção.

— Não acha que elle desconfiaria da protegida e do protector?...

— Rosina !...

— Naturalmente o senhor vae agora dizer-me o que serei durante os seis mezes de esperanza de noivo, não é?

— Sim, peço-te sómente doce e encantado martyrio ; serás pura como hoje ; mas por bondade e compaixão permittirás que durante seis mezes eu te olhe embevecido, que te ame com amor platónico, religioso, contemplativo, e tão sublime como respeitoso e santo?...

— Esse plano é estupendo, mas tem um grave defeito.

— Qual é?...

— Falta de senso commum.

— Por que?...

— Porque nunca se amou assim.

— Oh!... é que nunca houve homem casado tam honesto como eu, que amasse donzella tam linda e arrebatadora como és.

Rosina tocava sempre e sem se interromper.

— O senhor não será seductor, eu o creio; disse ella; mas o contracto é...

— Aceita-o pois, e eu o cumprirei á risca.

— Devéras?... e não exigirá nada mais de mim?

— Exigir, nada; pedir, talvez... certamente...

— Ah!... e o que me pedirá?...

— A graça de beijar-te as mãos todos os dias, e uma unica vez... uma só... no ultimo dia o gozo ineffavel... extremo, o favor da despedida em um beijo nos teos labios!

E a donzella loureira não se revoltou, ouvindo aquelle voto lascivo; antes com requebrada e impudica zombaria, perguntou, corando um pouco:

— Mas no ardor desse beijo?...

— Sempre respeito e veneração ao teu angelico recato.

— É inverosimil.

— Talvez o seja nos momentos mais volcani-

cos da minha paixão; porque emfim eu sou homem, tu és involuntaria, mas tresloucadora tentação...

— Ah!... isso faz medo... não o pensa?...

— Sei que em possíveis instantes de passageiro delirio terás para salvar-te e salvar-me a egide da tua virtude.

— Eu juro que o senhor não conta muito com ella.

— Rosina !...

— Fazendo porém de conta que tomo ao serio o seo contracto...

— Dizes... que...

— O senhor me garante no fim de seis mezes dote e noivo á minha escolha...

— Sob minha palavra de honra.

— E durante seis mezes o senhor terá o direito de amar-me platonica, contemplativa e santamente, e de beijar-me as mãos todos os dias, e no ultimo, no fim dos seis mezes, na hora extrema da despedida, o gozo ineffavel de um beijo nos meos labios...

— Sim... sim... e é muito... e é tudo!...

— Só isso?... só?... só?.., perguntou Rosina, tocando ainda.

— E que mais poderia eu aspirar?... é tudo!... juro-o outra vez.

— O senhor jura muito e facilmente...

— Rosina!...

— Que quer?...

— Decide!... convém no que te digo...

Rosina deixou então de tocar ; mas sem mudar de posição e ainda com os olhos no teclado do piano, murmurou, como á reflectir :

— Se eu aceitasse a sua proposição... se eu a aceitasse....

Ernesto abriu o coração á esperança.

— Se eu a aceitasse, repettio ainda a joven, dando á voz, quasi sumida, suave tom annunciador de submissão.

O seductor conteve apenas o jubilo pela certeza do vencimento, e disse affectuoso e doce :

— Rosina!... que cruel hesitação!...

A donzella que parecia cada vez mais commovida e vergonhosa, continuou com a mesma voz abafada e já um pouco tremula :

— Se o senhor propõe tudo isso... seriamente... e eu seriamente aceitasse tudo...

— Então?...

— Haveria um problema difficilimo á resolver...

— E qual?... perguntou Ernesto.

Rosina encarou de face o seductor, e mudan-

do inesperadamente de tom, respondeu jovialmente:

— Decidir qual de nós dous era mais nescio, se o senhor á propôr, ou eu á aceitar.

E desatou a rir.

IV

Ursini era mau pae; porque, como homem, ajuntava o menospreço das noções severas da virtude á cubiça e ao baixo genio interesseiro. Avizado pela filha, elle que simulara não acreditar nas insidiosas pretensões de Ernesto, havia-as sentido e reconhecido e em vez de revoltar-se, dellas se applaudira, desde que os presentes valiosos começaram á entrar em caza.

O immoral e incensato pae estava longe de querer immolar á filha nas aras da riqueza do seductor; elle porém entendia por immolação, em taes casos, so exclusivamente o extremo sacrificio da honestidade, e como estava certo de que Rosina não amava Ernesto, e conhecia-lhe a habilidade de namoradeira sagaz e cautelosa, que sabia expor-se sem temer perder-se, não achava inconveniente algum em explorar com

grande proveito da familia esse amor affrontoso de homem casado.

Ursini não pensava ou não queria pensar que a frequencia quasi diaria de Ernesto em sua casa, os donativos que nem todos se podião esconder, e, sobre tudo isso, a fama de seductor que o seo compadre millionario gozava, ameaçavão Rosina de suspeitas que chegavão á arruinar sua reputação.

Joanna, confiando absolutamente no amor paternal e na prudencia de Ursini, embora com a consciencia já inquieta, limitava-se á aconselhar cuidadosas reservas e recato á filha.

Rosina, emfim, abandonada pelo pae, mal defendida pela mãe, entregue ao seo pernicioso vicio de namoradeira, avançava desastrada para negro precipicio.

Intelligente e atilada, comprehendera que Ursini tolerava a côrte aviltadora que Ernesto lhe fazia, e com apreciação certa explicava esse facto pela cubiça dos presentes de valor.

A explicação desabonava Ursini; mas Rosina, é triste dizê-lo, não podia queixar-se muito do pae, porque tambem, urgida pela vaidade, pelo gosto da faceirice e do luxo, aprazia-se das joias e dos novos e bonitos vestidos que estava recebendo.

Segura de si, olhando Ernesto com indiferença perfeita, talvez com desprezo, Rosina nem se lembrava de arreceiar-se delle; mas infelizmente por isso mesmo, e pelo seo estouvamento, indiscrição, e, diga-se mais, pelo incentivo das joias e dos vestidos, a inconsiderada donzella, depois do justissimo escarneo com que fulminára as proposições absurdas e perfidas do velho seductor, pensou nellas mais de uma vez, corando embora ante a consciencia.

Rosina nem se illudio, nem procurou illudir-se: vio claramente no singular contracto proposto por Ernesto um rude e tosco ardil que não honrava a imaginação e a sagacidade do seductor; como esse contracto, porém, lhe estava offerecendo seis mezes de cultos e de comedia divertida, e seis mezes de toilettes novos, de brilhantes que ella tanto desejava, invejava, e nunca tivera; seis mezes de gosos de luxo, talvez ou sem duvida de theatros e de festas, e tudo isso sem sacrificio da sua honestidade, segundo as idéas de honestidade de mulher, que de seo pæe aprendera, e com a mais plena liberdade de namorar e de amar a quem lhe porecesse, a loureira, que escarnecera do absurdo contracto, não conseguiu esquece-lo, e tanto mais que ao lem-

bra-lo, achava sempre de que rir, e sempre com que calcular.

E como Ursini por egoismo e desmoralisação, Rosina, por inadvertida, por precipitada e por graves defeitos de educação, olvidou-se dos melindres do seo credito, e não teve em devida conta aquelle chamuscar de suspeita, e aquella serpente da calumnia, que saem da murmuração do publico, esse terrivel, ás vezes injusto e sempre implacavel fiscal da moralidade.

E os vizinhos de Ursini, e os interessados namoradores de Rosina já desde algum tempo murmuravão, avantajando concessões e glorias que Ernesto bem longe estava ainda de conseguir.

Mas na familia de Ursini havia, além do pae e da mãe, o tio de Rosina.

Propicio era um vadio presumpçoso de caracter, grosseiro de trato, desmoralizado pela frequencia de más companhias, e pela ociosidade, desalmado, com pretensões á valentão porque era forte de pulso, agil de movimentos e de recursos de gymnastica nas lutas, e muito jactancioso do que elle chamava sua honra, thesouro problematico nelle.

Rescendendo sempre á pessimo cigarro, jurando de continuo, vivendo de dia nos peiores

bilhares publicos, e de noute nos theatros, onde ganhava pobre salario de clakista official ou de partidario alugado á actrizes em rivalidade, Propicio era quasi estranho á familia, e raro com ella se entretinha.

Inimizado com Ursini, que não lhe perdoava a occiosa vida e o consequente onus que Joanna o obrigava á carregar, Propicio de ordinario almoçava só, porque dormia até muito tarde, e tambem para não encontrar-se com o cunhado.

Em regra jantava fóra de casa.

Parecia amar Joanna, a irmã, que era na terra a sua providencia, aliás sempre cega e condescendente; amára muito Rosina em pequena, e a esquecera e como que a não via mais em moça resentido talvez dos cuidados que systematicamente o separavão della.

Era um membro legitimo da familia, que intratavel se afastava rudemente da familia, á que o continha unicamente a amorosa protecção da irmã.

Mas uma manhã Propicio foi sentar-se á almoçar com os sobr'olhos carregados, e com physionomia turva.

Estavão sós elle á mesa e Joanna em pé á olhallo apprehensiva.

Quando acabou de almoçar, Propicio voltou o rosto para a irmã e disse-lhe com voz levemente alterada :

— Mana. hontem, á tarde, fiz uma estralada no bilhar.

— No bilhar?... foi pois um escandalo?...

— Se foi!... faça ideia : eu jogava uma partida de honra e acabava de decidi-la em meo favor, dando uma carambola extupenda ; e logo o Luiz Alberto, que havia apostado contra mim, exclamou : « o compadre de teo cunhado ainda carambola melhor por tabella. » Veio-me o sangue á cara ; mais ainda perguntei-lhe : — « que queres tu dizer com isso?... — e o patife respondeo-me : « o que todos sabem : a tabella é o afilhado e a carambola é em tua sobrinha. »

— Propicio!... e tu?... perguntou Joanna revoltada.

— Quebrei-lhe os beiços com o taco e esbofetei-o antes que nos separassem.

— Que vergonha!... disse a mãe de Rosina com o rosto abrazado em fogo ; que vergonha!...

E no fim de breves momentos de silencio, tornou dirigindo-se ao irmão :

— Não volta mais ao bilhar...

— Qu'esperança ! para dizerem que tenho medo?...

— Ah !... o nome de minha filha !...

— Já anda de rastos pela vizinhança, e o culpado é o teu bom marido, que metteo em casa o milhafre.

— Não podemos fechar a porta ao nosso compadre, que aliás trata Rosina com o respeito devido.

— Pois arranjem-se; porque eu não quebro outro taco; no caso porém de segundo insulto, ou de noticia que me toque no sal que trago na moleira, hei de tomar contas á dous aristocratas que não vão ao bilhar.

— Á quem !...

— Ao joia do pae que negocia com a reputação da filha, e ao padrinho que quer dar benção com a mão esquerda á irmã do afilhado.

— Propicio !...

— Claro como a luz do dia, tornou Propicio, torcendo o bigode; hei de mostrar que sou tio de sobrinha para alguma couza: tu tens a tua tesoura para cortar as mangas que o teu compadre está pondo de fóra, e se as não cortares, terei eu o gosto de imprimir na face do fidalgo millionario estes cinco mandamentos !

E estendendo o braço e espalmando a mão,

Propicio mostrou seos dedos grandes e grossos, e immediatamente sahio apressado.

Joanna ficou afflicta e confundida pelo que acabava de saber, e não menos temerosa de que o desastrado irmão ainda mais compromettesse Rosina com actos violentos e escandalosos.

Felizmente Propicio não se encontrou nesse dia com Luiz Alberto, e engolphando-se nos prazeres grosseiros e na vida libertina que vivia, nem mais pensou na sobrinha.

V

Ursini observára durante o jantar que Joanna estava abatida e triste: demorou-se á conversar para distrahi-la e depois do café, em quanto Rosina fazia o seo toilette do costume áfim de mostrar-se á janella, fez signal á espoza, que o seguio até á sala de visita.

— Que tens?... perguntou-lhe.

Joanna respondeo dolorosa :

— A vizinhança já murmurou...

— De que?...

— Da frequencia do nosso compadre nesta casa e de suas relações com Rosina.

— Deixa-a murmurar : é inveja.

— Ah, Ursini!... e o credito de nossa filha?...

Ursini coçou a cabeça, o que era nelle signal de embaraço ou contrariedade; mas depois de curta reflexão, disse :

— Vocês uzão muito em portuguez de um

anexim que é sabio: *Não se comem trutas d bragas enxutas.*

O coração da mãe revoltou-se.

— Tu não amas Rosina ; murmurou Joanna com enfado.

— Se a amo!... achas que me custa pouco?...

— O que?...

— Isto?...

— Que é isto?... perguntou Joanna :

Ursini tornou á coçar a cabeça ; fez a mulher sentar-se, sentou-se junto á ella, tomou-lhe uma das mãos, e disse-lhe :

— Conta-me o que sabes.

A espoza repettio o que ouvira ao irmão.

— É a primeira vez que esse vadio incorrigivel pratica uma acção louvavel ; mas foi só para não mentir á sua balda de valentão.

— Que o fosse ; cumprio o dever de tió brioso : nós tambem devemos cumprir o nosso.

— Joanna, pensemos bem...

— Mas não esqueças que és pae de Rosina.

— É por isso mesmo...

— Explica-te.

— Olha : tu por um lado com o teo libertino e vadio irmão, e eu por outro com o vicio infernal do jogo, esbanjamos o que podiamos capitalizar...

— Se não jogasses...

— Mas jógo: que diabo! não me posso vencer, e o caso é este.

— E d'ahi?...

— Escuta com paciencia: o compadre tem dinheiro, como um bom cortiço tem mel, e, ápezar de casado, velho e padrinho de nosso filho, apaixonou-se pela nossa Rosina, e evidentemente namora-a.

— É isso: e nós?...

— A confiança com que recebemos em nossa casa esse homem não pode ser censurada: Ernesto é nosso compadre, sabíamos que era casado e portanto não podíamos pensar que elle tivesse a audacia de vir tentar a seducção de nossa filha.

— Mas agora já o sabemos...

— Sim; porém um pouco tarde: soubemo-lo, quando já os presentes do piano, de joias e de vestidos novos e de luxo superior ás proporções dos meos lucros, joias e vestidos com que Rosina se tem mostravlo á janella e em passeios, a tornarão suspeita de condescendencias que não fez, mas que os maldizentes propalão...

— Oh!... eu protestei em tempo!...

— Confesso, o erro foi meo: todavia a affronta está feita, e é affronta que não se perdoa, e que á todo transe ha de ser punida.

— Punida?... e que podemos nós contra um homem tam rico e poderoso?..

— Ah!... começa á chegar-te á razão?... ainda bem: escuta pois tudo.

Ursini, que á principio não sabia como explicar sem torpeza o seo procedimento e as suas combinações relativamente á Ernesto, achára por fim o fio da rede em que desejava prender a mãe, justamente alvoroçada; continuou pois á fallar com dobrada animação.

— Filho da Corsega, trago no meo sangue a implacabilidade da vingança. Ernesto me ha de pagar a affronta que Rosina recebeo!

— Ursini!... disse Joanna á tremer, vendo a subita exaltação do marido.

— Eu te escondia a minha raiva, continuou Ursini; desde muitos dias sei o que só hoje soubeste, e soubeste ainda incompletamente: custa-me á dize-lo; vou magoar-te; mas agora é preciso que nada ignores.

E Ursini continuou com voz abalada e tremula de colera :

— Nossa filha... nossa filha... é já considerada por muita gente... como... seduzida... e amante do commendador Ernesto.

Joanna soltou um gemido pungente e escondeo o rosto com as mãos.

Um outro gemido abafado pareceo responder como um echo ao que soltára a pobre mãe; mas nem esta, nem Ursini o ouvirão.

O pae proseguio, dizendo com os dentes cerrados :

— Eu tinha tres partidos á seguir : um era fechar a porta da nossa casa ao infame tentador de seducções.,.

— Sim... sim... murmurou Joanna.

— Sim?... mas esse partido não salva a reputação de Rosina, e deixa impune o miseravel... o supposto feliz... o...

— Ursini ! exclamou Joanna, descobrindo o rosto banhado em pranto.

Ursini disse enraivado :

— O outro expediente é mais simples... é matar Ernesto.

— Oh ! não ! não !...

— Joanna !...

— E nós?... e tua filha?... e eu?...

— É isso ; tornou Ursini ; tenho pensado muito : matar esse homem é quasi confessar o que não existe, a deshonra de Rosina ; e demais eu seria perseguido, preso, condemnado, e tu, nossa filha, e nosso filhinho ficarieis em desamparo e miseria...

— Não! matar, nunca! fechemos a porta da nossa casa ao homem fatal...

— E a vingança?...

Ursini, o comico habil, sorrio-se satanicamente, e proseguio dizendo :

— Já pensei muito, e quero adoptar o terceiro partido.

— Quai é?...

— Aproveitar o mal por ora irreparavel, e fazer á Ernesto o maior mal com vantagens seguras para nossa filha.

— Não entendo, ou tenho medo de entender.

— Pois trata de perder o medo. É preciso que Rosina atormente esse homem dia por dia, que lhe inflamme o amor e lhe atire incendios na alma lasciva, que o traga durante alguns mezes em fogo de desejo infernal, sempre em labaredas e nunca satisfeito...

— Ursini !

— É preciso que Rosina faça tudo isso e que impassivel, enregelada, reflectida, incapaz de ceder, mas exigente, imperiosa, fascinadora endoudeça esse homem, e sem que por um momento vascille ou enfraqueça, deixe esperar tudo, nada promettendo, sempre resistindo, nunca cedendo, e nunca desenganando de todo.

— E para que?...

— Para que, aproveitando o phrenesi desse velho sem brio, eu lhe arranque da sua riqueza para segurança do futuro de Rosina o que não posso tirar-lhe em sangue das veias para satisfação da minha vingança.

O furor simulado, com que Ursini enunciou esse plano, não pode disfarçar o que havia nelle de immoral e vergonhoso.

— Ah, Ursini! disse Joanna; assim tornarás muito mais verosimil o desdouro de minha filha!...

— Eu sei: é indispensavel resignação corajosa durante alguns mezes: é necessario assoberbar juizos indecorosos, e apparencias de ignominia; mas no fim é certa e positiva a confusão e a punição publica do homem infame... e a completa justificação de Rosina...

— É impossivel!

— Já tomei minhas providencias para isso: convoquei quatro amigos de minha confiança, quatro dos nossos melhores vizinhos; expuz-lhes as circumstacias em que nos achavamos, a innocencia e o injusto compromettimento do credito de nossa filha; os perversos e perfidos manejos do seductor, e minhas idéas de vingança.

— E elles?... que dixerão elles?... perguntou a credula esposa.

— Julgarão insufficiente e nociva á reputação de Rosina a simples despedida de Ernesto, quando a calumnia já tam ferozmente nos morde; reprovarão o meo intento de matar o homem sinistro... ah!... reprovarão... sim!

— Ainda bem!

— Applaudirão, como o mais sabio dos recursos, a zombaria bem merecida, e carissima para o malvado velho, e vingativa e util para nós...

— Oh! mas essa utilidade é feia...

— E fizerão mais, comprometterão-se á dar publico testemunho da virtude de Rosina, e do ludibrio de Ernesto, annunciando á seo tempo, opportunamente á todos, a historia dos aleives que nos revoltarão, e da desforra planejada por mim, e por mim imposta á minha filha e á ti, e confiada de prevenção á elles, para que no desenlace da intriga justificassem a donzella calumniada, e aggravasem o desespero do ridiculo velho com a publicidade do seu approbrio.

Joanna abaixou a cabeça com tristeza e dor.

— Que dises tu á isto?... perguntou Ursini.

— Pobre de minha filha, disse Joanna; ah!... a culpada não fui eu!...

— Não foste, não ; o culpado fui eu !... tens razão : é melhor que eu carregue com as consequências...

— Como ?

— Sei o que hei de fazer.

— Não !

— Joanna !

— Prefiro tudo ao horror do crime.

— Pensas ?...

— Eu não sei pensar ; submetto-me.

Calaram-se ambos : havia no semblante de Joanna amargura, no de Ursini restos de affectação de furor, e interno e escandaloso socego.

No fim de alguns minutos elle tornou :

— Rosina é incapaz de aviltar-se...

— Isso eu juro ; disse Joanna.

— Sei que ella despresa Ernesto.

— E que o não despresasse... respondo pela honestidade de minha filha ; tornou Joanna ainda com orgulho maternal.

— Pouco exigirei de Rosina além da sua virtude ; esta a conservará sempre digna de si e de nós, e alguns mezes de artificiosa tolerancia da paixão criminoso, e o simples adiamento do mais positivo desengano, deixando uma alma depravada conceber esperanças audazes e criminosas,

vão assegurar á nossa filha lisonjeiro dote á custa do estúpido velho, que sómente reconhecerá o poder do meo odio, no dia em que fôr expulso da nossa casa aos pontapés do nosso despreso.

— Ursini! o teo odio não exclue o interesse que neste caso é vil: o teo odio me parece indecoroso... perdôa.

— Mas sem interesse calculado pela vingança para que prestaria o odio que não tirando sangue, não tirasse ouro do pretencioso seductor?... olha: Rosina já tem a reputação mordida pela serpente da calumnia, e eu não descubro recurso mais seguro para demonstrar sua innocencia do que este que patentea uma ostentosa zombaria, da qual sahe o velho ridiculo no meio das gargalhadas do publico, deixando nossa filha, além de justificada, sufficientemente rica para gosar os encantos da vida em companhia de um marido que a mereça.

— Marido que a mereça?... Ursini, a nodoa ainda mesmo injusta lançada no vestido branco da donzella, raramente ou nunca desaparece.

— Talvez seja assim... mas a nodoa já foi lançada, e eu quero lava-la com o ludibrio que confundirá o velho insensato e máo, e com o ouro que exaltará a victima justificada.

Joanna não respondeo.

— Se podes, dá-me conselho melhor ; disse-lhe o marido.

A pobre mãe, coitada, não podia lutar com Ursini. O seo instincto via o mal ; o seo amor porém, e os seus habitos de obediencia ao esposo, a enredavão facilmente no tecido de sophismas daquelle pae desmoralisado.

Ella perguntou momentos depois :

— E Rosina?... já lhe communicaste essas... tuas idéas?...

— Não ; e sinto-me um pouco embaraçado ; disse Ursini com fingido vexame.

E accrescentou logo, refinando o falso e comico acanhamento.

— Tu és mãe... podias explicar-lhe...

— Ah ! exclamou Joanna ; eu não !... eu nunca !... o meo coração reprova isto !...

— Pois eu fallarei á Rosina, e hei de faze-lo hoje mesmo, tornou Ursini, levantando-se.

E apenas se havia levantado, quando ouviu o leve ruido de passos apressados e furtivos de alguem que fugia pelo corredor.

Ursini sorrio.

— Ella nos escutava, disse Joanna, suspirando.

— Melhor ! observou o indecente pae ; Rosina já ficou sabendo o que devia saber.

VI

Apprehensiva da grande tristeza de sua mãe em todo aquelle dia, e presentindo na conferencia evidentemente confidencial de seos paes segredos que a interessavão, Rosina sahira de seo quarto ainda mal vestida, apenas espartilhada, e viera pé por pé ouvir ás escondidas da porta do corredor a reservada conversação.

Curiosidade tam reprehensivel só poderia ser desculpada por uma duvida gravissima e anciosa que trazia em serios cuidados o espirito da filha de Ursini.

Rosina estava com razão convencida de que seo pae tolerava os avanços e insolentes pretensões amorosas de Ernesto; não sabia porém ainda qual era positivamente o seo designio, nem até onde premeditava levar essa ameaçadora tolerancia.

Uma idéa sinistra e repugnante a sobressalta-

va: a cubiça de seo pae tocaria ao extremo de leva-lo á sacrifica-la á um homem casado, á preço do ouro torpe que este á mãos cheias estava prompto á derramar?

O simples receio desse crime de lesa-natureza era na alma da filha a condemnação do pae; mas a duvida e as apprehensões se justificavão pelo procedimento de Ursini.

Rosina não se arreceiava das seducções de Ernesto; precisava porém esclarecer-se sobre os intentos de seo pae; porque nelle devia conservar a força da sua confiança ou precaver o maior perigo na falha da defeza do seo primeiro e natural protector.

Esta cautela não se achava em contradicção com as imprudencias da *namoradaira*, que presumia não aviltar-se, deixando-se requestar pelo seductor, e divertindo-se á provoca-lo; mas que, em caso algum, consentiria em perder na mais ignominiosa degradação a estima de si propria e a de todos.

Mas levada por sua curiosidade, Rosina ouvira mais do que esperava, tivera animo para ouvir até o fim as tremendas confidencias de Joanna e de Ursini, e só quando este se levantára. ella temendo ser apanhada no seo indiscreto posto,

corrêra á trancar-se no seo quarto, vergonhosa, revoltada e attonita.

A vergonha e a revolta do animo provinhão do conhecimento do seo descredito, que ella reputava immerecido: uma donzella modesta e circumspecta, vendo-se accusada assim injustamente, choraria com amargura, e pensaria em rehabilitar-se pelo mais severo recato no seo proceder ulterior: Rosina, a loureira acostumada a assoberbar o reparo publico em seus condemnavéis galanteios, enraivecia-se contra os ousados juizes que lavravão sentença que a ultrajava, e, envergonhada, ápezar seo, da mancha que lhe imputavão, ao mesmo tempo ardia em assanhos de colera e abismava-se em desordenada afflicção.

Na primeira hora de seo doloroso recolhimento Rosina não poude raciocinar, soffreo, chorou, embraveceo-se, desatinou e cahio em prostração.

Em seguida, pouco a pouco foi dominando a violencia da dôr e da colera que aliás voltavão em terriveis accessos, e começou á reflectir, lembrando tudo quanto ouvira.

Não havia duvida sobre os aleives que maculavão a sua honra; porque alem de seo pae, sua mãe os denunciava, e sua mãe não mentia.

Seo pae era o principal culpado da sua difamação; ella porém, em sua consciencia, não podia mais accusa-lo, porque tambem concorera para as apparencias do seo desdouro, aceitando ricos presentes, e não repellindo e antes excitando os ferventes extremos de Ernesto.

A vingança ideada por Ursini era rude embuste para illudir Joanna, como a ameaça de sangue e de morte fora outro ardil para aterra-lá.

O que Ursini queria era explorar a paixão de Ernesto, e embaindo-o com esperanças vaãs e fallazes, tomar-lhe quanto pudesse dos seus coffres de ouro.

Neste plano immoral o pae exigia da filha complacencia falsaria para enganar o seductor, e indifferença real e fortaleza para não ceder á seducção; portanto Rosina não temia mais que seo pae pensasse em immolla-la sem reservas á sua cubiça.

O plano entendido assim era absolutamente conforme com os principios de Ursini, e o dote conseguido dessa arte para Rosina era incentivo que o fazia desprezar todas as considerações do decóro.

Fazendo estas reflexões, a donzella já ultrajada por calumniosas suspeitas, estremecia aterrada,

imaginando as torturas porque teria de passar, se obedecendo á seo pae, abandonasse durante mezes seo nome e seo credito ao favor da malidicencia, e da detratacção aticada cada dia mais pela verisimilidade do seo opprobrio; ainda assim porém ella ouzou lembrar mais de uma vez as vantagens da riqueza que poderia proporcionar-lhe tratamento ostentoso, luxo, e brilhantismo que sublimarião suas graças.

Esta simples lembrança em horas em que a confuzão, o pejo, e a dor mais afflictiva não devião permittir suaves devaneos da imaginação, e ainda menos idéas que depuzessem contra escrupulos briosos, não dava seguranças de que Rosina tomasse alguma sabia resolução nas circumstancias verdadeiramente criticas em que se achava.

Entretanto ella nada resolvia: seo espirito vacillava em contradicções, em tormentos, em impetos de ira, em votos de desprezo do juizo publico, em turbações e vergonha, em consternação ás vezes, em sonhos de consolação raros, em desordem de cogitações sempre.

E mais de tres horas tinhão passado assim, de modo que Rosina falhou nessa tarde á janellella.

Mas Joanna, a pobre mãe, que dissera á

Ursini: « *eu não sei pensar,* » estivera todo o resto da tarde pensando em sua filha.

Joanna que não sabia resistir á Ursini; mas que compensava a pobreza da intelligencia com os thesouros do coração, repugnava os calculos do marido e o deslustre moral de Rosina, quaesquer que fossem as conveniencias materiaes que d'ahi para esta resultassem, e, *não sabendo pensar,* pensou em salvar a filha, salvando-lhe a reputação de honesta.

Era quasi noute, quando Joanna, que desde mais de uma hora menos angustiada meditava sobre um recurso que se lhe afigurava inspiração do céo, foi bater de manso á porta do quarto de Rosina.

A filha presentio o soccorro maternal, a graça que nunca se espera de balde, e abrindo logo a porta, mostrou-se obumbrada, dolorida, mas ainda altiva.

Joanna em vez de gastar inutilmente o tempo em estereis consolações, perguntou com voz melancolica e um pouco abalada:

— Rosina, queres ir á casa de tua madrinha?

Rosina estremeceo toda ao influxo desse convite que era uma inspiração, e respondeu immediatamente:

— Vamos.

VII

Joanna sabia que Angelo amava sua filha e que esperava a dita de casar com ella. Clotilde lhe confiára esse segredo, o unico que o discreto mancebo, respeitando as reservas que Rosina lhe impuzera, se julgara autorizado á revelar á sua tia.

A mãe e a madrinha de Rosina interessavão-se pelo amor de Angelo.

Joanna por vezes procurára sondar o coração e conhecer os sentimentos e disposições da filha; esta porém se negára sempre á esclarecer-la, respondendo com sorrisos, evasivas, e affectado pejo.

No dia acerbo que se estava passando, o instincto maternal mostrára á Joanna o santelmo de salvação para Rosina no amor de Angelo, e no casamento de prompto realizado.

Rosina comprehendeo o pensamento generoso

e santo de sua mãe na simplicidade do convite que recebera para ir á casa de sua madrinha, e abraçou-o sem hesitar; porque, casando-se com Angelo, escapava aos perigos que a ameaçavam, ao supplicio de uma situação falsa e reprovada, desmentia a calúnia, voltava à estima publica, e assumia posição embora modesta e não deslumbradora, como tinha sonhado, ao menos porém honrosa e respeitavel.

Na adversidade os desatinados tem momentos lucidos de bom senso.

Rosina passára a tarde á soffrer, e á reflectir desconcertada e tumultuosamente, esgotara os recursos do seu espirito, e quantos expedientes pudera inventar sua imaginação para sahir do dedalo tormentoso, em que se via perdida, e nem por um instante, nem uma só vez se lembrára de Angelo que tam facil acudira as ancias do coração e ao amoroso cogitar da alma de sua mãe.

A razão desse esquecimento era triste: Rosina não amava Angelo.

Mas a gravidade das circumstancias não permitia á donzella consternada e offendi-la fazer questão de amor em casamento que seria salvação para ella.

Além disso era certo que a leviana donzella,

embora não amasse o joven artista, continuára sempre á adita-lo com as mais suaves illuções, robustecendo-lhe a confiança no compromisso de desposados.

A frequencia de Ernesto na casa de Ursini não tinha prejudicado as visitas tambem frequentes que Joanna fazia á Clotilde, e nem Rosina achára inconveniencia em receber á tarde os cultos dos seus namorados, mostrando-se á janella, e os do padrinho de seo irmão, que gozava a liberdade de adora-la de mais perto, e em ir emfim algumas noites conversar ternamente com o nobre mancebo que se suppunha seo noivo.

O verdadeiro merecimento obriga a estima; não póde porém obrigar o amor: Rosina já estimava Angelo pelo alto e irrecusavel apreço de seo caracter generoso e distincto, e talvez por isso mesmo, e porque nenhum estimulo de opposição excitasse as reacções do seo genio de moça caprichosa, não se sentira amorosa do mais digno, e mais delicado dos seus apaixonados.

Em Rosina e Angelo havia como que duas naturezas oppostas, impedindo que se entendessem e se combinassem os dous corações.

Rosina era ardente e inconsiderada; Angelo era tímido e reflectido.

Ella provocava o galanteio vehemente; elle só sabia amar com enlevo respeitoso.

Ella queria impor-se amada allucinadora; elle teimava em venera-la, como á um anjo de innocencia.

Em quatro mezes passados depois da solemne e mutua promessa de casamento, Angelo, cada dia mais captivo de Rosina, e desvanecendo-se de confessar-lh'o, nem uma só vez a fizera corar, pedindo-lhe ou roubando-lhe a gloria de um beijo, que não fosse o de terna reverencia de posto em sua mão de noiva.

Rosina, em quem o melindre da sensibilidade se gastára e embotára nas contrafacções de amor em sua pratica de loureira, não reconhecia a elevação, delicadeza, e primor dos sentimentos de Angelo, e apenas o attendia, o esperançava, e o tinha prezo em encantada rede de illuzões, como ao ingenuo adolescente, namorado contemplativo, novel, inexperiente, pobre recreio das horas vagas, que as namoradeiras professas se aprazem de ver á seos pés em idolatria immerecida.

Mas esta mesma falsa apreciação do amor profundo e decoroso de Angelo encorajára Rosina que reputou facil o conseguimento do empenho que sua mãe lhe inspirara.

Fôra sómente por condescender com as suas exigencias que o joven pintor se submetera ao adiamento dos laços que os devião unir á face de Deos e dos homens, era portanto quasi certo que elle receberia com prompto jubilo a proposição para se realisar em breves dias o casamento já ajustado.

Rosina vestira-se com estudada simplicidade e, em parte pelos abalos da tarde afflictiva e procellosa, em parte pela esperanza que a estava animando, e pelo alvoroço natural em quem tocava a hora da decisão da sua sorte, mostrava-se ainda mais embellecida e interessante.

Ella entrou com sua mãe na casa de Clotilde, indicando alegria e anhelos: tinha nos labios leve sorriso encantador e no seio palpitante mysterio suave á revelar.

Angelo já estava lá e parecia não esperar nessa noute Rosina; pois sua tia, recebendo a comadre e a afillhada, queixou-se a ellas da tristeza do sobrinho.

Rosina, sobresaltando-se, lançou um olhar investigador sobre o mancebo, e logo serenou, vendo-lhe radiante o rosto.

Poucos minutos depois os dous jovens forão deixados em liberdade.

Joanna, a pobre mãe, tinha pressa.

Angelo, ficando á sós com a escolhida de seo coração, contemplou-a em silencio, e como que cahindo involuntariamente na melancolia de que Clotilde o accusára.

Rosina não podia quere-lo assim á despertar-lhe apprehensões e á faze-la vacillar sob essa inspecção muda e talvez magoada, que tanto podia exprimir enleio de amor, como sentida desillusão ou penosa suspeita.

— Porque estava triste?... perguntou ella inaviosamente.

Angelo fez um movimento de ligeira commoção, e disse, procurando sorrir :

— Nem eu sabia que o estava ! foi minha tia que deo por isso.

— Mas póde-se então estar triste sem consciencia da tristeza ?...

— Póde-se: a alma pensa e reflecte ; mas o coração sente, presente, advinha, e ás vezes se aperta e se comprime sem que a alma saiba porque.

— Assim pois ainda está triste ?...

— Não sei ; pergunto-lh'o : ainda o estou ?...

— Ainda ; respondeo Rosina, suspirando sentidamente.

— Achando-me á seo lado é um crime : per-dõe-me!...

— Não exagere, nem tome para si a culpa alheia... talvez que a culpada seja eu...

— Como?... perguntou Angelo com leve tre-mor da voz.

— Sim, disse Rosina; é possível que eu já não possa o que podia; e nesse caso a culpada sou eu; porque mereço menos.

— Aceito o castigo; mas a ironia é injusta: eu a amo sempre com a pureza do primeiro dia: só o ardor com que a amo, é que tem mudado, porque recresce cada vez mais.

Rosina olhou ternamente para Angelo, inundando-o de ondas magneticas e dominadoras, e sorrindo-lhe amorosa, e com irresistivel graça, disse-lhe:

— Não quero que esteja triste!

O mancebo olhou-a tambem terno, rendido, captivo, mas ainda com um não sei que de doloroso no olhar mais abrazado, do que até então se permittira.

E como não tivesse respondido á carinhosa ordem que recebera, Rosina tornou-lhe:

— Se ainda lhe sou cara, se não deixou de

amar-me, prohibo-lhe tristezas; o horisonte de nossa vida é côr de rosa; não vê?...

— O que eu vejo é o seo bello rosto, e o scintillar de seos olhos que me deslumbrão...

— Pois veja-me assim... sempre... e muito! e vendo-me assim, alegre-se, pensando que eu sou sua noiva, e que o futuro é nosso.

— O futuro!... disse Angelo.

E após alguns momentos de silenciosa concentração, levantou o rosto que abaixara e disse senão melancolico ao menos serio, e talvez observando disfarçadamente Rosina:

— O futuro?... quem sabe se era elle que me entristecia?...

— Ah!... então...

— O futuro?... fallava do nosso?...

— Não temos só um?...

— Mas está tão longe!!!

Rosina mal poudo conter a sua exultação; mas graduando tanto quanto era conveniente a alegria, respondeo:

— Se fosse isso!!!

— E se fosse?... perguntou Angelo ancioso e com os olhos fitos na sua amada.

— Eu abençoaria a sua tristeza que me daria a melhor prova de seo amor.

— Mas a benção havia de ser longa, porque a minha tristeza teria de durar quasi dous annos!...

Rosina saudou dentro de si a tão facil realisação da esperanza que trazia: era o seo proprio noivo que se adiantava, pedindo o que ella viera pedir-lhe.

— Tem medo do tempo?... disse jubilosa; de quem duvida?... de mim ou de si?...

— Sem ter medo do tempo, nem concebendo uma duvida, que offenderia qualquer de nós dous, não seria natural que o amor marcasse as proporções da sua maior força e ternura em nossos dous corações pela maior impaciencia da demora mais cruel?...

— Quasi que tem razão.

— Quasi?...

— Não a tem toda; porque insinuou um juizo falso.

— Qual?...

— Pretende que o seo amor seja mais forte e mais terno que o meo.

— Perdão! eu não pretendo; tenho a certeza de que o é.

— A injustiça me lisongêa; mas ainda assim protesto! olhe: tenho ás vezes medo de que o

meo amor seja um peccado; pois devendo tudo á meo pae e a minha mãe, amo-o muito mais do que á elles!

E Rosina, toda innocencia e pudor fingidos, pareceo confundida pela ingenua confissão.

Angelo respirava anhelante e em viva exaltação.

— Ama-me pois?... só á mim?... ama-me?... ama-me?... perguntou.

— Oh!... exclamou Rosina; e porque o pergunta assim?...

— Responda-me! eu lh'o peço!...

— Meo Deos!... e ainda preciso responder!!! murmurou a donzella.

E estendeo para Angelo seos dous braços, e em resposta offereceo-lhe as mãos aos labios, e disse:

— Sou sua noiva... e amo-o!...

O joven pintor beijou-lhe as mãos com fervor; logo porém tornou:

— Mas quer esperar dous annos!...

Rosina aproveitou o momento opportuno, e prorompeo:

— Não! não!... eu não quero esperar dous annos! eu quero...

— Diga!...

A astuta moça abysmou-se em vergonha e vexame, e accrescentou em voz baixa e commovida :

— Eu quero só... o que o senhor quizer...

Angelo começava á respirar mais livremente e dir-se-hia que uma grande consolação vinha expandir-lhe a phisionomia até então, á seo pezar, contrahida.

— Oh!... disse-lhe; e se eu ouzasse pedir-lhe a revogação desse praso de dous seculos?...

— Já não é de mim que isso depende; murmurou Rosina.

— De quem então?...

— Do senhor somente: revogue-o!

Angelo trãsbordava de alegria beatificadora.

— Mas se em meo ardor assim tão animado pela sua doce condescendencia, eu quizesse, exigisse a celebração do nosso casamento antes de um anno... antes de seis mezes...

Rosina levantou a cabeça, e mostrando o rosto inundado de pejo e de alegria, com flammas de amor nos olhos, e riso de encantamento nos labios, interrompeo o noivo, dizendo-lhe:

— Seja antes de um mez.

— Oh!... jure-me, que esta nova resolução lhe é agradável!

— Seja pois em quinze dias: não é isto melhor que um juramento?...

— Dona Rosina!...

— Póde se-lo em oito dias?... é tão facil estar prompta para a felicidade!... quero ser quanto antes a mais amada, porque heide ser a mais amante das esposas.

— Que isto não seja uma illusão, meo Deos!... exclamou Angelo com os olhos inundados de santo fogo e o rosto em expansão de jubilosa graça.

E ficou por momentos assim, como em suspensão dos sentidos, á gozar immensa dita que lhe enchia a alma evidentemente desafrontada do pezo de sombrias idéas.

Rosina arrancou-o ao poetico embevecimento, fazendo-lhe aquella natural e interessante pergunta que a donzella mais modesta ou innocente, desde que é já noiva, se permite, modulando a voz entre o abemolado do amor e o tremulo do pejo:

— E... quando... será?...

Angelo estremeceo como electrizado e lançou-se de joelhos rendido e fervoroso aos pés da formosa seductora.

Rosina sorriu-se desvanecida e deliciosamente, vendo que acabava de ganhar a partida.

VIII

A bella e sagaz filha de Ursini não se allucinou com a facilidade da sua victoria, antes apurando a artificiosa magia, fez que um suspiro lhe agitasse o seio, e offereceo as mãos ao mancebo que lhe estava aos pés, repettindo mais timida e desejosamente ainda :

— E... quando... será?...

Angelo tomou-lhe e apertou-lhe as mãos com extrema ternura.

— Convem pois em ser minha esposa em um dos proximos dias?... perguntou elle em embriaguez de felicidade.

— Sim... sim...

— Autorisa-me á ir fallar á seos paes amanhã?...

— Sim... sim ! minha mãe conhece e abençoa o nosso amor, e meo pae não resiste á minha vontade.

— Assim pois será minha ?...

— Amanhã o espero.

— Ah, dona Rosina ! como me abriu o ceo !...

E Angelo beijou com profunda commoção as mãos que apertava e deixou nellas, além do fogo do beijo, duas lagrimas de ternura e de amor.

Rosina, já segura da satisfação do seo grande empenho, estudava curiosa a vehemencia dos affectos e o extraordinario afano que nessa noute mostrava Angelo, sempre tam temeroso e respeitadamente contido na manifestação de seos extremos; vendo-o porém levantar-se alegre e aditado, e sentar-se junto á ella em silencio, e como esquecido da pergunta que tanto o exaltára, lembrou-lh'a de novo, perguntando por outro modo e com requintada meiguice :

— Vae amanhã fallar á meo pae ?...

Em vez de responder, o amoroso mancebo disse-lhe enternecido :

— Obrigado ! sim, obrigado !... oh, D. Rosina ! mal sabe que peso me tirou do coração ! ha dias sinistros em que o homem chega á perder-se em duvidas sacrilegas, e sómente póde salvar-se pela guarda do seo anjo. A senhora salvou-me hoje.

— E como?...

— Para que lembrar a tempestade que passou?... para que recordar a turva fonte, onde se bebeo veneno?... esqueçamos a noute de tormenta: sinto-me mais feliz do que nunca: não lhe basta?...

— Duvidou de mim?...

— Nem sei o que pensava: estive doudo; na minha loucura aquelle prazo de dous annos, que adiaua para tam longe o complemento de nossos votos, affigurou-se-me recurso de indifferença ou de barbaro folguedo de vaidosa formosura...

— Ah! senhor...

— Já me castigou: tenho n'alma arrependimento beatificador: o seo coração abrio-se para mostrar-se cheio de amor, e á minha primeira queixa a sua santa vingança foi convidar-me á leva-la ao altar para ser minha esposa. Obrigado! oh, D. Rosina, obrigado!...

E Angelo apertou de novo as mãos de sua noiva.

— Amanhã o senhor irá fallar á meo pae?... perguntou Rosina outra vez.

— Não; respondeo o mancebo docemente; não devo, nem hei de abusar da sua condescendencia angelica.

A noiva estremeceo de leve.

Angelo proseguio :

— Já condemnamos o dilatado praso de dous annos: agora, perfeitamente tranquillo e ufano, posso esperar alguns mezes : a senhora tinha razão: fôra de minha parte impiedade e egoismo sacrifica-la tam delicada, mimosa e bella á uma vida de incessante e rude labor domestico e de privação de todos os prazeres e distracções.

— Basta-me o seo amor ; balbuciou Rosina.

— Em alguns mezes tenho feito milagres de trabalho, continuou o joven pintor; merecidamente ou não meo credito de retratista augmenta: em Janeiro do anno proximo serei professor de desenho em dous collegios, e já nesse tempo terei exposto o meo primeiro quadro de pintura historica, que é tambem seo pela inspiração...

— Já é portanto opulentissimo e demais para mim ; disse a donzella fatigada dessas confidencias de artista.

— Seis mezes ainda ; tornou este ; e no fim correrei á seos pés, e poderei garantir-lhe, não faustoso e deslumbrante tratamento, mas vida facil, commoda e amenisada por modestos regosijos. Estamos em setembro : D. Rosina, nós nos casaremos em fevereiro de 1870...

— Seis mezes !... murmurou resentida a vaidosa donzella.

Angelo não se apercebeo do agastamento de sua noiva, e accrescentou :

— Se lhe appraz marquemos o dia da minha dita... um dia de festas e de contentamento geraes... a nossa felicidade no meio das alegrias de todos... o nosso casamento no domingo do carnaval...

— No domingo do carnaval... seis mezes!... repettio surdamente a donzella.

Só então Angelo reparou no resentimento de Rosina.

— Que tem?... perguntou.

— Assim pois, disse ella; ainda á pouco eu era simples objecto ou de experiencia ou de zombaria!

— Minha senhora...

— Não ha que fugir d'ahi; porque eu innocente e enternecida aceitei com exaltação quanto o senhor me propoz, e agora o senhor me recuza aquillo mesmo que exigira de mim!!!

— Eu redusi dous annos á seis mezes; respondeo Angelo, vacillando.

— Suspeita por suspeita! tornou Rosina tremula de despeito; o senhor não contava com a minha condescendencia, e tinha preparado um pretexto para quebrar seos juramentos...

Angelo pareceo admirado de um assanho que tanto se exaggerava em quem antes dessa noite mais cuidara em adiar do que em apressar o seo casamento, e ou perplexo pelo que observava, ou desconfiado por prevenções que renascião, fitou os olhos em Rosina e disse-lhe :

— Eu sei que a senhora não duvida de mim.

— Não duvidava; agora porém... qual de nós em menos de meia hora mudou de sentimentos ou de idéas?...

— Eu por certo que não.

— Se não mudou, fará o que me propoz, indo amanhã pedir-me em casamento á meo pae.

— Receiava que eu não fosse?... seja, como é injusta! hei de ir.

— Amanhã?...

— Amanhã; respondeo Angelo sem hesitar.

Rosina sorrio-se com o mais feiticeiro dos seus sorrisos de loureira, e derramando magias de embriaguez na doçura abundante e ineffavel do olhar, e seduzindo com a voz á mellodiar, com o seio á arfar anhelante, com as mãos tão brancas, pequeninas e lindas ambas sobre o peito, como á conter o coração, com uma leve e graciosa inclinação lateral de cabeça á insinuar

quasi languidez e á completar o prestigio da tentação, fallou murmurante, commoída, e dulcissima:

— Amanhã meos paes... em quinze dias Deos... e logo... amor de benção sempre!... em quinze dias! sim?... sim?...

Angelo agitou-se arrebatado por esse canto de anjo, e hia prostar-se vencido diante da irrestesivel seductora, quando ao seu primeiro impulso para ajoelhar-se, deteve-se de subito, ouvindo o ruido de gargalhadas, que soavão na rua.

Impetuoso e instinctivamente o mancebo correo á janella, abrio-a, e olhou: as gargalhadas partião de um grupo de conversadores grosseiros, talvez de escravos, que estavão á distancia parados á porta de uma taberna.

Angelo fechou a janella, respirando desafrontado, mas em evidente preocupação, e como se tivesse recebido agouro sinistro.

Rosina olhou-o attonita.

Angelo aproximou-se della, apertou-lhe uma das mãos entre as suas, e disse-lhe:

— Amo-a! ama-la-ei toda a minha vida... ama-la-ia desgraçado, se a perdesse... se perdesse o seo amor!... amo-a!...

— E eu ?...

— Ame-me pois! ah!... ame-me, como uma noiva á seo noivo, e será minha esposa no fim de seis mezes.

Rosina que se tinha levantado, recuou um passo, retirando a mão que Angelo apertava.

— Eu quero se-lo em quinze dias... exclamou irada e imperiosa.

O mancebo que tão tímido e complacente mostrara-se sempre, esmerou a cortezia, renovou seguranças e juramentos de fidelidade e de amor, e com tudo manteve-se inhabalavel em sua resolução.

Rosina irritou-se violenta, sentindo na obstinação ou na firmeza do noivo uma quebra do seo poder.

Visivelmente atormentado por affectos diversos que lhe tempestevão o animo, Angelo recebia tremulo e pezaroso os raios de colera que os olhos ardentes da donzella dardejavão sobre elle.

— Espero que em breve me fará justiça; disse emfim; a senhora me ha de perdoar a desobediencia desta noite acerba e dolorosa... e eu serei mil vezes mais, e para sempre e em tudo seo escravo...

Rosina rio-se com ironia que lhe convulsou nos labios empallidecidos e secos.

Angelo continuou triste, compungido, mas grave :

— E desde amanhã, ah minha bella noiva ! desde amanhã .seo pae me verá de joelhos, pedindo-lhe a sua mão de espoza...

— Amanhã é muito cedo para seis mezes de espera; murmurou com acre e tresloucado despeito Rosina ferida em sua presumpção.

— Ah! não quer?... perguntou Angelo inquieto.

— Não ; prefiro deixar-lhe seis mezes de liberdade para se arrepender.

— D. Rosina!... que devo entender?...

— Que deve pedir-me em casamento, quando sem inuteis delongas estiver disposto á receber-me no altar.

— Não irei amanhã ; disse Angelo, abaixando o rosto sombriamente.

Rosina levantou-se impetuosa, e chegando á porta do corredor, exclamou :

— Minha mãe! são quasi dez horas da noite !...

E ficando de proposito á porta, e com o rosto voltado para o corredor, não vio que

Angelo afflicto e atribulado enxugava duas grossas lagrimas que lhe tinham corrido pelas faces.

IX

De volta para casa a mãe e a filha não trocaram palavra: Joanna lera no rosto de Rosina a confusão e o resentimento de um desengano cruel e, com instinctiva delicadeza, poupou confissões que devião ser dolorosas, e sepultou naquelle silencio lugubre a suave esperança que poucas horas antes lhe inspirava o amor maternal.

Pouco depois, abençoando a filha, Joanna disse-lhe melancolicamente:

— Vae dormir; não pensa... dorme!

E vendo Rosina recolher-se á seo quarto, murmurou triste e baixinho com os olhos pregados na porta que se feixára:

— Dormir!... ella dormir... coitada!...

Mas foi sómente a pobre mãe que nessa noite não dormio.

Rosina voltára da casa de sua madrinha

menos possuida de apprehensões e temores do seo descredito publico tão recentemente annunciado, do que da supposta offensa que em seo orgulho recebera de Angelo.

Fora facil á qualquer, e muito mais o foi á ella, cujo espirito era tão atilado, reconhecer que duvidas escuras e talvez turvas suspeitas relativas ao seo amor e á sua lealdade, obumbravão o animo do seo ternissimo e susceptivel noivo e que, por isso mesmo, erão as condescendencias mimosas e a submissão captivadora que podião dissipar-las e tanto mais que a consciencia de Rosina certamente estaria dando razão á Angelo.

O prazo de seis mezes marcado por elles para o casamento não devia parecer excessivo, á quem muito maior houvera exigido, e o perigo da delonga sendo igual em quinze dias pelo facil conhecimento das imprudencias e leviandades compromettedoras, tornava-se menos ameaçador em seis mezes, pois dava tempo á namorada do passado para mostrar-se recatada e sabia, reconquistando ou por desmentido apparente á feias imputações, ou por arrependimento franco e sincero a confiança do noivo.

Mas Rosina não poude pensar assim: tinha

começado habilmente a seducção de Angelo ; desde porem que contou com a victoria, desde que o extremoso mancebo lhe propoz o casamento *em um dos proximos dias*, e ao receber o seu consento, prostrou-se ajoelhado á seos pés, sua vaidade exaltou-se, e ao immediato desencanto sublevou-se desatinada.

Sobre tudo Rosina não perdoava á Angelo o ter-lhe pedido, alcansado e tomado o voto, e a promessa exultante de sua união nupcial em brevissimos dias, para logo depois confundi-la com a negativa obstinada á essa mesma aspiração que provocára e conseguira.

A vaidosa sentira-se desmerecida e desdenhada, escarnecida e humilhada pelo homem á quem considerava escravo dos seos caprichos e facil de submeter-se ao imperio de sua vontade.

Entretanto, embora encolerizada pelo desgosto porque passara, Rosina ainda não se reputava vencida, ainda tinha a presumpçosa esperança de vingar-se do seo desvalimento de uma hora em um breve e escravo rendimento do estreme-cido noivo, e somente por isso se contivera, e não rompera de todo com elle, quando lhe ouvi-ra dizer triste, mas resolutamente: « *não irei amand.* »

Contrariada, em desasocego quasi febril, mas ainda presumida e arrogante Rosina, encerrando-se no seo quarto, atirou para longe de si o manto, tirou com impeto nervoso a fina camisinha que lhe cubria o peito, desatou seos bellos e longos cabellos, e passando em pé diante do espelho, contemplou-se, á principio descuidada, e logo depois com a mais viva ufanía.

Meia hora pelo menos ella revio-se na reflexão da sua imagem, e como se fora solícito e transportadamente curioso namorado da bella que admirava, passou em ufanosa revista e apreciação a força fascinadora do seo olhar, a formosura do seo rosto, a opulencia dos seos cabellos, o incanto voluptuoso de seo peito, a graça arrebatadora de sua figura.

E contente, e orgulhosa de si, adorando-se adoravel, sorrindo-se desvanecida, e desvanecendo-se de seo sorrir, quando á custo se arrancou do espelho, murmurou com deliciosa comicção :

— Elle ha de vir amanhã...

E foi deitar-se mais dô que consolada, feliz com a sua propria imagem na memoria, feliz com essa confiança no futuro que parece extravasar da seiva opulenta da mocidade, feliz pelas

illusões e pelos sonhos de flôres na primavera da vida.

Em parte pela fadiga de tantas horas de sofrimento, de luta e de esperanças rebatidas, em parte pelo influxo lisongeiro da segurança do valor immenso de sua formosura que tam doce a embalava, Rosina não tardou muito á adormecer e adormeceo, balbuciando:

— Elle... ha de vir... amanhã...

A leveza desse coração de donzella, que tam facil esquecia os primeiros golpes já recebidos e a ameaça de outros ainda mais graves em sua reputação, e tam prompta e tranquilla se deixava dormir, acalentando a alma, pouco antes afflicta e amotinada, com o fatuo contentamento que a inebriava pela evidencia da propria belleza, dá a medida das immensas proporções de sua vaidade, e portanto dos desatinos á que esta será capaz de leval-a.

Rosina despertou na manhã seguinte, sorrindo ao pensamento com que adormecera, e correndo ao toucador, e vestindo-se, e penteando-se cuidadosamente, dizia ainda entre si:

— Elle... ha de vir hoje...

Mas o dia passou todo e Angelo não se apresentou.

Rosina, já ficou dito, não amava o joven pintor; mas ardia por ve-lo entrar em sua casa arrependido e subjugado, almejava ouvi-lo á pedir sua mão de esposa, rendido á sua descrição, e emprazando o casamento não mais para quinze, como ella ordenara, porém para oito ou para trez dias, e ardia e almejava isso muito menos pelo interesse do seo credito, do que pela satisfação da sua vangloria.

E todavia Angelo ainda no segundo dia fez-se esperar debalde,

A filha de Ursini começava á enfurecer-se utrajada pela desillusão, e comtudo, abafando e encubriendo os impetos que o desengano excitava, ainda contemporisou.

— Mais um dia e basta; repetia ella á si mesma.

E ja então havia duas tardes que, pretextando padecimentos que não soffria, tinha ella despedido friamente Ernesto, ou se obstinado á não ouvi-lo.

Joanna, acompanhando attenta o proceder, e estudando a physionomia e as impaciencias da filha, adivinhára que ella ainda contava com Angelo e reanimara-se um pouco á essa ideia de consolação embora duvidosa.

Mas a manhã do terceiro dia passou como as dos dous antecedentes, sem que Angelo se fizesse annunciar.

Rosina procurou disfarçar a irritação exaltada de seo espirito, queixando-se de incommodos nervosos que, até certo ponto, se explicavão verosimeis pela susceptibilidade excessiva e por estremecimentos convulsivos que ella não podia dissimular.

Como extrema concessão ao retardatario, como extrema esperança de sua vaidade, Rosina disse á si mesma :

— Ainda é possível que elle venha hoje á tarde...

Mas foi sómente Ernesto que á tarde veio fazer a corte á Rosina.

Ainda antes da noute havia mais de uma hora á passar, e Angelo bem podia apparecer.

Ernesto achou Rosina intratavel, e desabridamente nervosa, e teve de retirar-se mais cedo do que pretendia.

Fez-se porém noute e Angelo não se mostrou.

A filha de Ursini não prorompeo em inuteis imprecações ; silenciosa, mas com a fronte annuviada e os olhos flammigeros sahio da sala e dirigia-se para seo quarto.

A pobre mãe, a quem não escapava uma só das afflicções da filha, pensou que era tempo de acudir-a com o seo amor, e, dessa vez mal inspirada, foi ao seo encontro, e perguntou-lhe, como quatro noutes antes lhe havia perguntado :

— Queres ir á casa de tua madrinha?...

— Não ! não, minha mãe ! respondeo vivamente Rosina.

— Ah ! e porque?...

— Porque meo pae tem razão ; disse ella com voz surda, mas decisiva.



X

Ás vezes por despeito, ás vezes por desvario de amor infeliz, a mulher chega á imaginar que se vinga, quando apenas se sacrifica.

Rosina, dizendo á sua mãe que era seo pae quem tinha razão, annunciava ter adoptado essa especie de vingança que era o seo proprio sacrificio.

Profundamente ressentida do frio olvido em que Angelo a abandonara, e presentindo bem explicavelmente que havia no procedimento do joven pintor que tanto a amava conhecimento e reprovação de seos devaneos de *namoradeira* e talvez de suas suspeitosas relações com o commendador Ernesto, a filha de Ursini determinou ferir e confundir aquelle á quem fizera considerar-se seo noivo, com o desprezo do desdem com que a ultrajara, e com a ostentosa e aggravada continuação de seos namoros.

A tresloucada resolução firmou-se ainda mais nos sophismas indecorosos de Ursini, e nas revoltas do mais falso orgulho.

Rosina, julgando-se iniquamente condemnada pelo publico, quiz assoberbar o juiz, e aturdi-lo com audaciosa affronta; almejando riqueza para gozar, impor-se ao mundo, e comprando emfim um marido, que seria o escravo de seos caprichos, brilhar na sociedade com todo o esplendor de sua belleza, não recuou mais ante o opprobrio de excitar a paixão de Ernesto, deixando-o suppo-la penhorada do seo armor e facil de seduzir.

Não era mais questão de namoro, entretenimento de donzella estouvada e de pouco sizo, era projecto de namoro-negocio, triste aviltamento do coração, venda de sorrisos e requebros á preço de ouro ou do que valesse ouro, transacção ignominiosa, que a desculpa de uma reserva, da reserva extrema, aliás problematica no futuro, não absolvía a indecorosa moça, nem mesmo diante de sua propria consciencia.

Rosina hia pois lançar-se na ingreme e escorregadia ladeira para onde Ursini a empurrava, e tam certo era que ainda lhe repugnava essa miseria da alma que, em seo impetuoso desvario de vaidade, temendo arrepende-se da resolução

tomada, decidio-se á expôr-se e á adiantar-se logo tanto, que não lhe fosse mais possivel voltar atraz.

A desastrada armou-se de fogo e gello.

Pelo gello da indifferença mais profunda ella queria ser o calculo vivo, intelligente, astuto, imperturbavel á recolher despojos de victorias, e á manter sempre indefectivel a segurança da defeza.

Pelo fogo de fingidas flammam amorosas estava certa de abraçar de paixão o presumpçoso seductor, e de hallucina-lo á ponto de o tornar tam incapaz de seduzi-la, como de fugir de sua rede de flôres envenenadas pelo prestigio da embriaguez voluptuosa, sederenta, sempre auspiciosa, nunca satisfeita.

E pelo gello e pelo fogo Rosina se preparava para ser, nessa baixa comedia de amor, um demónio de tentações.

A comedia começou logo com vigor e excesso impudentes na tarde que immediatamente seguiu ao terceiro dia de esperança illusoria e de violento assanho de despeitosa colera.

Rosina mostrou-se á janella com ostentação de faceirice insolente.

Trajava de branco, e o corpinho de seo vestido

da mais fina cambraia de linho, descia dos hombros com inclinação immodesta de modo á formar um angulo em figura de — V — bem no meio do peito, denunciando aos lados e quasi mostrando a parte superior dos seios entoados : era um angulo afouto e impudico em figura de — V — que parecia estar dizendo : — « Vê » — !

Uma gravatinha azul, terminando em pontas de renda, ornava-lhe o pescoço e o peito nú e alvejante ; e, maior provocação ainda, um lindo botão de camelia côr de rosa prendia-se sob a gola do corpinho de seo vestido, mas tam conchegado á axilla, e em pendor tam pouco innocente, que se adevinhava o pedunculo escondido além e por baixo da axilla.

A *namoradeira* tinha ás orelhas brincos de opala, nos punhos pulseiras de esmeralda, e na cintura fios de ouro prendendo o relógio que se abrigava á um lado coberto pelo cinto de fita azul, chameletada, larga e terminando em longas pontas.

Rosina pouco se demorou á janella : tinha apenas querido fazer acto de presença : sorrio consecutivamente á tres namorados ; provocou reparos e inveja, e foi depois sentar-se ao piano que á quatro dias se conservava fechado.

O piano era o posto favoravel e commodo, onde, quando convinha, as melodias abafavão as vozes em seos colloquios com o commendador Ernesto, á quem Rosina esperava animelante nessa tarde.

Ernesto não tardou á chegar; entrou na sala com a liberdade já de costume, e todavia receioso do frio e aspero acolhimento com que nos ultimos dias fora recebido pela caprichosa donzella.

Rosina, tendo presentido a chegada do seo presumido seductor, mascarou-se de melancolia e acrimonia; mas saudou-o menos rispida, e offereceo-lhe a mão, limitando-se á impedir que elle lh'a beijasse.

Ernesto mais animado sentou-se junto de Rosina, e disse-lhe :

— Ainda tão triste! que tens?... ha quatro dias que me maltratas: que tens?...

— É o senhor, e o tempo... duas couzas horriveis!... respondeo a filha de Ursini; é o tempo, porque não pára; e é o senhor, porque é força que pare...

— Que tenho eu com o tempo?

— O senhor? nada: eu, muito: perco-o desastradamente.

— E dizes que sou horrivel?...

— Ah!... se o é! se advinhasse a situação do meo espirito, não teria teimado em voltar aqui: é indispensavel que o senhor comprehenda e execute o que a generosidade lhe aconselha... sua frequencia nesta casa me é nociva...

— Ah!...

— O senhor me está fazendo mal...

— Como?...

— Injurião-me!... é preciso que eu lh'o diga?... devo eu mesma repetir-lhe o que propalão?... senhor!... quer ouvir de mim... que... me assassinão... com o labéo de sua amante?...

E Rosina afflicta bateo com a mão no teclado, que ao choque respondeo com o som rompente e logo extincto de tres notas que parecerão soltar debil grito.

— Que culpa tenho eu dessa infame calumnia!... disse Ernesto.

— Toda, porque as apparencias me compromettem; tornou Rosina agitada; o senhor vem todas as tardes á nossa casa... sua riqueza é arma de seducção... e... olhe para mim... para minhas orelhas, para meos pulsos, para minha cintura... quem me deo as joias que trago?... não ha veneno nestes presentes?... a murmuração não tem fundamento?...

— Eu te defenderei...

— Que defeza?... ah, senhor! o seo escudo seria punhal á atravessar-me o coração! que importa que eu seja innocente e pura?... começo á dizer o contrario, e eu não poderei encontrar agora... ah! e nunca, um homem de brio que me queira por esposa..

— Rosina! Rosina!... tranquilisa-te... o meo amor fará milagres... eu te asseguro...

O demonio de tentação estremeceo commo-vida; mas logo outra vez angustiada, disse trite e um pouco rudemente :

— O senhor não é livre para restituir-me generoso o credito que me faz perder...

— Rosina!... e se eu não fosse casado?... ah! dize; se eu não fosse casado... mereceria a gloria de te dar o meo nome?...

Rosina cravou em Ernesto um olhar cheio de fogo, fez um esforço para fallar e não pode, e abaixou o rosto banhado em lagrimas.

A commoção revelava amor.

— Amas-me?... então amas-me?... perguntou Ernesto fervorosamente.

A habil comica fingio-se alheia á pergunta; mas enxugando as lagrimas, murmurou com doloroso sentimento :

— O martirio deve acabar... Deos me dará coragem e força...

Era responder.

O seductor enthusiasmoou-se e, apertando uma das mãos da donzella, disse apaixonadamente:

— Amas-me! amas-me!... serás feliz!...

Rosina voltou-se para elle desatinada, e fallou á tremer, com os dentes cerrados, e como ao mesmo tempo abrazada em amor e odio:

— O algoz da minha vida á prometter-me felicidade!... ah! pois sim... amo-o; mas tenho-lhe odio!... amo-o... saiba-o... amo-o... e não lhe perdoarei jámais a fraqueza deste amor!...

— Minha Rosina!...

— Sua?... nunca: este amor é do inferno; eu porem tenho por mim a egide da virtude que me faz odia-lo pelo infortunio que lhe devo... saiba-o! eu o amo com odio.

Ernesto ajoelhou-se, e prendendo com sua mãos o braço de Rosina que mais proximo lhe estava, fallou-lhe enternecido:

— Anjo de formosura! ama-me bem com esse odio! que nos importa o mundo? eu te adoro perdido e juro adorar-te assim perpetuamente! serás ditosa, invejada, hallucinadora, deslumbrante de esplendor, de luxo, de riqueza! por ti

serão felizes teos paes... não te faltarão festas, nem bailes, nem fausto, e o teo escravo viverá como rei, tendo seo throno á teos pés...

Rosina interrompeo o canto traiçoeiro, exalando estremeccido suspiro, e murmurando com voz gemente :

— Mas... não posso ser sua espoza...

— Farei que te olhem e te respeitem, como se o fosses... Rosina; eu te garanto amor, tratamento, veneração de senhora casada...

Rosina levantou o braço que Ernesto lhe apertava e, como suavemente enlevada descançou a mão no hombro do encorajado seductor, e perguntou dissimulando a malicia na inefavel doçura da voz :

— E... sua mulher?...

Ernesto ouzou responder:

— Amelia?... coitada! é minha espoza apenas em nome; terrivel e incuravel molestia do coração a está acabando : oh ! não sou máo para dezejar-lhe a morte ; mas... a minha viuvez se aproxima... e na hypothese desse golpe natural...

— Não! exclamou Rosina ; nunca depositarei minha esperanza em uma sepultura ; não quero ter uma mortalha por véo de noiva.

O seductor confundio-se.

A seductora repetio :

— O senhor não é livre para poder casar comigo.

Ernesto levantou-se e fallou de pé ao lado da joven que se conservou sentada e com os olhos cahidos no collo.

— Não sou livre para te dar o meo nome; mas sou-o para consagrar-te a minha vida; e para te garantir brilhantissimo futuro.

— Por que preço?...

— Já te disse mil vezes... á preço da doce illusão de meos sentidos!... deixa-me idolatrar-te, santa, inocente como és, e com a consolação unica de me julgar amado por um anjo, em cujos pés jamais minhas mãos poderão tocar...

E pelo tremor da voz de Ernesto, que em seo dizer não concebia que suas mãos podessem *tocar-lhe* os pés, Rosina comprehendeo que elle aproveitando a commoda posição, estava procurando tocar com os olhos em dous thesouros mal vedados pelo corpinho do vestido.

Mas em vez de perturbar-se com a certeza da immodesta profanação, a filha de Ursini começou á respirar palpitante e como agitada por vehementes sentimentos, de modo que, no arfar inter-

mitente, ainda mais se expunha petulante ao voluptuoso exame de Ernesto que tambem ainda mais se hia abrazando em fogo impudico.

— Ah!... balbuciou a donzella: o povo é mão... murmura tanto...

Rosina mudara de tom, e em modulação queixosa parecia pedir mais um esforço para render-se aos primeiros e ainda disfarçados assaltos do seductor.

— Zombaremos facilmente do povo: peço-te só paciencia por duas ou tres semanas: afirmo-te que vencerei estupidos preconceitos; trarei Amelia e minhas filhas por vezes á esta casa: irás passar dias com ellas, e te mostrando no theatro e nos bailes ao lado de minha mulher, ninguem duvidará da innocencia de nossas relações, e nós nos amaremos... seremos ditosos...

Rosina voltou-se para Ernesto, e com romanesca explosão de sublime delicadeza, disse:

— Ah!... nunca nodoarei o meo amor com a hypocrizia!...

É como arrependida do que acabava de dizer, tornou a abaixar o rosto, e murmurou vergonhosa:

— Eu amo... sim!... foi mais forte do que a

minha vontade... o senhor me obrigou á amar... ah!... mas é amor sem esperança!...

— Santa menina!... espera!... exclamou Ernesto, aprofundando os olhos em um abysmo de voluptuosidade.

— Que posso esperar?... desgraçada!..

— Espera tudo; conta com o meo amor, conta com a riqueza, com a felicidade sem quebra da tua innocencia, e, eu já t'o prometti sob juramento, se o quizeres, se o exigires, conta com um noivo e com o teu casamento...

— Casamento?... ah! ha quatro dias que regeitei um...

— Rosina!...

— Mas... o senhor tem razão... é preciso, é indispensavel que eu me case...

E a joven se levantou convulsa, agitada, e quasi delirante.

— Não é assim?... devo casar-me... com outro!... e o senhor me trará um noivo, e me dirá: — casa com elle!...

— Ápezar meo...

— Promette-o?... perguntou Rosina cada vez mais exaltada.

— Sim! disse Ernesto inebriado.

— Jura-o?...

— Juro-o !

— Ah ! que gelo e que malvadeza !... exclamou Rosina ; é assim que ama-me ?... senhor ! eu o aborreço... quero que me deixe em paz... o seo dever é não tornar á esta casa : saia !...

— Louca !

— Guarde o seo noivo para suas filhas !... homem maldito !... saiba-o : eu nunca me hei de casar... eu não quero casar-me !...

A voz de Rosina sahia entre cortada da garganta.

Ernesto, meio entusiasmado, meio attonito avançou um passo e perguntou :

— Ah ! e porque ?... dize ! porque ?...

Rosina, fóra de si, ardendo em flammas de volcão prorompente, respondeu, torcendo as mãos, recuando, e em manifestas torturas da alma :

— Algoz ! homem fatal ! porque te amo !...

E cahio sentada em uma cadeira, ao mesmo tempo que Ernesto outra vez se ajoelhava diante e junto della.

— Abençoada sejas ! disse elle, abençoada por Deos e pelo meo coração !...

Rosina escondia o rosto entre as mãos e parecia soluçar.

— Santa!... formosa santa!... continuou Ernesto, ousando levar seus braços em torno da cintura da donzella, que ou por desvairada, ou por condescendencia, o não repellio.

O seductor ufano ousou logo mais incolente liberdade, e elevando o tronco até ficar com a boca na altura do peito da joven, disse, apertando-lhe a cintura

— Santa menina!... permite ao amor mais puzo um beijo no teu seio candido!...

Rosina lançou-se fora da cadeira á tempo de impedir o beijo sacrilego, e parando á dous passos, olhou colerica para Ernesto, e como tornada á razão, quiz fallar, e as palavras não poderão sahir-lhe dos labios convulsivos; mas, em quanto com a mão esquerda espalmada sobre o meio do peito escondia o seio, com a mão direita parecia mostrar a porta.

Ernesto, de joelhos como estava, e com a face ainda acesa em voluptuosas chammas, estendeu os braços para a donzella e balbuciou á tremer:

— Perdão!... se me tens amor, perdão!... foi um instante de delirio!... perdão!...

Rosina ainda por alguns momentos manteve-se immovel em sua attitude de senhora offendida e justamente irada; mas pouco á pouco se

foi commovendo, e, emfim enternecida pelo apparente arrependimento do refalsado seductor, sorriu-se com brandura, e corando de leve, tirou de junto da axilla o botão de camelia cor de rosa, e avançando um passo, deixou-o cahir nas mãos de Eraesto.

O seductor não esperava tanto; quando porém Ynebriado levantava logo os olhos do botão de camelia para Rosina, vio-a, fugindo ligeira para dentro.

Em breve a louca donzella voltou á sala com sua mãe que trazia o afilhado ao padrinho.

Joanna era uma pobre victima resignada, mas triste e francamente triste; Ernesto que desde alguns dias se apercebia d'isso, desfez-se em agrados, dando-se porém pressa om retirar-se.

E apenas tinha elle sahido, e mal pudera ter descido a escada, Rosina atirou-se no sophá e desatou á rir.

— De que ris assim, menina?... perguntou Joanna.

— Rio-me d'elle, minha mãe! disse Rosina; o seo compadre é mais tolo do que eu suppunha.

— E quam rirá no fim?... toanou a mãe com voz magoada.

— Elle por certo que não ; respondeo a filha, rindo ainda mais.

Joanna deixou-a rir : a fraca mãe e submissa esposa tinha errado na sua segunda e ultima pergunta : ella deveria ter perguntado *não quem riria, mas quem choraria no fim.*

XI

O resentimento do orgulho offendido deparára bem depressa auxiliar poderoso na leviandade da namorada.

Rosina se vangloriou tanto da habilidade com que soubera simular-se apaixonada de Ernesto, e tão divertido achára o doce engano em que o velho seductor ficára á presumir-se de facil triumphador, expondo-se em ridiculo quadro de volcanicos transportes, que nem se arrependeo nem se assustou do excesso á que levára a sua comedia de amor.

Além de tudo aquelle botão de magnolia que ella fizera passar de seo seio para as mãos de Ernesto, logo depois da tentativa do beijo mais atrevido, fora mais que o perdão da insolencia, e quasi a concessão do beijo; e a donzella que desse modo procede, confessa-se abandonada pelo anjo do pudor, mais que muito sugeita aos

impetos voluptuosos do homem que ama, e que em algum outro ensejo vertiginoso será capaz de levar as conquistas do seu ardor até o extremo do abuso.

Foi por pensar assim que Ernesto logo no dia seguinte voltou á casa de Ursini, contando adiantar seus planos de seducção, com o goso tolerado de seus olhos e de seus labios, lascivos destruidores das ultimas defezas do pejo que por ventura ainda lhe disputava a sua victima.

Mas Rosina tinha o dom das contradicções e das inconquencias caprichosas. Na vespera mostrara-se toda incendio e expansões vehementes, provocadora pelo toilette, flammejante pelos sentimentos, quasi prostrada pelas confissões immodestas, e pelas condescendencias ousadas que parecião marcar o termo da luta e da resistencia; e no dia immediato e então que Ernesto chegava tão esperançoso e acoroçado, ella melancolica e seria, trajando com apuro de modestia, trazia sobre o corpinho do vestido de cambraia uma jaqueta de setim verde claro abotoada até o pescoço, e sem commoção, nem movimento de affecto algum ao ve-lo entrar, deo-lhe a mão, e com simplicidade deixou que elle lh'a levasse aos labios.

— Tão friamente me recebes !... disse Ernesto.

— É penitencia pelos meos peccados de hontem ; respondeo Rosina.

— Que peccados, innocente menina ?...

— Na tarde de hontem transviei-me, arrebatando-me á ouvi-lo ; disse o que não devia, e concedi o que o recato prohibe ; errei. Não quero errar mais . passei a noite á chorar ; não vê como estão os meos olhos ?... veja !

Ernesto olhou ; mas o que vio, foi o mais suave languor nos olhos mais captivadores.

— Errei muito ; repettio ella.

E accrescentou tristemente :

— O senhor deve ter feito de mim juizo bem mesquinho !...

— Ah ! não !... sahi hontem d'aqui beatificado, santamente felicitado pelo teo amor !...

— Sim ; porque me abati bastante para que o senhor sonhasse com a minha ignominia.

— Rosina ! quando eu esperava achar-te meiga e alegre... terna, e complacente...

— É isso mesmo !... ah, quanto desci !... o senhor veio com a certeza de que me encontraria ainda mais hallucinada, e prompta á deixar-me levar á seducção e á ser sua amante !...

Ernesto prorompeo em novos protestos de amor puro e respeitoso, outra vez traçou o painel deslumbrante das magnificencias que garantia á sua amada platónica, e esgotou todos os recursos da eloquencia dos seductores, propinando veneno em thuribulações de lisonjas, em disfarçados incentivos da ambição, e nos juramentos mais solemnes de perpetua dedicação.

O empenho de Ernesto era sem duvida inflammam os sentidos, e aturdir a razão da donzella que menos irreflectida então se mostrava, e mal se apercebeo que ella começava á escuta-lo com os olhos á fugir-lhe como medrosos, e com leves estremecimentos denunciadores de comprimido abalo interno, interrompeo-se de subito, e suspirando, murmurou:

— É demais!... não posso!... adoro-te muito!...

E curvou-se, e foi tomar as mãos que Rosina descansava no collo; ella porém levantou-se logo, e, afastando-se, sentou-se no sophá.

Ernesto seguio-a e tomou uma cadeira perto della.

— Porque me foges? perguntou.

— Tem razão de o perguntar... hontem eu não sube fugir...

— Ainda essa idéa cruel !...

Rosina repellio brandamente as mãos de Ernesto que outra vez buscavão as suas e disse-lhe com accento de melancolia :

— Ouça-me um instante : o senhor achou-me bella ; disse-m'o e eu gostei de ouvi-lo ; amou-me, ou fingio amar-me, e eu, louca, levada pelo desvanecimento, deixei-o fazer-me a côrte, namorar-me sem pensar que me expunha, até que um dia despertei afflicta, angustiada, reconhecendo que tambem o amava... ah !... mas eu amava um homem casado !...

— Anjo de minha vida !... exclamou o seductor.

— Lembra-se ? continuou Rosina cuja voz requintava de doçura e magoa ; lembra-se ?... uma tarde o senhor me mandou tocar piano e ouvi-lo : eu toquei harmonias, e o senhor fallou-me da sua ternura e propoz-me um contracto absurdo... e di-lo-hei, perfido...

— Rosina !

— Para si o direito de amar-me, zelando contra si proprio minha pureza... durante seis mezes o direito de beijar-me as mãos... e no fim uma vez... uma só vez os labios... lembra-se ?...

— Sim... e ainda hoje...

— Para mim a condescendencia com esse amor sem esperança... e no fim dos seis mezes o favor do casamento com um homem de minha escolha... favor... favor... e vergonha; porque o favor era o meo dote... e nesse dote havia uma suspeita de fraqueza...

— Ah! e a tua consciencia?...

— Lembra-se?... eu zombei do seo contracto; não o repelli porém... ah! quer saber porque?... zombei; porque eu vi no absurdo a perfidia da seducção; e não o repelli, meo Deos!... porque naquelles seis mezes... digo-o! naquelles seis mezes... eu tinha a consolação tormentosa da presença de um homem que eu não devia amar, e amava!!!

A consummada namoradeira, fallando assim maviosa e triste, envenenava por sua vez o sangue do seductor, do velho que estava refervendo em ardores de sensualidade.

O bello demonio tentador proseguio, abaixando a voz:

— E tambem porque... sem perder aquella consolação dolorosa... eu esperava abafar e vencer o... sentimento infeliz... apressando um casamento... que... mezes antes... eu promettera...

— Oh! não te has de casar! não quero!... não podes faze-lo, pois que é á mim que amas!... disse Ernesto, conseguindo emfim prender e apertar entre as delle uma das mãos de Rosina.

— Eu não devia te-lo ouvido, senhor!... ouvir um homem casado fallar-me de amor, era animar idéias que me desairavão; ouvi-o porém; e fiz mais, aceitei do senhor presentes de joias e de enfeites... ah!... não os aceitarei mais!... fique sabendo, tomarei por injuria, e repellirei qual-quer novo presente! isto é positivo; mas é tarde... já olvidei-me bastante da virtude; e ainda bem que a dor do castigo me apanhou somente á beira do abysmo!... ah! ao menos não cahirei no fundo!...

— Que castigo?... que dôr de castigo?...

— Hontem, o senhor teve a culpa, inflammando-me o coração; hontem, em horas de desatino, offendi o meo brilho de donzella, patenteando os assanhos de uma paixão criminosa, e o senhor punio-me logo, marcando o posto que me prepara, quando tentou chegar com os seus labios até a altura de meo seio!...

— Oh!... tu me perdoaste esse impeto de arrebatamento!...

— Sim! disse Rosina; e fiz mais... e dei-lhe um botão de camelia que estava aqui!...

E arrancando a mão, que Ernesto lhe tomára, apontou para a axilla, e, inundando o rosto com o rubor do pejo, repetio dolorosamente:

— Que estava aqui!...

E continuou immediatamente com voz amargurada:

— Não pensa que foi demais?... ou foi petulancia ou delirio: petulancia, despreze e condemne a donzella sem recato; delirio, deixe que ella arrependida, envergonhada, infeliz, mas já advertida, se premuna contra novos accessos, e mate, ainda mesmo afogado em lagrimas, o affecto que a ameaça com a deshonra.

— Não haverá deshonra que te manche... não! é meo orgulho a tua innocencia, é minha religião realça-la...

Rosina olhou para Ernesto com expressão de acerba magoa.

— Ainda!... observou.

— Não se adorão as santas e os anjos?... perguntou o seductor, inclinando-se para melhor e de mais perto contemplar o rosto da donzella.

Ouvindo a banalidade, e vendo o movimento de Ernesto, Rosina levantou-se outra vez, e á poucos passos voltando-se e encarando o velho, que tambem se erguera, disse com furor que se foi tornando vehemente:

— Julga-me criança inexperta!... já não ignora que por desgraça o amo; á despeito porém de seos sophismos pueris, eu vejo o que me offerece o seo empenho; hoje namoro vão que me compromette... amanhã mais um passo para a minha perdição em beijos roubados... depois a paixão crescendo em mim e as exigencias no senhor... seos olhos á desvendar-me o seio... seos labios á nodoar-me a candidez do seio... depois o calculo á esperar a hora e a fraqueza da donzella sensivel á adianta-la... depois... emfim... um dia...

Rosina desatou á chorar.

— Tu me calumnias o coração, e calumnias a tua virtude! exclamou Ernesto, chegando-se para a afflicta joven.

Mas Rosina recuou dous passos, e balbuciou por entre soluços:

— Depois emfim... um dia, seduzida... deshonrada... e depois á seo arbitrio!!!... o senhor triumphante e ufanoso... eu decahida... e amante de um homem casado!...

As ultimas palavras sahirão como um gemido rouco da garganta de Rosina, que titubiou quase á ponto de cahir.

Ernesto lançou-se para acudi-la, estendendo-

lhe os braços ; a consternada donzella porém repulsou-lhe as mãos com impulso nervoso, e á derramar lagrimas que rolavão como perolas por suas faces, correo para o piano, e começou a tocar com abalo vivissimo aquelle pungente *alegro* do dueto final da *Traviata*: « *Gran Dio!... morir si giovane. — Io che penato ho tanto!*... »

Ernesto ficou em pé, onde estava, esperando que acabasse a musica, e serenasse a afflicção de Rosina; suspendeo-se porém ao ver que esta, havendo chegado ao fim do doloroso *alegro*, immediatamente o recommçava.

Dir-se-hia que executando aquella commovente inspiração de Verdi, a donzella se entregava toda ás apprehensões e ao terror da triste sorte da *Traviata*, apavorando-se ante a idéa de poder tambem chegar á ser *desencaminhada*.

Ernesto esperou ainda; mas Rosina, em exaltamento crescente, pela segunda vez acabou e pele terceira tornou á começar no piano o canto choroso da dôr e da morte.

— Não toca essa musica!... ella me faz mal! exclamou Ernesto.

E Rosina tocava sempre consternada; e com phrenesi e desespero depois da quarta, pela quinta e pela sexta vez fazia ouvir o admiravel: *Gran Dio!... morir si giovane...*

O seductor foi confundido pela musica obstinada que o condemnava na lição tremenda de uma victima do amor criminoso, e atordoado e corrido tomou o chapéo e sahio sem ao menos conseguir ser attendido em sua despedida.

Rosina continuou á tocar com o mesmo ardor, dando tempo á que Ernesto, ainda na rua perseguido pela musica de escolha inspirada, se distanciasse bastante ; mas já então transfigurada e risonha, quando retirou as mãos do teclado, disse, fallando comsigo, e respirando cansada :

— Isto diverte ; mas fatiga um pouco...

XII

A intriga imprudente e indecorosa em que se enredavam Ernesto e Rosina, offercia á esta enganosas consolações.

A filha de Ursini, amenisando-se estouvadamente com a mystificação do seo velho namorado, pensava menos na murmuração que lhe estava arruinando o credito; e muito esperançosa de em breve dominar completa e absolutamente Ernesto de modo á endoudece-lo de paixão, calculava com todas as vantagens do plano concebido por seo pae, e prelibava os gosos da riqueza que almejava.

Mas nem por isso Rosina podia sentir-se plenamente satisfeita: em seo coração de donzella ainda muitas vezes retinia o grito da consciencia, annunciando a indignidade do seo procedimento, e rebaixando-a na comparação com as jovens innocentes e pudicas.

E além da consciencia que pungia, a vaidade ferida não esquecera o abandono ou a fria reserva de Angelo.

Na vida da familia ainda Rosina tinha de que magoar-se; porque, embora procedesse conforme os conselhos de seo pae, e não fosse contrariada por opposição activa de sua mãe que a deixava livre, lia de continuo na face abatida de Joanna tristeza profunda e reprovação abafada.

Na manhã seguinte á tarde em que tantas vezes recommençara o *Gran Dio!*... *morir si giovane*, da *Traciata*, achava-se Rosina á sós na sala e melancolicamente pensativa.

Tinha-lhe sido muito incommoda a noite que passára: tantas vezes havia tocado no piano aquelle maravilhoso trecho de *Verdi*, que sua memoria, já escrava das melodias e independente da sua vontade, importunou-a no leito, repetindo-lhe teimosa, desobediente, implacavel e incessante por mais de duas horas a musica que espantára Ernesto e que então lhe impedia o somno, flagellando-a de continuo e como se fôra um castigo, tocada e cantada pela consciencia.

A noite mal dormida aborria ainda Rosina, quando inexperadamente alguem se annunciou, batendo palmas á escada, e logo depois a escrava,

ama do pequeno Ernesto, introduzio na sala Angelo.

A joven donzella não poude conter uma exclamação de surpresa; mas immediatamente dominando-se, convidou o mancebo á sentar-se.

A visita de Angelo, cujo nome fôra levado pela escrava á Joanna, produzira nesta a mais agradável impressão, e o renascimento de suas esperanças mortas.

A pobre mãe já por tam pouco alegre e reanimada esmerava-se de plano em corrigir o seo *toilette* domestico para ir apresentar-se á Angelo, dando assim longo tempo aos dous namorados, que naturalmente applaudirão a sua ausencia, para em liberdade firmar nos laços de innocentes caricias a paz e harmonia de seos corações arrufados.

Angelo sentara-se em frente de Rosina e por alguns momentos guardara silencio, procurando em vão disfarçar pezaroso embaraço.

Rosina tinha bem depressa passado da surpresa á ufanía, contando que o seo noivo, tarde embora, viera emfim impetrar o seo perdão, e habituada aos enleios do joven pintor, disse-lhe para obriga-lo a fallar :

— É grande favor para nós sua primeira visita á nossa familia.

Angelo agitou-se e, como quem tivesse enorme peso de que descarregar-se, respondeu com promptidão e anciedade :

— Minha senhora, esta visita é o cumprimento de um dever cruel e doloroso.

— Ah ! cruel... doloroso?... em relação á quem?...

— Em relação a mim ; pois tenho de parecer máo e indigno, quando somente sou muito desgraçado.

— Mas... porque?...

Angelo fallou apressado e com voz tremente.

— Minha senhora, vim hoje aqui... para confessar á seos paes a doce esperança que eu nutria, e o infortunio que me sobreveio... já communiquei tudo á minha tia e sua madrinha... e agora...

— Que infortunio foi esse?... perguntou Rosina, interrompendo o mancebo.

— Minha senhora, amei-a, amo-a, e jamais deixarei de ama-la : oh !... o meu primeiro será o meu ultimo e unico amor !...

— E o seu infortunio?... é esse?...

— A sua formosura, suas virtudes, sua candida innocencia e a sua affeição farião de mim o mais feliz dos homens : oh !... e não foi a se-

nhora, que destruiu a minha querida esperança ! não foi !... e não é o meo coração, não é a minha vontade, pois que a amo cada vez mais extremo, é a fatalidade, é um juramento sagrado e lugubre que vae roubar-me a gloria mais desejada !...

Rosina olhou confusa e desconfiada para Angelo ; nas vio-lhe no rosto contrahido a eloquencia viva de uma grande dor : entretanto ella corára fortemente, pois era claro que estava ameaçada de formal despedida.

— Era isso que vinha dizer-me diante de meus paes ?... perguntou com sorriso de ironia mal fingido.

— Era, minha senhora, e não me condemne antes de ouvir-me até o fim. Sou culpado ; mas peço venia para defender-me.

— Se ninguem o accusa !... eu nem lhe pediria explicação ! disse Rosina disfarçando a colera em aspero desdem.

Angelo, tendo os olhos no chão, continuou á fallar desasocegado.

— Meo pae era bom e extremo, embora severo : eu o amava e lhe obedecia como escravo ao senhor : ha um anno, na vespera do dia de sua morte, elle chamou-me para junto de seo

leito, e entregando-me uma carta fechada e lacrada, disse-me: « Nesta carta que te deixo, está escripta a minha ultima vontade; é um pedido que te faço; dentro de poucas horas morrerei, e quero morrer tranquillo e feliz. »

Rosina, á pezar seo, escutava curiosa.

Angelo ainda em maior agitação proseguio, dizendo :

— Eu estava de joelhos; meo pae, depois de descansar alguns momentos, fez grande esforço e disse-me com ardor: « Jura que não abrirás esta carta, senão no dia em que completares vinte e dous annos. » Era desse dia á um anno, minha senhora; e eu jurei o que meo pae ordenava.

Rosina que ouvira attenta, notou que Angelo confrangido e como que atropellado se consumia, e afflicto enxugava o suor que em bagas lhe corria da fronte.

Porque tão extraordinaria commoção?...

Mas Angelo proseguio logo:

— Meo pae sorrio-se, ouvindo o meo juramento e ainda mais animado disse ou quasi que clamou: « Filho!... jura que cumprirás minha ultima vontade! que has de realisar o pedido de teo pae moribundo! »

E o mancebo, respirando emfim livre de esmagadora appressão, accrescentou :

— E eu jurei, minha senhora.

— Ah!... disse Rosina contendo a violencia do seo despeito e sorrindo outra vez com a ironia convulsa da raiva; ah!... e essa carta funebre...

Angelo respondeo rapido:

— Ha cinco dias que completei vinte e dous annos... abri a carta...

A voz de Angelo tremeo ainda mais, quando elle teve finalmente de dizer:

— Meo pae me pedia, ou me ordenava nessa carta que eu... me casasse... com a filha... de um alfaiate nosso visinho... uma pobre menina que era sua afillhada...

E Angelo murmurou abattido, e doloroso:

— Eu tinha jurado, minha senhora!...

Em seos delirios, em sua exaltação descomedida a colera descamba muitas vezes na zombaria indigna e baixa: foi por isso que Rosina esquecida do respeito que á si se devia, e da nobre attitude que lhe cumpria assumir nessa situação sem duvida cheia de vexames e de revoltas do orgulho, exclamou:

— A filha do alfaiate!... o casamento é eco-

nomico... o senhor terá quem lhe faça os paretots e as calças de graça !...

E quiz rir, mas não poudo: Rosina tinha o coração; afagado em raiva.

Era na verdade provavel, talvez certo, que Angelo houvesse imaginado essa falsa historia da carta do pae á morrer, e dos seus juramentos, para lhe serivrem de pretexto ao rompimento dos laços que o prendião á Rosina; mas, se, como tambem parecia explicavel, verosimil; a desconsoladora despedida tinha por cauza o procedimento incongruente e, altamente reprehensivel da donzella *namoradaira*, não podia haver *mentira* mais desculpavel, nem mais generosa, do que essa em que o noivo offendido tomava o lugar de reo de infidelidade.

Com effeito Angelo, confessando sua obediencia ás ordens do pae moribundo, assumia a responsabilidade da quebra do compromisso que o ligava como noivo á Rosina; mas honorificava esta, dando testemunhos de sua innocencia e pureza; reconhecendo suas virtudes, e banindo qualquer conjectura contra ella pelos protestos de amor infeliz que lhe tributaria sempre e a despeito do casamento que constrangidamente hia realizar, exaltava o merecimento da donzella, e somente á si se condemnava.

Mas Rosina não vio, não comprehendeo, não podia ver nem comprehender essa delicadeza da generosidade de Angelo que a poupava á confuzões e que a innocentava, ostentando fé em sua pureza, e vindo de proposito declarar-se réo de imaginario delicto de inconstancia ou de perfidia, que elle tornava mais acreditavel, queixando-se da fatalidade, ou do juramento que o escravizava á vontade d'alem tumulo de seo pae.

Angelo ouviu sem offender-se o sarcasmo pungente, despropositado, descortez, e mal cabido em circumstancias tão serias e desagradaveis para ambos; esperou em silencio alguns momentos que se moderasse o inconveniente acendimento da ira de Rosina, e vendo-a emfim palpitante, á olha-lo como odienta; mas altiva, e soberba ao menos no apparente conspecto, disse-lhe commovido e verdadeiramente pesado e torturado:

— É por isso, minha senhora, que depois de quatro dias de indivéis tormentos, escravo de um dever que é desgraça, victima de uma obdiencia que me mata a esperanza da felicidade, venho hoje á seos pés restituir-lhe a sua palavra de formosa, encantadora e virtuosa noiva, e retirar a minha de homem involuntariamente nfiel e para sempre desditoso.

A filha de Ursini lançou sobre Angelo um olhar de soberano desprezo, e respondeu com voz um pouco abalada, mas afinada gravemente pelo orgulho :

— Não lhe pedi pretextos para acabar por si o que já estava acabado por mim. Desde a ultima noite em que nós encontramos em casa de minha madrinha e sua tia, creio que bem claramente eu lhe tinha *restituido* a sua palavra, e *retirado* a minha.

— Ah! murmurou Angelo, perturbando-se: eu não pensava...

Rosina levantou-se, indicando-lhe despedida; mas accrescentou, atraindo a dissimulação do seu resentimento :

— A sua visita em todo o caso me foi muito honrosa; juro porém que eu não me lembrava mais do senhor...

Angelo tinha-se tambem levantado e tomando o chapéo, disse :

— Ainda bem, minha senhora! vossa excellencia me poupa á um remorso; não pode porém curar-me a dor profunda que me atormentará toda a vida!

E exaltando-se no momento supremo da separação, o nobre e apaixonado mancebo fallou com exaltação.

— Anei-a!... amo-a!... ama-la-ei sempre!... morrerei com este amor!... como este amor, digo-lh'o, não encontrará maior, nem mais puro!... igual, não sei, duvido!... minha senhora... adeos!... ah!... seja feliz!... para mim este adeos é como o da morte... seja feliz!... adeos!... dona Rosina... adeos!...

E Angelo sem poder disfarçar e menos conter as lagrimas, sahio apressado e na mais pungente afficção.

Rosina vio tudo nessa consternação do noivo que lhe fugia...

Era o céu do amor dos anjos que se fechava á *namoradaira* indecorosa...

Era o castigo... era...

Mas nesse momento Joanna entrou na sala.

— Que é delle?... perguntou.

Por umica resposta Rosina succumbida apontou para a porta.

— Já?... retirou-se já ?...

— E para sempre!... murmurou surdamente Rosina.

FIM DA SEGUNDA PARTE E DO PRIMEIRO VOLUME.

Inferno, a Dança dos Ossos. 1 v. br. 2^o, enc. 3\$000
POESIAS. Cantos da solidão. 1 v. enc. 6\$000

Paujo de Kock.

CAROTIN. 3 v. in-8^o br. 3\$000
GALICHO. 4 v. br. 4\$ 00, enc. 6\$000
PAULO E SEU CÃO. 8 v. br. 4\$000

Moreira de Azevedo

OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico. 1 v. in-8^o brochad. 2\$000
LOURENÇO DE MENDONÇA, romance historico. 1 v. br. 1\$500

Camilla Castello Branco

ANATHEMA, romance. 1 v. encadernado. 2\$500
DOZE CASAMENTOS FELIZES. 1 v. enc. 2\$500
DUAS HORAS DE LEITURA: Dois santos não beatificos em Roma, De Porto e Braga. 1 v. br. 1\$000, enc. 2\$000

Alex. Damas

AVENTURAS DE LYDERICO. 1 volume in 8^o br. 600
HISTORIA DE UM MORTO. 1 volume in 8^o. 600
SOPHIA PRINTEMPS. 2 v. br. 3\$000
MADEMOISELLE DE BELLE ISLE, drama. 1 v. 1\$000

Ci. Robert

O MARQUEZ DE POMBAL. 1 v. brochado 1\$000, enc. 1\$600

Eugenio Sue

A INVEJA 1 v. in-8^o brochado 2\$000, encadernado 3\$000
A IRA. 1 v. in-8^o br. 2\$000, enc. 3\$000
A SOBERBA, 1 v. in-8^o br. 6\$000, enc. 8\$000

Teixeira e Souza

MARIA OU A MENINA ROUBADA. 1 v. brochado. 2\$000
O FILHO DO PESCADOR. 1 v. brochado. 2\$000

J. F. Freire

A PAIXÃO DE OLYMPIO. 1 v. brochado. 1\$000

P. Févai

A LORA. 3 v. in-4^o br. 3\$000

Flévyé

O DOUC DE SUZANINHA. 1 v. b. 5\$000

Guimarães Junior

HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8^o br. 4\$000

A. C. Louzado

RUA ESCURA. Tradição portunense. 18 v. in-4^o enc. 3\$000
OS TRUPEIROS, romance. 1 v. in-8^o brochado. 1\$000

A. P. Corrêa Junior

DA CÔRTE À FAZENDA DE SANTA-FE. Impressões de viagem 1 v. br

Victor Hugo

HOMENS DO MAR. 3 v. in-4^o br. 3\$000

X. de Moutépin

EM DRAMA NAS MONTANHAS. 1 v. brochado. 1\$000

Max Valrey

MARTHA, romance. 3 v. br. 3\$000

A. Zalnar

CONTOS DA BOCA. 2 v. br. 2\$000
REVIAGIÕES. POESIAS. 1 v. in-4^o enc. 5\$000
PERGRINAÇÕES pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4^o enc. 6\$000

Méry

RAFAEL E A FORNARIA. novella. 1 in-4^o. 800

F. de Mircourt

A ÚLTIMA MARQUEZA. 1 v. in-8^o brochado. 1\$000

Molé Gentilhomme

JOANNA DE NAPOLES, romance historico. 1 v. in-4^o br. 2\$0 0, encadernado 3\$000

J. Norberto de S. S.

ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc. 4\$000
BRASILEIRAS CEBRIFAS. 1 v. in-8^o enc. 2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS. Contos poeticos. 1 v. in-8^o enc. 2\$000

A. A. de Pasenal

A MONTE MORAL. 4 v. br. 8\$000, encadernados. 12\$000

O conselheiro J. M. Pereira da Silva

JERONYMO CÔRTE REAL. 1 v. encadernado. 3\$000
MANOEL DE MORAES. 1 v. br. 2\$000, enc. 3\$000
GONZAGA. Poema. 1 vol in-8^o enc. 3\$000

F. T. da Costa Braga
A HONRA DE UM PORTUGUEZ, comedia-drama em 2 actos e 1 prologo. 1 v. 18000
O QUE É O MUNDO! comedia-drama original de costumes populares em 2 actos. 1 v. 800
O QUE SÃO AS RIQUEZAS! comedia-drama em 2 actos, seguimento da comedia em 2 actos «O que é o mundo.» 1 v. 18000
PAULA E MARIA, ou a escravatura branca, comedia-drama em 2 actos. 1 v. 18000

Félix Pyat
OS DOUS SERRALHEIROS, drama em 5 actos. 1 v. br. 18000

C. A. Cordeiro
O ESCRAVO FIEL, drama original em 5 actos. 1 v. 28000

H. Hostein e Tavenet
A ESTALAGEM DA VIRGEN, drama em 5 actos. 1 v. 18000

J. S. M. Leal Junior
OS DOUS RENEGADOS, drama em 5 actos. 1 v. 18000
O HOMEM DA MASCARA NEGRA, drama em 5 actos. 1 v. br. 18000

B. Lopes de la Vega
OS INGLEZES NO BRASIL, comedia em 2 actos. 1 v. 18000

A. Feliciano de Castilho
MEDICO A FORÇA, comedia a antiga de Molière, trasladada para o portuguez. 1 v. 28500

Quintino Bocayuva
OS MINEIROS DA DESERÇAÇ, comedia. 1 v. 28000

L. C. M. Penna
O NOVIÇO, comedia 3 actos. 1 v. br. 18000

H. Crémieux
ORPHEO NOS INFERNOS, opera bufa em 2 actos e 4 quadros, musica de M. Jacques Offenbach. 1 v. br. 18000

J. Romano
29 OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros. 1 v. br. 18000

Augusto de Castro
BARBA DE MILHO, parodia phantastica do Barbe Bleue. 1 v. 18000

Voltaire
BRUTO, tragedia. 1 v. 640

L. Gozlan
OS VESTIDOS BRANCOS, drama em 2 actos, ornado de canto, traduzido por A. M. Leal. 1 v. 18000

A. M. de Souza
PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos. 1 v. in 4º br. 18000

A. Dumas e A. Maquet
O CAVALHEIRO DA CASA VERMELHA, drama em 5 actos e 12 quadros. 1 v. 18000

L. F. Cardoso de Carvalho
OS DOUS PROSCRIPTO, ou a restauração de Portugal, drama em 5 actos e 6 quadros. 1 v. 18000

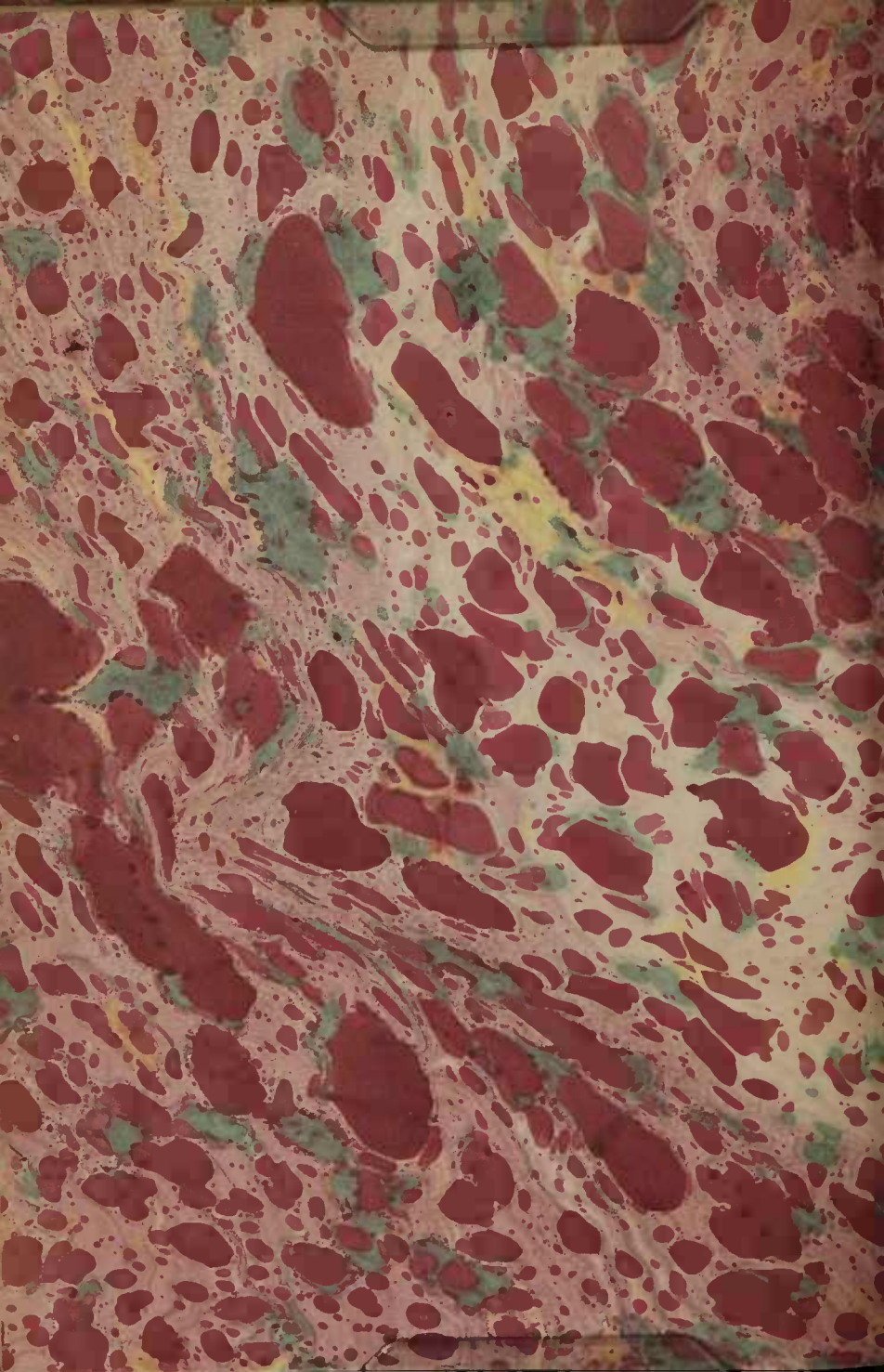
J. A. Ribeiro de Rezende
POR CAUSA DE MEIA PAEÇA, comedia em 1 acto. 1 v. br. 800

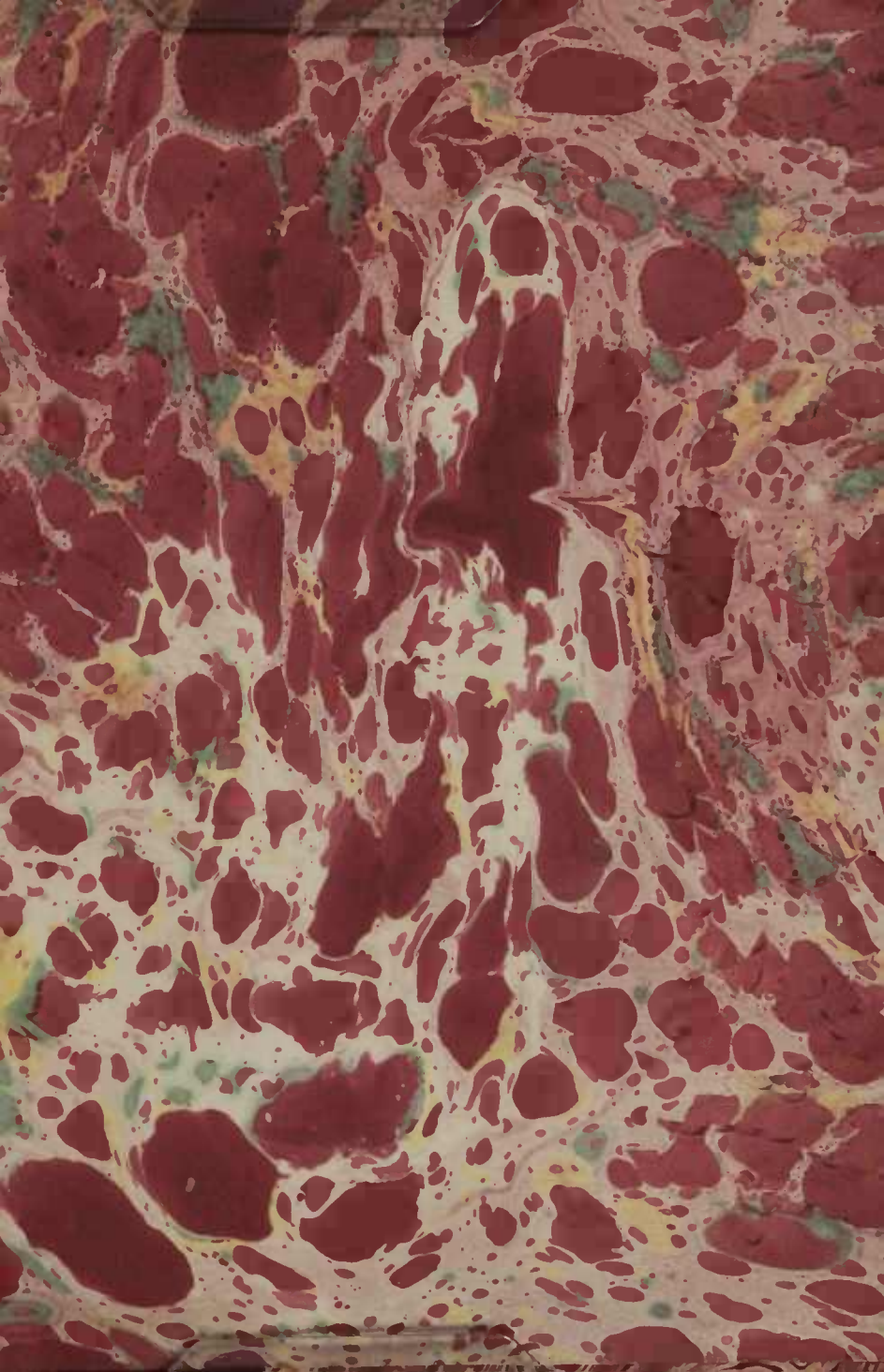
Aristides Abranches
O REINO DAS FADAS, comedia phantastica em 4 actos e 20 quadros. 1 v. br. 186.0

Laureaciu
SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos. 1 v. br. 18000

J. R. Pires de Almeida
TIRA DENTES OU O AMOR E ODI, drama historico em 3 actos. 18500

ROLDÃO AMOROSO. 2 v. enc. 48000
O PHENOMENO, ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 600
POR CAUSA DE UM SACRISTÃO, ou os infantes improvisados, comedia em 1 acto. 1 v. 18000
REMITTENDO O GUERRILHEIRO, drama em 3 actos e 2 epochas. 1 v. 18500
O CAPITÃO BETTERLI, comedia em 1 acto. 1 v. 18000
CLARA HARLOWE, drama em 3 actos, entremeiado de canto. 1 v. 18000
ELIZA OU A VIRTUOSA CASTRO. 1 v. in-8º br. 600







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).